PRISCILLA THAIS MARQUETO

Falando consigo mesmo, mas não falando sozinho:
procedimentos, processos comunicacionais e meios digitais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof. Assoc. Dr. Marcelo Tramontano

São Carlos
2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

M357f Marqueto, Priscilla
Falando consigo mesmo, mas não falando sozinho:
procedimentos, processos comunicacionais e meios
digitais / Priscilla Marqueto; orientadora Marcelo
Tramontano . São Carlos, 2013.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em
Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo --
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo, 2013.

1. procedimentos metodológicos. 2. meios digitais.
3. processos comunicacionais. 4. modos de vida. I.
Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidata: Arquiteta e Urbanista Priscilla Thaís Marqueto

Título da dissertação: "Falando consigo mesmo, mas não falando sozinho: procedimentos, processos comunicacionais e meios digitais".

Data da defesa: 22/11/2013.

Comissão Julgadora:

Prof. Assoc. **Marcelo Cláudio Tramontano (orientador)**
(Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)

Prof. Dr. **Gabriel de Santis Feltran**
(Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

Profa. Dra. **Varlete Aparecida Benevente**
(Universidade de Uberaba - UNIUBE)

Resultado:

Aprovada

Aprovada

APROVADA

Presidente e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Urbanismo: Professor Associado **Márcio Minto Fabrício**

DEDICATÓRIA

Ao meu amado filho, João Pedro, minha inspiração e estímulo diários.

À minha amada mãe, Tânia, meu exemplo de mulher forte e batalhadora, meu maior apoio em todos os momentos da minha vida, a quem admiro muito.

À memória de minha avó, Clarice, que com carinho e dedicação cuidou de mim desde os meus primeiros anos de vida.

Ao Helio e ao Helinho, respectivamente, meus amados pai e irmão, pelos quais tenho grande carinho e admiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

- a Deus, que me deu força e sustento em todos os momentos desse trabalho;
- especialmente, ao meu orientador, Prof. Assoc. Dr. Marcelo Tramontano, pelos momentos de reflexão que percorreram muitas instâncias desse trabalho, pela amizade, apoio e incentivo na realização dessa pesquisa. À essa grande pessoa e profissional, minha imensa gratidão, respeito e grande admiração;
- a todos os pesquisadores do Nomads.usp, que durante essa pesquisa foram mais do que companheiros de trabalho e percursos, foram também grandes amigos. Às pessoas queridas, Profa. Dra. Anja Pratschke, MSc. Gilfranco Alves, Arq. Sandra Soster, MSc. Felipe Anitelli, MSc. Fabio Queiroz. Especialmente e com carinho, às pesquisadoras e amigas, Dra. Denise Mônaco, MSc. Mayara Dias, BIS Luciana Roça, MSc. Cynthia Nojimoto, que contribuíram diretamente para a viabilização desse trabalho. E, também, a outros pesquisadores do núcleo que trabalharam diretamente nos procedimentos, Raimundo, Júlio, Allison, Thais e Paulo;
- aos parceiros do Projeto Territórios Híbridos. Especialmente, Maju e membros do Instituto Pombas Urbanas. Com carinho, à Natali, pessoa querida que, juntamente com Big, me recebeu tão gentilmente em Cidade Tiradentes e propiciou grandes reflexões para esse trabalho;
- ao Prof. Dr. Gabriel Feltran, que contribuiu intelectualmente para essa pesquisa de mestrado;
- ao amigo e companheiro de pesquisa, Christoph Walther, que contribuiu em idas à campo e em muitas das reflexões contidas nesse trabalho;
- a todos que participaram, direta ou indiretamente, do Projeto Territórios Híbridos;
- a todos professores, alunos e funcionários do Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP, em especial ao Marcelinho;
- à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado;
- à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pelo apoio financeiro e viabilização do Projeto de Políticas Públicas Territórios Híbridos;
- à querida Profa. Dra. Varlete Benevente, mais do que professora durante o curso de graduação, uma amiga querida que sempre me apoiou no percurso acadêmico e pessoal;

à querida Profa. Dra. Carmem Maluf, uma das primeiras influências em minha decisão
pela pesquisa acadêmica;

especialmente, à Mariana Bettini, grande amiga durante todos os anos empreendidos
nessa pesquisa. Pessoa maravilhosa que me acolheu desde meu primeiro dia em
São Carlos;

às queridas amigas, que assistiram e estiveram comigo durante o processo desse
trabalho, Bia Dias e Karina Pagioro;

e com carinho, ao Danilo, pelo apoio nos últimos meses que antecederam a entrega
desse trabalho.

*“pesquisar. desarraigar. revolver as pedras. arar um campo. desbravar
arrancar
mudar a ordem das coisas
tomar decisões
atravessar
transgredir, trespassar. cruzar as linhas. obstruir as vias
lutar. Defensivamente e agressivamente.”*
Louise Bourgeois

RESUMO

MARQUETO, P. **Falando consigo mesmo, mas não falando sozinho**: procedimentos, processos comunicacionais e meios digitais. 2013. xx f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

O exame de resultados de pesquisas anteriores realizadas pelo Nomads.usp – Núcleo de Estudos de Habitares Interativos – em que foram utilizados vários instrumentos metodológicos clássicos de pesquisa qualitativa a fim de entender contextos urbano e social, revelou limites desses instrumentos quando se desejava abarcar nuances referentes a modos de vida, visões de mundo e pontos de vistas de indivíduos pesquisados. O objetivo dessa pesquisa é a verificação dos limites e potencialidades do emprego de três atividades, concebidas para uso em eventos culturais com presença de público - Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários -, no sentido de utilizá-las também como procedimentos de obtenção de informação sobre seus públicos, estimulando processos comunicacionais e interlocuções com auxílio de meios digitais. Essas três atividades foram definidas em conjunto com os interesses do Projeto de Políticas Públicas “Territórios Híbridos: meios digitais, comunidades e ações culturais”, o qual, por outro lado, tornou possível a realização dos experimentos aqui estudados.

Palavras-chave: procedimentos metodológicos; meios digitais; processos comunicacionais; ações culturais; caracterização de populações.

ABSTRACT

MARQUETO, P. **Talking to yourself, but not talking by yourself**: procedures, communicational processes and digital media. 2013. xx f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

The evaluation of previous research carried out by Nomads.usp - Center of Interactive Living Studies - which used several classical methodological instruments of qualitative research in order to understand urban and social contexts, found limits of these tools when they were employed to encompass nuances related to ways of life, worldviews and viewpoints of surveyed individuals. The aim of this research is to verify the limits and the possibilities of using three activities conceived for usage in cultural events with audience's presence - Street Radio, Digital Graffiti and Comment's Projection -, in a matter of utilising it as well as procedures for gathering informations about its audiences by proposing communication processes and dialogs, with the aid of digital media. These three activities were established according to the interests of the Public Policy Project "Hybrid Territories: digital media, communities and cultural activities", which, on the other hand, made possible the accomplishment of these studied experiments.

Keywords: methodological procedures; digital media; communicational processes; cultural activities; characterisation of populations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1. Procedimentos etnográficos e derivações, noção de modos de vida, processos comunicacionais e meios digitais.....	25
---	-----------

1. Uma aproximação a procedimentos etnográficos e suas derivações.....	26
--	----

2. Modos de vida e sua diversidade.....	39
---	----

3. Processos comunicacionais e meios digitais.....	49
--	----

4. Meio como <i>locus</i> de trocas, encontro e interlocução.....	63
---	----

CAPÍTULO 2. Os procedimentos testados, Rádio de Rua, Graffiti Digital e Projeção de Comentários, e os procedimentos metodológicos clássicos em experiências anteriores.....	71
--	-----------

1. Métodos clássicos em pesquisa qualitativa: o exame de experiências anteriores.....	74
---	----

2. Procedimentos testados no âmbito do Projeto Territórios Híbridos.....	87
--	----

CAPÍTULO 3. Análise dos procedimentos testados: um olhar sobre a prática a partir de reflexões teóricas.....	115
---	------------

1. As instâncias comunicacionais e os procedimentos testados.....	116
---	-----

2. Balanço categorizado entre a Rádio de Rua, <i>Graffiti</i> Digital e Projeção de Comentários	142
3. Apontamentos sobre o uso de diário de campo.....	149
4. Proposições, aprimoramentos e possibilidades de usos combinados entre os procedimentos.....	151
 CONSIDERAÇÕES.....	155
 REFERÊNCIAS.....	161

INTRODUÇÃO

“Procuro refletir por caminhos oblíquos. Lanço mão de fragmentos, não de textos unificados por uma lógica rigorosa. Nesse raciocínio, o paradoxo é mais importante que o discurso linear. Para simplificar, examino a vida que acontece no momento [...]”
BAUDRILLARD, 2003

Cada vez mais, experiências no âmbito acadêmico têm apontado para a demanda de entrecruzamentos entre campos disciplinares, dada a complexidade dos contextos pesquisados e de procedimentos que têm buscado abarcar, parcialmente, tal complexidade. Existem hoje, investigações que reúnem saberes de campos disciplinares diversos, formando um todo capaz de aproximar-se mais de realidades, objetivos investigativos e corroborando para a constituição de um horizonte teórico e de pesquisa mais amplo, aberto, complexo e rico.

Um pouco do que se pretende compartilhar nesse trabalho, desenvolvido ao longo de três anos, são experiências, verificações, observações, vivências em campo e na construção teórica de um trabalho que segue tentando ancorar a discussão e uso de procedimentos metodológicos em pesquisa qualitativa, se apoiando em campos disciplinares, não unicamente da arquitetura e urbanismo, e que apontem para a potencialidade dos procedimentos testados. Sem a intenção de esgotar o tema e suas possibilidades, mas deixando o legado de impressões de uma breve investigação empírica e teórica nessa área.

As páginas que se seguem, nesse trabalho, refletem o processo de uma pesquisa que recuperou questões metodológicas há anos consideradas como problemática eminente, tendo como pano de fundo a busca por abordagens metodológicas que aproximassem os olhares possíveis dos pesquisadores sobre as realidades pesquisadas.

No contexto de pesquisa científica na área de humanas, a escolha metodológica se apresenta como elemento fundamental para se chegar a dados coerentes, acrescidos de uma preocupação de tais resultados serem ou não manipulados pelo meio, pela

abordagem do pesquisador e do contexto onde ele acontece. Portanto, tal tomada de decisão pode delimitar e conduzir, sim, dados de pesquisa e toda uma experiência que pode ou não originar questões inovadoras.

O exame de resultados de pesquisas anteriores realizadas pelo Nomads.usp – Núcleo de Estudos de Habitares Interativos –, em que foram utilizados vários instrumentos metodológicos clássicos de pesquisa qualitativa a fim de entender contextos urbano e social, revelou limites desses instrumentos quando se desejava abarcar nuances referentes a modos de vida, visões de mundo e pontos de vistas de indivíduos pesquisados.

Os procedimentos metodológicos anteriormente realizados e que serão apresentados e lidos para intuito comparativo neste mestrado são:

O primeiro foi realizado no âmbito de um projeto de políticas públicas, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, que foi desenvolvido durante os anos de 2003 até 2007, chamado “Comunidades_online”, cujo objetivo e discussão relacionava-se principalmente com a questão da inclusão digital no âmbito de um bairro da periferia da cidade de São Paulo, chamado Cidade Tiradentes. Na ocasião, foi realizada Avaliação Pós-Ocupação em uma determinada área de Cidade Tiradentes. Esse levantamento incluía entrevistas semi-estruturadas com moradores, desenhos da ocupação feita pelos moradores das unidades habitacionais, o que resultou em um amplo material sobre o local, seus moradores e a inserção de mídias digitais no ambiente doméstico;

Outra situação que iremos recuperar foi uma Avaliação Pós-ocupação realizada por pesquisadores do Nomads.usp, em um conjunto habitacional na cidade de São Carlos, Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho - CDHU. A pesquisa verificou a forma como os moradores se apropriavam dos espaços das unidades habitacionais, a sobreposição de usos, bem como, a configuração das famílias, práticas e aspectos cotidianos passíveis de tabulação a partir da entrevista semi-estruturada;

E por fim, entrevistas semi-estruturadas realizadas com registro por câmera filmadora. Experiência de pesquisa baseada também em métodos clássicos na área de humanas,

realizada em março de 2011, com moradores do mesmo conjunto habitacional citado anteriormente, na cidade de São Carlos.

A partir dessas leituras, e das demandas percebidas em campo, em termos de coleta de dados, posturas de pesquisadores, registro, tem-se como objetivo dessa pesquisa a verificação dos limites e potencialidades do emprego de três atividades, concebidas para uso em eventos culturais com presença de público - Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários -, no sentido de utilizá-las também como procedimentos de obtenção de informação sobre seus públicos, estimulando processos comunicacionais e interlocuções com auxílio de meios digitais. Essas três atividades foram definidas em conjunto com os interesses do Projeto de Políticas Públicas “Territórios Híbridos: meios digitais, comunidades e ações culturais”, o qual, por outro lado, tornou possível a realização dos experimentos aqui estudados.

Com o intuito de ampliar esse debate, estender as perspectivas de métodos e procedimentos possíveis, suas fragilidades e potencialidades, relativizar práticas recorrentes nessa área de pesquisa e fornecer subsídio teórico para pesquisas posteriores, esse trabalho recupera experiências anteriores de pesquisas qualitativas balizadas por diferentes procedimentos metodológicos realizadas no Nomads.usp – Núcleo de Estudos de Habitares Interativos, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e traz reflexões a partir de experimentações realizadas no decorrer dessa pesquisa.

A pesquisa de mestrado não tem como escopo a formulação de métodos para entender a diversidade de modos de vida, no entanto, percebeu-se a partir dos procedimentos testados potencial para uma ampliação de sua aplicabilidade e coleta de informações como expressões de modos de vida, visões de mundo e pontos de vista.

Além disso, coloca-se como horizonte maior uma contribuição no âmbito de práticas metodológicas, propondo que esta possa ser ampliada e relativizada, a partir da verificação e alcance de cada uma delas, considerando a maior dificuldade de alguns métodos abarcarem o que realmente está emergindo em campo. Além disso, ainda tem-se a possibilidade de replicação dos métodos aqui testados, e que permita e leve,

a quem tiver esse interesse específico, a perceber a diversidade de diferentes modos de vida.

Apesar de estar sendo desenvolvido em um programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, esse trabalho entende que o objeto investigado pressupõe o entendimento e a recuperação de ideias de outros campos disciplinares, dada a complexidade do que se pode encontrar em campo quando se trata de pesquisa em humanas. Para tanto, o trabalho se respalda em campos disciplinares como da comunicação e antropologia, por exemplo, configurando um trabalho transdisciplinar, sem a perspectiva de, claro, esgotar a temática, mas tangenciar pontos pertinentes.

Ao mesmo tempo que uma pesquisa transdisciplinar pode ser uma oportunidade muito rica de trocas e aprendizado, além de proporcionar um olhar mais amplo, é também uma abordagem de alto risco, por se apropriar de conceitos e práticas de outras áreas do conhecimento.

A pesquisa de mestrado e o Nomads.usp

A pesquisa de mestrado teve como espaço embrionário o fértil campo de um grupo de pesquisa, o Núcleo de Estudos de Habitares Interativos – Nomads.usp –, da Universidade de São Paulo, composto por pesquisadores que transitam entre diversos campos disciplinares relacionados, que vão desde arquitetura, espaços habitacionais, espaços híbridos, cultura, interfaces, estudos sonoros e, em vários níveis, como mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, o que coloca como aspecto muito positivo olhares de diferentes contextos teóricos e que formam um rico panorama crítico e de troca de conhecimento.

Além disso, dada a complexidade para a produção e realização dos procedimentos testados – que serão apresentados no capítulo 2 dessa dissertação – o corpo de pesquisadores também foi importante desde a concepção e elaboração de cada procedimento até sua implementação, que em muitos momentos demandou grande

esforço de deslocamento, contato com o público, levantamento, entre outros aspectos.

Por outro lado, a pesquisa de mestrado também pode contribuir para o grupo de pesquisa no sentido de propôr uma revisão e reflexão acerca dos procedimentos de coleta de informações utilizados por pesquisas do grupo até então.

O Projeto Territórios Híbridos: comunidades, ações culturais e meios digitais.

Fig. 1: Logotipo desenvolvido para o Projeto Territórios Híbridos. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Os três procedimentos testados durante a pesquisa de mestrado – Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários - somente foram possíveis da forma que foram realizados por estarem inseridos em um grande projeto de políticas públicas, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, o Projeto Territórios Híbridos: comunidades, ações culturais e meios digitais.

O projeto Territórios Híbridos, situa-se hoje em uma linha de fomento de políticas públicas, foi desenvolvido pelo Nomads.usp, projeto de mesmo aporte do chamado *Comunidades_online*, mencionado anteriormente e desenvolvido pelo mesmo grupo de pesquisa. O Territórios Híbridos se articulou por meio de parcerias com órgãos do terceiro setor, como coletivos, ONGs, bandas, além de ter parceria com órgãos públicos ligados à cultura e universidades, inclusive internacionais, ampliando o

alcance do projeto, reunindo visões de mundo distintas desde sua organização, produção até a realização das ações.

A experiência dessa linha de projeto para o Brasil representa um avanço no sentido de fazer emergir experiências inovadoras e mais democráticas, pautadas em práticas menos centralizadoras e mais eficazes na promoção do bem-estar social. O que antes apenas podia partir de instituições do poder público agora pode emergir de comunidades e centros culturais atentos às demandas locais, partindo muitas vezes de experiências e práticas já existentes nas comunidades, para fora do âmbito regulamentado e normatizado pelo poder público. Isso também nos leva a considerar uma menor fragmentação das políticas culturais e uma articulação maior entre aqueles que as promovem. Nesse caso, o Estado atua, de certa forma, como mediador.

O horizonte teórico da pesquisa: a noção de modos de vida, procedimentos, derivações de métodos etnográficos, processos comunicacionais e meios digitais

Os modos de vida contemporâneos são parte de uma discussão presente no âmbito do núcleo de pesquisa, Nomads.usp, há mais de dez anos, alvo de várias investigações que foram desenvolvidas a partir desse interesse. Não é a toa que um grupo de pesquisa originado na Arquitetura tenha interesse nesse entendimento, visto que cada vez mais, os espaços se vêem em uma relação intrínseca com os modos de vida que deles emergem, e que por eles também são moldados. Tendo um entendimento de espaço mais amplo, podendo ser espaços físicos, digitais ou híbridos, pelo uso de meios digitais.

Por isso, estruturou-se uma reflexão acerca da importância de se entender modos de vida, e o que alguns teóricos colocam a esse respeito, relativizando o olhar sobre essa noção, tanto de um ponto de vista mais sociológico, quando sob a perspectiva da arquitetura. Considerando fatores como processos comunicacionais, estruturas e relações sociais, entre outros.

Nesse sentido, também buscou-se situar a importância e o uso dos meios digitais em procedimentos e práticas metodológicas. Isso já estava em debate no grupo de Pesquisa Nomads.usp, Núcleo de Estudos de Habitares Interativos, há alguns anos, desde experiências diversas de métodos de pesquisa testados, e resultados nem sempre satisfatórios. Nessa discussão metodológica buscou-se reunir algumas referências acerca de derivações e posturas de procedimentos em pesquisa etnográfica.

Além da discussão metodológica, buscou-se explorar e verificar potencialidades do uso dos meios digitais como aparato que dá suporte para os procedimentos testados, realizados no âmbito de ações culturais estruturadas por meios digitais.

Procedimentos e práticas metodológicas

A partir do referencial teórico construído e do exame das experiências anteriores em pesquisa qualitativa, buscou-se reunir uma série de aspectos levantados, entre limites e potencialidades, que consituíram um pano de fundo para a elaboração dos procedimentos testados nesta pesquisa de mestrado, realizados no âmbito de ações culturais do Projeto Territórios Híbridos.

Os procedimentos testados estruturaram-se a partir de considerações na coleta de dados, problematizando de que forma poderíamos acessar informações sobre um determinado contexto urbano e social, que nos métodos clássicos empreendidos em anos anteriores, não se havia acessado. Para isso, concebeu-se procedimentos que fugissem à uma formalidade acadêmica, e que acontecessem no âmbito de uma atmosfera de informalidade e maior descontração, como realmente aconteceu na Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários.

Uma importante característica é o uso de meios digitais nos processos comunicacionais originados em dois desses procedimentos, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários. Quería-se, também, entender de que forma esse aparato tecnológico poderia contribuir no acesso à determinadas informações.

Além disso, uma importante contribuição em todas as idas a campo e nas posturas adotados pelos pesquisadores foi a leitura e uso de derivações de procedimentos metodológicos etnográficos, pelos quais entendeu-se potencialidades na observação participante e no uso do diário de campo.

Estrutura do trabalho

O trabalho compõe-se de **introdução**, onde são abordados pontos fundamentais da pesquisa, o objetivo principal, apresentação e problematização do que originou o escopo da investigação.

No **capítulo 1**, foi realizada a fundamentação teórica a partir das principais noções importantes a esse trabalho. Reflexões e contextualizações de teóricos que balizaram as discussões dos procedimentos testados. Dentro dessa discussão destacam-se a noção de modos de vida, derivações de procedimentos metodológicos em pesquisa etnográfica, processos comunicacionais e o uso dos meios digitais. Reuniu-se leituras, a partir de trabalhos de teóricos e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como da antropologia, sociologia, filosofia, arquitetura e urbanismo. Esse capítulo tem papel de ancoramento na descrição crítica do capítulo 2, e na análise dos procedimentos testados do capítulo 3.

O **capítulo 2** se constitui pela apresentação e descrição crítica das experiências anteriores de uso dos métodos clássicos em pesquisa qualitativa e dos procedimentos testados nessa pesquisa de mestrado no âmbito do Projeto Territórios Híbridos, introduzindo uma leitura a partir de instâncias comunicacionais percebidas e dos percursos que delinearam o desenvolvimento de cada procedimento.

A análise dos procedimentos testados, apresentada no **capítulo 3**, se respalda na delimitação teórica do capítulo 1, e na descrição crítica dos procedimentos, apresentada no capítulo 2, propondo uma leitura analítica do que foi percebido a partir das práticas em cada experimento, Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários, relativizando os limites e potencialidades percebidos, e em um sentido

maior, propondo possíveis melhorias, novas formulações e readaptações, fazendo ressalvas a partir do que foi percebido durante a investigação.

Nas **conclusões** são introduzidas algumas reflexões gerais a partir do que foi entendido e percebido pelo processo de toda a pesquisa, as contribuições e limites a partir da relação estabelecida entre a pesquisa e o Projeto Territórios Híbridos e o Nomads.usp, direcionando para futuras abordagens, proposição de experimentações possíveis e das contribuições potenciais em um âmbito mais exploratório.

CAPÍTULO 1

Procedimentos etnográficos e derivações, noção de modos de vida, processos comunicacionais e meios digitais

Este capítulo introduz algumas noções centrais que nortearam a pesquisa de mestrado, dentre elas, a noção de modos de vida. Pautou-se reflexões a esse respeito a partir de teóricos das ciências sociais, da arquitetura, da filosofia e estudiosos da comunicação, para compôr um horizonte teórico que permitisse um entendimento mais amplo desse termo e, um panorama da sua importância, da sua necessária discussão e revisão constante, considerando que constituiu-se como um entendimento em transformação contínua, atrelado às mudanças comunicacionais, relacionais, tecnológicas, sociais, etc..

Por outro lado, procurou-se introduzir noções acerca de processos comunicacionais e a importância dos meios digitais dentro desses processos e como possibilidade de ampliação dos mesmos, para instâncias híbridas.

Além disso, buscou-se esclarecer as diversas linhas de pensamentos e olhares de pesquisa que inspiraram a realização desse trabalho, como obras e registros de pesquisas etnográficas, relatos de pesquisadores a partir de experiências em campo, que alteraram em certos momentos o curso da pesquisa, enriquecendo sua percepção. Outro fator, foi que, nesse referencial teórico derivado de procedimentos etnográficos, ampliaram-se também as possibilidades de leituras e análises posteriores do que foi coletado e vivenciado. Assim, o capítulo se inicia apresentando essas referências básicas da pesquisa.

1. Uma aproximação a procedimentos etnográficos e suas derivações

“O mundo é o que percebo, mas sua proximidade absoluta, desde que examinada e expressa, transforma-se também, inexplicavelmente, em distância irremediável.”
Merleau-Ponty, 1984

1.1 Derivações de procedimentos etnográficos

Os métodos clássicos¹ em pesquisa qualitativa são instrumentais amplamente usados e ferramentas que propiciam um amplo e preciso conhecimento acerca de um dado contexto urbano e social, podem-se obter informações acerca dos usos de espaços de moradia a partir de levantamentos precisos, perfis demográficos, faixas de renda salarial, e uma série de outros aspectos. Sua riqueza se dá na constituição desse panorama bastante amplo para se entender o contexto trabalho. No entanto, ao adentrar aspectos mais subjetivos que demandariam um âmbito de conversas mais longas e livres, foram percebidos alguns limites, principalmente a partir de experiências em campo e dados coletados.

A partir da percepção desses limites, de que métodos clássicos não seriam suficientes para abarcar a diversidade de modos de vida, nem que poderiam esgotar as possibilidades de leituras e análises, a pesquisa buscou investigar potencialidades de outros procedimentos investigativos, que poderiam também ser entendidos como métodos complementares na constituição do entendimento de um dado contexto urbano e social.

Nesse sentido, entende-se o transbordamento da pesquisa para várias áreas do conhecimento, e a inviabilidade de ater-se à arquitetura apenas, buscando respaldo em áreas disciplinares da sociologia e antropologia, estudos de comunicação, áreas de investigação de meios digitais. O caráter transdisciplinar caracteriza o olhar que se

¹ Dada a ampla gama entendida por métodos clássicos, para os interesses deste trabalho os métodos mencionados se referem principalmente a Avaliação Pós-Ocupação, aplicação de Questionários Estruturados, Entrevistas Semi-estruturadas, que foram procedimentos já testados no âmbito de projetos desenvolvidos pelo Nomads.usp.

pretende lançar, entendendo que reduzi-lo à uma área de concentração, seria também reduzir a riqueza e pluralidade dessas experiências.

Essa busca por outras abordagens metodológicas se justifica, também, a partir do entendimento da necessidade de ultrapassar as fronteiras do *campus* universitário, da consideração de que conhecimento se constrói não só, mas também, em campo, em uma relação de troca, de mutualidade, entre pesquisadores e pesquisados. Assim como para Whyte, em Cornerville², consideradas as devidas diferenças temporais e geográficas, os sujeitos em campo nessa pesquisa são vistos como atores sociais, como parte fundamental de uma sociedade que se constitui em ato, como *“sujeitos ativos, atuando dentro de redes e grupos sociais”* (WHYTE, 2005, p.11).

O horizonte teórico constituído, a partir desses interesses de pesquisa, propiciou a leitura e análise do que foi vivenciado em campo. Parte desse embasamento teórico foi constituído a partir de derivações de procedimentos da etnografia, como o diário de campo, posturas do pesquisador e formas de abordagem e entrada em um dado contexto social.

Sabe-se que procedimentos etnográficos vêm sendo adaptados e aplicados por pesquisadores de diversos campos do conhecimento para entender realidades urbanas e dinâmicas de sociabilidade emergentes em contextos urbanos, como formas de perceber e relativizar o que é observado em campo. De acordo com Magnani (2002, p.11), vêm sendo trabalhadas revisões, que são construídas e aprimoradas a partir de uma série de estratégias, conceitos a partir de críticas e releituras desses métodos e procedimentos para tornar esse instrumental capaz de abarcar as complexidades e questões particulares do contexto contemporâneo de pesquisa. Essas posturas corroboram na construção rica e plural de um repertório capaz de fundamentar abordagens específicas para novos desafios em campo, objetos de pesquisa atuais, inspirando possibilidades de novos usos e aplicabilidades.

² “Cornerville” foi um nome designado pelo então jovem pesquisador William Foote Whyte, na obra que narra sua vivência e pesquisa em um bairro de classe baixa com predominância de imigrantes italianos de Boston (North End), “Sociedade de Esquina”.

Inspirada por posturas e práticas que se utilizaram de procedimentos do método etnográfico, essa pesquisa de mestrado entende esse método não precisamente como uma técnica, tal qual define Magnani (2002, p. 17), mas como um aparato passível de “usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.”.

É necessário que se esclareça que não pretendeu-se aqui fazer pesquisa etnográfica, em vista da complexidade e engajamento que ela demandaria, o tempo disponível para o leque de atividades que seriam realizadas na pesquisa também não seriam suficientes, e mesmo por não se tratar do interesse central da pesquisa, que tinha como horizonte maior apreender acerca do que poderia emergir dos procedimentos testados e em que medida poderiam constituir formas de coletas de informações a partir de processos comunicacionais que se colocassem como um âmbito possível para expressão de modos de vida, visões de mundo e pontos de vista entre indivíduos, em um dado contexto.

No entanto, percebeu-se em procedimentos da etnografia potencialidades que poderiam enriquecer a pesquisa de mestrado, tais como, as revisões do pesquisador quanto suas posturas em campo, o olhar que se lança sobre certo grupo de pesquisados a partir da ótica etnográfica, o alcance possível da observação participante, a observação de um todo que pode ser entendido e arranjado por fragmentos. Tais questões foram sendo percebidas em obras etnográficas e que, em certa medida, inspiraram algumas tomadas de decisão nesta pesquisa de mestrado, que buscou implementar durante seus processos investigativos a “observação participante” e o “diário de campo”.

1.2 Procedimentos do método etnográfico, a observação participante e diário de campo.

O uso do diário de campo teve sua origem nos trabalhos empreendidos por Bronislaw Malinowski, pioneiro em pesquisa etnográfica. Pesquisa esta caracterizada, basicamente, mas não somente, “pela presença de longa duração de um pesquisador-

observador convivendo com a sociedade que ele estuda.” (WEBER, 2009, p. 158). De acordo com Fonseca (2004, p. 8) a busca por alteridades³ é uma das bases do método etnográfico, entendendo alteridade como “outras maneiras de ver (ser e estar) no mundo”. Ainda de acordo com Fonseca (2004, p. 106), “a palavra "alteridade" descreve bem o objeto de nossa ciência, pois envolve simultaneamente a mim e ao outro. [...] uma antropologia que tem por objetivo ampliar o universo do discurso social.” A autora sugere que, para pesquisas dessa ordem, o pesquisador deve entrar em campo considerando a hipótese da alteridade, entendendo o olhar sobre essa alteridade no âmbito da comunicação. O olhar empreendido em pesquisas desse cunho foi um dos pontos que chamaram a atenção e fizeram com que essa pesquisa de mestrado buscasse inspiração nele.

Uma parte expressiva do ofício do etnógrafo reside na construção do diário de campo. Esse é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social, método que se caracteriza por uma investigação singular. (WEBER, 2009, p. 157).

O diário de campo consiste basicamente no material produzido pelo pesquisador que vai a campo, a partir de vivências, do que é por ele observado, em conversas informais. Trata-se de um registro meticuloso e detalhado, feito diariamente, considerando tudo que foi percebido e vivido ao longo do dia, envolvendo dimensões descritivas e analíticas que podem variar de acordo com os interesses de pesquisa, tais como, descrição do ambiente, o contexto físico, observações pessoais, reflexões do pesquisador, impressões, entre outros. Para seu melhor aproveitamento, ele deve ser feito ao final do dia para otimizar o registro. Para Evans-Pritchard (1964 apud Fonseca, 2004, p. 150) trata-se do uso de um método narrativo, articulado e organizado pela integração descritiva de eventos.

³ Ainda de acordo com Fonseca (2004, p. 106) “A palavra "alteridade" descreve bem o objeto de nossa ciência, pois envolve simultaneamente a mim e ao outro. [...] uma antropologia que tem por objetivo ampliar o universo do discurso social.” A autora sugere que para pesquisas dessa ordem, o pesquisador deve entrar em campo considerando a hipótese da alteridade, entendendo o olhar sobre essa alteridade sob o âmbito da comunicação.

Atribui-se grande valor ao material do diário de campo, muito em função da dimensão analítica que ele pode assumir gradativamente de acordo com a permanência em campo do pesquisador. Além disso, ele também permite releituras posteriores, viabilizando e relativizando outros entendimentos do pesquisador ao longo da investigação. É possível, com esse instrumental, clarificar os avanços e limites percebidos, e ler esses dados com um certo distanciamento, resultando em uma apreensão mais ampla de todo o processo de pesquisa (ZALUAR, 1994).

Entender como se dá a observação participante em pesquisas das ciências sociais teve papel importante no embasamento teórico das idas a campo durante essa pesquisa de mestrado. Esse procedimento pode ser entendido como:

Situação de pesquisa onde observador e observado encontram-se face a face, e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em dado projeto de estudos (SERVA E JÚNIOR, 1995).

Tal método foi introduzido inicialmente por Malinowski, considerando a participação prolongada do pesquisador em eventos cotidianos, seja de um grupo de pessoas, comunidades, com o intuito de entender em maior profundidade aquele contexto social. Ao mesmo tempo em que ele observa e toma parte nesses eventos, também é observado, modificando e sendo modificado por esse contexto.

Existem ainda, na observação participante, alguns critérios que podem variar de acordo com as intenções de pesquisa, como a opção de colocar-se em campo de formal ou informalmente, relevando sua atuação ou encobrindo-a. O pesquisador enquanto observador participante pode se inscrever em uma determinada estrutura social como parte dela, ou mesmo, se colocar em uma relação mais periférica a ela. (HAGUETTE, 1987).

1.3 Leitura comparativa: percursos e posturas em campo

Além do referencial teórico, que permitiu entender melhor os procedimentos que compõem a noção de observação participante e do uso diário de campo, buscou-se construir algumas reflexões e entendimentos a partir do estudo de percursos de pesquisa de duas obras da sociologia, uma delas é “Sociedade de Esquina”, obra de William Foote Whyte, pesquisa que teve seu início em 1937⁴ e consistiu na permanência de Whyte durante quatro anos no local pesquisado. A outra obra é “A Miséria do Mundo”, pesquisa coletiva sob a coordenação de Pierre Bourdieu⁵, em que uma equipe de sociólogos trabalhou durante três anos debruçando-se sobre a investigação da produção das formas de miséria social.

No contexto histórico da publicação de Foote Whyte (2005), ele inovou com o processo de pesquisa apresentado. Ele parte do microcosmo daquela sociedade e vai ampliando a perspectiva até a abstração. Sobe em escala analítica, seguindo o que lhe é indicado a partir dos depoimentos colhidos em campo.

A tarefa árdua e cheia de responsabilidade à qual ele se dedica é descrita por ele como “dar carne para olhares que se lançam sobre a periferia da cidade”, sabendo que está lidando com histórias de vida e dados absolutamente pessoais, muito mais do que com dados e informações sobre “uma” sociedade, “tendo como base o respeito aos indivíduos e grupo investigados” (WHYTE, 2005, p. 12).

Sobre essa responsabilidade de lidar com mais do que dados, - pessoas, vidas -, chama a atenção a colocação de Whyte (2005, p. 20): “A única maneira de obter esse tipo de conhecimento é viver em Cornerville e participar das atividades da sua gente.”. O autor rompe com a postura distanciada que essas “leituras” faziam de comunidades e lugares, de relações sociais, e nesse sentido, passou a considerar o “observador participante” como um instrumental e, mais do que isso, como “expressão de uma posição ético-científica” (WHYTE, 2005, p. 12), naquele caso bem sucedido de pesquisa

⁴ “Sociedade de Esquina” teve sua primeira edição lançada em 1943, com o título “Street Corner Society”, contava a vivência do então jovem pesquisador William Foote Whyte, durante quatro anos em um bairro pobre italiano de Boston (North End), o qual nomeou Cornerville. A versão que utilizamos nesse trabalho data de 2005, edição traduzida para o português e publicada no Brasil.

⁵ Sua primeira publicação data de 1993, com o título “La Misère du Monde”, no entanto, a versão que utilizamos neste trabalho é sua oitava edição, traduzida para o português e publicada em 2010.

de campo. Resta agora, tentar compreender como se dá tal postura na prática, como Whyte (2005) conduz a investigação:

Nesta pesquisa sobre Cornerville, pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujos padrões configuram esse padrão (WHYTE, 2005, p. 23).

O recorte e procedimento metodológico adotados estavam claros. Partiu-se da observação participante para apreender como aquela sociedade se organiza no todo. Outra das importantes contribuições da obra de Whyte está relacionada a uma ruptura com paradigmas e estereótipos criados pela sociedade sobre determinadas localidades, algo como uma criminalização da pobreza. Whyte observa Cornerville e os sujeitos em campo como atores sociais, como parte fundamental de uma sociedade que se constitui em ato, como “sujeitos ativos, atuando dentro de redes e grupos sociais” (WHYTE, 2005, p. 11).

O que muitas vezes é lido de forma preconceituosa em nossas metrópoles como lugares de “caos” e “massa de confusão”, Whyte leu como um “sistema altamente organizado e integrado”, e de fato o era: havia uma hierarquização clara e estabelecida, com mobilidades possíveis, mas que se davam de forma objetiva. Tal constatação é reforçada pela pesquisa coordenada por Pierre Bourdieu, que também desvincula a idéia de “desorganização” de sociedades em áreas pobres e degradadas: “[...] não sofre de ‘desorganização social’, mas constitui um universo independente, finamente diferenciado e hierarquizado, que se organiza segundo princípios específicos produtores de uma forma regular de entropia social.” (BOURDIEU, 2010, p. 184).

Pierre Bourdieu (2010, p. 11) ainda aponta que os “lugares ditos ‘difíceis’ [...] são, primeiramente, difíceis de descrever e de pensar”, descartando “imagens simplistas e unilaterais” como as apresentadas, sobretudo pela imprensa, entendendo que se tratava de uma eminente necessidade de leituras aprofundadas, de entendimentos cuidadosos acerca de organizações complexas. Os fatores que levam a esse discurso comum de desorganização e caos social estão, em muitos casos, muito mais ligados a

uma lógica externa do que àquela localidade em questão, a mecanismos globais, como política habitacional e/ou crise econômica. (BOURDIEU, 2010).

Retomando a obra de Whyte, seu olhar inicial partiu de organizações hierárquicas “menores”, entre “rapazes de esquina” e “rapazes formados”; para depois chegar às mais dominantes, que ele chama de “peixes graúdos”; observando a capilaridade dessas organizações políticas e mafiosas em Cornerville, desde a base até o topo da pirâmide social. Esse exercício acontece observando pessoas particulares, e as coisas particulares que fazem. (WHYTE, 2005, p. 23).

Outro aspecto apontado por Whyte durante sua pesquisa, e que permitiu balizar alguns entendimentos posteriores nessa pesquisa de mestrado, foi a abordagem de instituições com políticas assistencialistas em relação à comunidade em que está inserida. Ao ler sobre o “Clube da Comunidade Italiana” e percebe-se como agiam aqueles “professores”, que privilegiavam uns em detrimento de outros. Havia uma segregação, ainda que não declarada, mas muito evidente, sobre quem eram os “indivíduos superiores” ali, e as habilidades que estavam pressupostas na escolha por eles, como “habilidade em agradar as autoridades” (WHYTE, 2005, p. 115).

Essas posturas entendidas na obra do autor elucidaram muito do que foi percebido em campo durante a pesquisa de mestrado, situações similares, frente às quais, a partir dessas leituras, pode-se construir uma postura crítica, dando outros direcionamentos à pesquisa. As vias de entrada do pesquisador na comunidade, as parcerias que pautariam essa aproximação foram postulações determinantes no alcance desta pesquisa de mestrado e que só foram possíveis a partir da leitura dessas obras.

Por exemplo, Whyte explica que, dentro da organização dos rapazes da esquina, haviam posições claras e bem definidas, e se algum deles fosse persuadido pelos assistentes sociais a integrar a comunidade, isso implicaria necessariamente no abandono e perda de posição dentro do grupo. Como essas relações e laços se davam por amizade e cumplicidade, em poucos casos, isso acontecia entre os rapazes de esquina, ao contrário do que acontecia entre os “rapazes formados” (WHYTE, 2005, p.120), que eram favorecidos por instituições.

O estudo da obra de Foote Whyte permitiu reunir, nela, aspectos mais relevantes em relação a essa pesquisa de mestrado, bem como, ter a ciência de que não se poderia esgotar o tema e os possíveis caminhos metodológicos. Entendemos, portanto, as leituras feitas sobre os “peixes graúdos” e do gangsterismo em Cornerville como uma contextualização que permitiria o melhor entendimento de como a sociedade se organizava a partir das práticas cotidianas ali. No entanto, nosso maior interesse está em entender a ação de Whyte em campo, sua relação com “Doc” e os rapazes da esquina, os meios utilizados para chegar até eles.

Whyte traça alguns padrões acerca das formas de interação dos rapazes da esquina ao longo da pesquisa, definindo-as a partir de uma “estrutura grupal” como “produto dessas interações”. O universo deles se restringe a Cornerville, a esquina que frequentam, raramente mudam de esquina, são “canais regulares e estreitamente delimitados” (WHYTE, 2005, p. 262).

Ele percebe que dentro do grupo existe uma interação social muito intensa, organizada por obrigações mútuas, que promovem o status do indivíduo dentro do grupo, e isso fica ainda mais claro quando observado o uso do dinheiro, e por esse motivo que o “desemprego” representava problema em relação à manutenção desses status, para a manutenção das interações inclusive com outros grupos de rapazes, e talvez isso de refletisse no comportamento de Doc, e na sua busca constante por emprego, mais do que a questão de sobrevivência, pesava uma espécie de “sobrevivência” social, na manutenção de sua posição.

Por outro lado, quando nos voltamos ao relato do trabalho coordenado por Pierre Bourdieu, em “A Miséria do Mundo”, parece que as questões estavam circunscritas em um contexto problemático com relação à provisão habitacional, para famílias francesas e imigrantes, além dos vínculos trabalhistas e suas representações sociais; e conflitos resultantes da coabitação entre essas famílias em conjuntos habitacionais. Em meio a isso, outro aspecto recorrente durante as entrevistas é o uso da formação escolar para ascensão social, melhorias de emprego e de condições de vida.

O enfoque da obra estrutura-se a partir de fragmentos diversos para constituir o todo. São entrevistas longas, e um percurso de três anos, montado por uma equipe de

sociólogos pesquisadores sob a coordenação de Bourdieu, ao contrário de Whyte que, em sua pesquisa em campo, feita de modo individual, opta pelo recorte preciso e restrito a algumas pessoas, para então, a partir dessa observação, traçar um padrão naquela sociedade. O que parece crucial entre as duas obras é a reflexão que Bourdieu faz sobre sua obra, sobre as escolhas metodológicas, e até sobre a teorização da prática. São reflexões mais profundas e elaboradas do que aquelas apresentadas em “Sociedade de Esquina”, menos presentes no relato do percurso da pesquisa, e só se apresentando um pouco mais nos anexos, quando, anos mais tarde, Whyte se propõe a refletir sobre a permanência em campo, em Cornerville, e suas prováveis consequências, sua relação com Doc, e mais tarde, o esfacelamento dela.

A postura respeitosa de Bourdieu, ao iniciar a apresentação das entrevistas, é um dos aspectos que devem ser frisados na sua obra. Propõe uma reflexão sobre o processo e sobre o tratamento que deveriam dar aos depoimentos que “homens e mulheres” lhes “confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver” (BOURDIEU, 2010, p.9). Ele constrói um cuidadoso relato sobre sensações ao “tornar *públicas* conversas *privadas*”, e cita uma espécie de “contrato de confiança”, entre pesquisador e interlocutores, ressaltando a importância do “uso” que se faz desses depoimentos.

As entrevistas que ele apresenta são detalhadamente “lidas” de forma que, mesmo pequenos gestos são observados, alterações da fisionomia, etc. Outra forma importante de fazer a apresentação é a partir da contextualização daquelas pessoas que estão sendo entrevistadas. Eles as situam mencionando atividades praticadas na comunidade, cargos assumidos, os vínculos firmados naquela sociedade, as formas como eles se articulam. Isso fornece parâmetros para reflexões mais abrangentes ao se ler o relato da entrevista.

Dentre as teorizações de Bourdieu, está a relação que ele tece entre “espaço físico” e “espaço social”, relacionando-a aos agentes sociais. Ele afirma que, em uma sociedade constituída por hierarquizações, isso se manifesta da estrutura do espaço social, em forma de oposições espaciais, que em certa medida, têm em sua formação e representação reflexos das estruturas sociais que neles se dão, em uma relação espontânea de interrelação entre um e outro.

Dos conflitos decorrentes da coabitação de diferentes grupos sociais nos conjuntos habitacionais de entrevistados, tem-se a confirmação do que Bourdieu (2010, p. 165) coloca: “[...] inclinado a pôr em dúvida a crença de que a aproximação espacial de agentes muito distantes no espaço social pode, por si mesma, ter um efeito de aproximação social.”. E esse distanciamento social é agravado pelo que Bourdieu chama de capitais: seja ele econômico, cultural ou social. Tais diferenciações levam a acentuar processos de “dominação simbólica” entre habitantes desses conjuntos habitacionais, que de antemão já vivenciavam a exclusão socioeconômica. Essas questões pautaram tomadas de decisão e posturas em campo durante esta pesquisa de mestrado, ressaltando-se a importância de se considerar esses distanciamentos, e os cuidados que se deveria ter em relação a eles.

Bourdieu chega às reflexões finais de sua obra afirmando a posição contrária à defesa de “situação ideal de comunicação”. Segundo ele, uma vez que a interação entre o pesquisador e o pesquisado não passa por formulação prévia, por algum tipo de mensurabilidade, idealizar diretrizes e procedimentos para tal é uma tarefa infundada. Essa relação entre entrevistador e entrevistado, por mais que não passe por vias comuns, ainda constitui uma forma de relação social, não estando, dessa forma, isenta de “efeitos” sobre os resultados na pesquisa. A reflexividade sobre essa prática pode, sim, contribuir no controle dessas influências em campo, sem, no entanto, neutralizá-las completamente (BOURDIEU, 2010, p. 694).

As distintas hierarquias entre pesquisador e pesquisado, como as relacionadas por diferentes capitais, por exemplo o capital cultural, fazem com que a dissimetria nessa relação seja acentuada durante as entrevistas. Dominar os possíveis efeitos dessa “dissimetria” conduz à redução da “violência simbólica que se pode exercer através deles”. Assim, um dos meios experimentados foi a relação de “escuta ativa e metódica”, que difere da que se abstém de qualquer intervenção, mas também, do questionário claramente dirigido.

Uma parte mencionada na pesquisa chama a atenção por se aproximar de situações vivenciadas durante a pesquisa de campo deste mestrado:

[...] por exemplo, quando um pesquisador continuando a ser tanto atencioso quanto atento, pergunta à queima-roupa a um operário metalúrgico, que acabava de lhe dizer quanta sorte ele teve de ficar toda sua vida na mesma oficina, se ele, ‘pessoalmente’, estava, ‘prestes a partir de Longwy’, e ele obtém, depois de passado o primeiro momento de franca surpresa, uma resposta delicada do tipo daquelas que o pesquisador e o codificador apressado dos institutos de pesquisa registrarão como uma aquiescência; “Agora [tom de surpresa]? Para quê? Partir... Eu não vejo a utilidade... Não, eu não creio que eu deixarei Longwy... Essa ideia ainda não tinha me passado pela cabeça... Além disso minha mulher ainda trabalha. Isso pode ser um freio... Mas deixar Longwy... Eu não sei, pode ser, por que não?... um dia... Eu não sei não... Mas eu não penso nisso agora. Eu ainda não pensei nisso porque eu estou... Eu não sei, porque não [risos], eu não sei, nunca se sabe... (BOURDIEU, 2010, p. 696).

O que se lê, pensando no que coloca Bourdieu, é uma forma de “violência simbólica” nesse diálogo; por meios não-planejados, talvez, mas ela acontece. Acontece como reflexo do “capital cultural” de cada um, distintos entre si, pesquisador e pesquisado.

A ruptura drástica com o estereótipo de áreas degradadas e pobres como comunidades “desorganizadas” foi um dos fatores fundamentais para o “sucesso” da pesquisa de Whyte. Ele se infiltra na sociedade de Cornerville e vivencia as estruturas organizacionais de cada instância social; percebe hierarquias bem formadas e com direcionamentos claros, especificidades na manutenção de cada status, os diferentes padrões de comportamento: “[...] a despeito de tudo que fosse subjetivo na pesquisa social, era possível estabelecer objetivamente o padrão de interação entre as pessoas.”

Uma consideração importante feita pelo autor a respeito dele mesmo em campo é sobre enxergar o pesquisador também como um “animal social” (WHYTE, 2005, p. 283). E ele constata que esse processo de análise se dá, em certo momento, também, em um plano inconsciente - sabendo que não se chega a um relato completo do processo -, acontece a percepção de um padrão. Gradualmente, o padrão da pesquisa foi emergindo, e à medida que ele percebia esses padrões, testava e verificava em campo, simultaneamente, ao desenvolvimento da pesquisa.

Whyte (2005, p. 290) percebeu que, através de uma “cuidadosa observação desses eventos interpessoais, poderia fornecer dados confiáveis sobre a organização social de uma comunidade”. Ele chegou a isso após um criterioso processo de amadurecimento

do planejamento da pesquisa, com conversas na universidade, com docentes com experiência nessa área, não utilizando um método pronto. Ele precisou experimentar e considerar caminhos novos para aquilo que o desafio em Cornerville lhe apresentava. Nesse sentido, a estrutura dessa pesquisa de mestrado foi parte de um processo construído a partir de experimentações, a partir do teste de proposições de procedimentos, entre perceber limites e potencialidades dessas práticas em campo.

Pode-se empreender maiores esforços em observar o campo, refletir quais caminhos percorrer, e entender que o caráter de imprevisibilidade em certos momentos apresentou-se como oportunidades de ricos entendimentos acerca de um dado contexto social. Questões que emergiram em campo, deram à pesquisa base para entender aspectos não previstos ou imaginados pelos pesquisadores *a priori*.

Sentado e ouvindo, soube às respostas às perguntas que nem mesmo teria ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas.”. O mais interessante, que a orientação para isso partiu de Doc: “Vá devagar, Bill, com essa coisa de ‘quem’, ‘o quê’, ‘por quê’, ‘quando’, ‘onde’. Você pergunta essas coisas e as pessoas se fecharão em copas. Se te aceitam, basta que você fique por perto, e saberá as respostas a longo prazo, sem nem mesmo ter que fazer as perguntas (WHYTE, 2005, p. 303-304).

Em sua pesquisa, Bourdieu opta por permitir que os entrevistados sejam escolhidos pelos pesquisadores considerando sua proximidade, entre “pessoas conhecidas”, para evitar situações como a mencionada no trecho retirado da obra de Bourdieu anteriormente. Segundo Bourdieu (2010, p. 697), “a proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação ‘não violenta’ ”. Prática essa, inclusive, muito criticada por alguns estudiosos da área.

Uma possibilidade ainda considerada pelo autor consiste em “representar papéis” a partir da composição de um papel para o entrevistador, fazendo com que se aproxime da realidade do seu entrevistado, como por exemplo, as formas de falar. No entanto, a ponderação talvez mais coerente acerca dessas escolhas metodológicas de aproximação, talvez seja:

O sociólogo pode obter do pesquisado mais distanciado de si socialmente que ele se sinta legitimado a ser o que ele é se ele sabe se manifestar, pelo tom e especialmente pelo conteúdo de suas perguntas as quais, sem fingir anular a distância social que o separa de si [...], ele é capaz de *se colocar em seu lugar em pensamento*. (BOURDIEU, 2010, p. 699) [grifos do autor]

São tentativas de se evitar a chamada “violência simbólica” nessa relação de pesquisa, “entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência”(BOURDIEU, 2010, p.701).

2. Modos de vida e sua diversidade

“O que é que a arquitectura da habitação colectiva nos diz sobre os modos de vida e a sua evolução? Mostrar a arquitectura doméstica no que ela tem de banal, de excepcional e de judicioso, confrontar o ‘standard’ e a ‘vanguarda’, a concepção e, simultaneamente, a recepção pelos habitantes do que lhes é proposto, é reflectir sobre o espaço doméstico e as suas representações, sobre o íntimo e o “em casa”. (...) Questionamo-nos também sobre quem, no “interior”, participa na construção do “exterior”, sobre a relação entre os usos e os dispositivos da arquitectura doméstica, os ambientes de cada época, os slogans e ideais estéticos do momento (salubridade, saúde, educação, hedonismo, flexibilidade, desenvolvimento sustentável, etc.) e, enfim, sobre o impacto dos regulamentos sobre a organização interna da habitação.”

Monique Eleb

A noção de modos de vida é extremamente ampla, e tem sido explorada por diversas áreas do conhecimento. Em arquitetura tem-se buscado relacioná-la aos contextos sociais e urbanos, seus reflexos e desdobramentos nesses espaços, nas formas de sociabilidade, no contexto contemporâneo. Sua formulação envolve o entendimento de aportes de diferentes campos disciplinares, como tendências comportamentais, dados demográficos e estudos populacionais, perfis familiares, compreensões históricas, entre outros. Pode-se circunscrever o estudo de modos de vida a determinados territórios urbanos, a certas faixas etárias, a padrões de consumo, a patamares de rendimentos, conectando essa noção a estudos de outras áreas como a

economia, a psicologia, a comunicação, ao *design* e, certamente, à arquitetura e ao urbanismo. Suas abordagens pressupõem olhares diversos, através de diferentes prismas, como é o caso dos trabalhos de Monique Eleb (1988), Marcelo Tramontano (1998; 2013), Thierry Mandoul (1988), Roselyne de Villanova (2013), Isabel Guerra (1993), Raymond Boudon (1979), Elisabeth Lobo (1992), Adriana Facina (2000), Gilberto Velho (1995), Louis Wirth (1979 [1938]), John Dewey, entre outros. São arquitetos, sociólogos, filósofos que podem em muito contribuir para um olhar e entendimento transdisciplinar dessa neste trabalho.

Muitos são, portanto, os caminhos possíveis para se percorrer os esforços empreendidos na definição acerca de modos de vida. Na sociologia, por exemplo, uma ampla discussão crítica e relativizada, como Louis Wirth, sociólogo alemão que fez parte da Escola de Chicago, tal qual William Foote Whyte, mencionado no item anterior desse capítulo. Wirth empreendeu uma pesquisa sobre a noção de modos de vida a partir do urbanismo, tendo como principais referências cidades norte-americanas da década de 1930.

O autor viesou sua discussão de modos de vida e sua instância “formadora” a partir do urbanismo como forma de organização social. Mesmo que em suas postulações teóricas, com instâncias de verificação empírica, o autor embasou seu pensamento em noções de heterogeneidade, interação social, diversidade e intensidade de contatos, não se pretende neste trabalho validar ou questionar os conceitos por ele defendidos, mas utilizar esses percursos de pesquisa para balizar sua discussão e a dificuldade enfrentada em diversas áreas do conhecimento quando se trata de delimitá-lo e defini-lo, além de considerar suas necessárias relativizações de acordo com o contexto histórico de cada pesquisa. A exemplo de Wirth, ao abordar Modos de vida e urbanismo, ele traz noções atreladas a lugares físicos específicos da cidade, e a constituição desses modos de vida, não somente, mas principalmente, a partir desse âmbito (BARROS, 2007). Essa questão já foi mais recentemente discutida e relativizada, considerando os meios digitais e seus reflexos na vida cotidiana dos indivíduos.

Os desenvolvimentos tecnológicos no transporte e na comunicação, que virtualmente assinalem uma nova época na história humana, acentuaram o papel das

idades como elementos dominantes em nossa civilização e estenderam enormemente o modo de vida urbano para além dos limites da própria cidade. (WIRTH, 1979, p. 93).

Por outro lado, Wirth defende que um indivíduo pode pertencer a grupos bastante divergentes, e que "nenhum grupo isolado é possuidor da fidelidade exclusiva do indivíduo"(1979, p. 104). Parte dessas referências de pertencimento são segmentos de sua própria personalidade. Essa ideia se faz útil a este trabalho, quando buscamos entender a noção de modos de vida associada em grande parte à ideia de pertencimento, seja ligada ao âmbito físico e local onde a pessoa vive, ou seja ligada a outra realidade, com a qual ela pode tecer essa relação de pertencimento, mesmo geograficamente distante. Essa preocupação investigativa com os modos de vida, em consideração ao âmbito urbano, foi percebida também no trabalho de outros sociólogos da Escola de Chicago, como Robert Park.⁶

O antropólogo brasileiro, Gilberto Velho, um dos pioneiros na pesquisa em Antropologia Urbana no Brasil, relaciona o espaço físico, mais especificamente da metrópole, no caso de seu objeto de estudo, com a emergência de novas visões de mundo, em uma relação de interdependência, permitindo entender que esse contexto pode influenciar modos de vida e visões de mundo, e também por eles pode ser influenciado. O autor afirma: "Ela [a metrópole] é consequência e, simultaneamente, causa de novas visões de mundo, com concepções particulares de tempo, espaço e indivíduo." (1995, p. 227).

As diferentes particularidades do indivíduo, desde visões de mundo, são também expressas em narrativas bastante singulares, construídas a partir de diferentes momentos da vida do indivíduo e sendo variadas a partir disso também. Esse entendimento de âmbito individual corrobora no processo de modo de vida de cada um, tal qual coloca Facina, baseada em escritos de Pierre Bourdieu: "os indivíduos e sociedade mudam, a produção de si também sofre transformações produzidas por censuras ou constrangimentos específicos, por variações de posição dos indivíduos no seu campo de ação e uma série de outros fatores." (FACINA, 2000, p. 11).

⁶ Ver Robert Ezra Park, "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano.", in: Otávio Velho (org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, p.26.

Isso também nos permite dizer do caráter efêmero dos modos de vida, que podem ser revisados, matizados, e alterados, de acordo com o contexto histórico, político e social, o que implica em uma maior complexidade para pesquisas. Categorias, que poderiam ser válidas para o período das décadas de 1970 e 1980, época em que foram empreendidos grandes esforços de pesquisas nessa área, principalmente na França, podem já ser questionadas na contemporaneidade.

Por exemplo, em 1993, a socióloga portuguesa Isabel Guerra publicou trabalho relativizando as diversas perspectivas de análises possíveis dentro do âmbito das ciências sociais acerca da noção de modos de vida, que para a autora deve ser lida, não somente mas também, em dois níveis variáveis de análise: “o econômico, o político, o cultural, etc., e a articulação entre os níveis de percepção do real – o sistêmico e o estratégico.” (1993, p. 63). Para a autora, essa leitura também dificilmente pode se desvincular da hierarquia de redes de poder “que estabelecem as articulações entre as diferentes esferas do social” e que não somente integram parte do entendimento de modos de vida, como também são parte formadora da vida cotidiana. Existe uma instância coletiva dessa leitura, mas que não permite generalizações dos modos de vida, entendendo as particularidades e individualidades que formam esse todo social mais amplo, não como resposta de uma “soma linear de decisões individuais”, mas fruto também de fragmentos mais complexos de “decisões de atores cujas necessidades e interesses não são idênticos”. (GUERRA, 1993, p. 62).

Tal articulação já havia sido proposta por Curie (1989 apud GUERRA, 1993, p. 61), que defendia que

Se os homens fazem a história é a partir daquilo que a história fez deles, mesmo se é conveniente não esquecer que, segundo J. P. Sartre, são os homens e não as condições anteriores de vida que são os autores da história.

Existe nas análises de modos de vida uma dualidade entre historicidade e cotidiano, no entanto é sobre a análise do cotidiano que repousam a maioria dos estudos. Porém, esta oposição entre História e histórias individuais já foi questionada por teóricos das ciências sociais, e ainda em meados de 1980, gerava espaço para amplo debate (FRITSCH, 1983 apud GUERRA, 1993). Por outro lado, como possibilidade de análise,

também se colocam pesquisadores que transitam entre leituras a partir da valorização das práticas e lógicas individuais, seja enfocando a importância das estruturas sociais na determinação “das condições individuais e nos ‘habitus’ que elas produzem”. (GUERRA,1993, p. 61).

Boudon (1979, p. 28) coloca o registro dos modos de vida sob uma perspectiva semelhante, como uma análise de relações complexas “entre a estrutura dos sistemas de interação definidos pelas instituições sociais, e as expectativas, sentimentos e ações dos agentes”. O autor nos convida a pensar uma lógica de interdependência entre atores sociais, indivíduos, e uma estrutura social mais complexa de relações sociais, problemática ainda em discussão constante em diversas áreas do conhecimento e para a sociologia.

Ainda de acordo com Guerra (1993), as preocupações então mais recentes no âmbito da pesquisa de modos de vida colocavam, por um lado, a análise das diferentes práticas da vida cotidiana - trabalho, perfil familiar, consumo, lazer, etc. - e por outro, como esse conjunto de práticas se estabelece com as relações sociais mais gerais.

No presente trabalho, a importância do entendimento dessa noção está implícita na definição dos objetivos da pesquisa, já que está-se propondo a investigação de procedimentos capazes de facilitar e viabilizar sua expressão e coleta de informações a esse respeito. Entende-se isso como possível, a partir da criação de um meio – ou vários meios - , como *locus*, que fomente a constituição de um âmbito de interlocução a partir de diferentes pontos de vista e visões de mundo.

Muito distante da pretensão de buscar seu esgotamento, entende-se que nenhuma categorização, por mais cuidadosa e extensiva que fosse, teria condições de abarcar a complexidade inerente a noção de modos de vida, ainda mais considerando suas constantes transformações, releituras e influências possíveis. Portanto, propõe-se aqui, reflexões de teóricos de diferentes campos disciplinares que discutam em diferentes âmbitos a noção de modos de vida, para formar um entendimento mais amplo e plural acerca dessa noção, viesado pelos interesses dessa pesquisa de mestrado.

Além dos aspectos mencionados, modos de vida podem ser lidos mais estritamente com o auxílio de reflexões sobre questões e aspectos sociais, o meio em que são tecidas as relações entre o indivíduo e o universo particular em que ele se inscreve, com quais contextos ele tece relações de pertencimento e onde convivem suas diversas expressões. Pode-se partir de uma ideia de pertencimento, que define-se, por sua vez, através de escolhas, e essa relação de pertencimento pode estar ou não ligada ao meio físico em que se vive. Segundo Castells (2003), uma determinada experiência é apreendida de forma diferente de pessoa a pessoa. Ele entende como parte de um processo individual, “[...] mas com sobreposições. Os indivíduos têm em comum uma base cultural, compartilham significados, e a comunicação é o processo que revela antigas coisas em comum entre as pessoas e cria novas.”

O indivíduo pode, por outro lado, viver em um meio determinado, tecendo, no entanto, poucas relações de pertencimento com ele, mesmo que consideremos que esse meio tenha influência em como ele pensa a si mesmo, e como seu modo de vida está sendo influenciado e definido (DEWEY, 1934). Mais ainda, a noção de pertencimento que pode ser tecida pelo indivíduo se coloca como uma experiência passível de ser ampliada pelo uso dos meios digitais, que permitem acessar realidades distantes, e alterar as relações de próximo e distante.

De acordo com Haesbaert (2007 apud FRAGOSO, REBS e BARTH, 2011), esse aparato tecnológico viabiliza uma forma de “deslocamento” temporal e relacional entre realidades e contextos urbanos e sociais distintos, permitindo ao indivíduo experimentar uma relação com mais de uma dessas realidades e contextos. Essa diversidade disponível “permite ao sujeito frequentar, apropriar-se e pertencer” a esses diferentes âmbitos sociais, contextos relacionais, “em diferentes dimensões e que despertariam o mesmo sentimento de pertencimento e posse observados em relações de territorialidade única” (FRAGOSO, REBS e BARTH, 2011, p. 214). Ao contrário do que se imagina, as relações tecidas em âmbito digital e/ou híbridos podem reforçar laços constituídos em instância híbrida, e não necessariamente negá-los.

Modos de vida e sua dinâmica de transformação contínua formulam-se a partir de

questões basicamente individuais, considerando, certamente, o percurso pessoal, estando também intimamente articulados com a experiência de grupo e a experiência que se dá no âmbito social, corroborando a proposição de Dewey de que:

Não se pode determinar onde termina o indivíduo e onde começam o entorno natural ou a sociedade. O que é meu, é meu justamente porque eu o elaborei em relação ao mundo, e não porque eu já tenha nascido possuindo-o, separadamente do mundo. Uma experiência é "minha" porque eu estou incluído nela. (1934)

Dewey entende que os modos de vida partem de experiências absolutamente pessoais e individuais, mesmo que esse individualismo esteja sendo entendido como algo que se constitui a partir de um âmbito maior, de experiências nesse âmbito maior, e não como uma entidade que se dá em ambiente estanque e de forma independente. Delimitar essas transições entre o que Dewey fala sobre “onde termina o indivíduo” e “onde começa o entorno natural ou a sociedade” não é do que se trata esta pesquisa e seus interesses. Porém, nos permite pensar em que medida essa apreensão de uma experiência pelo indivíduo, e a impossibilidade de uma delimitação dessas fronteiras entre um e outro, contribui para a constituição de diferentes modos de vida. Como colocadas, essas fronteiras entre o indivíduo e o “mundo” apresentadas de forma indissociável reforça sua interdependência no que concerne a expressão individual de pontos de vista, visões de mundo, sua concepção e formação a partir do coletivo, do outro, da interlocução, de processos sociais.

Ainda nesse sentido, Raymond Williams considera que as transformações sociais, em determinado âmbito, são experimentadas de diferentes maneiras pelos indivíduos. Todo um conjunto de práticas, significados são parte de experiência coletiva, compartilhada, apreendida individualmente. Segundo o autor (WILLIAMS, 1989, p. 34-35 apud RIBEIRO, 2004, p. 14):

Não há uma classe especial, ou grupo de homens, que estejam envolvidos na criação de significados e valores (...) Tal criação não poderia ser exclusiva: os significados de uma determinada forma de vida das pessoas, em um determinado momento, parecem vir da totalidade da sua experiência compartilhada, e

a partir disso uma complicada articulação geral.⁷

Dito isto, dentro desta pesquisa de mestrado, preferiu-se enxergar a noção de modos de vida principalmente pelo prisma das Ciências Sociais, incluindo suas diversas relativizações, uma vez que os procedimentos de consulta, caracterização e coleta de informações foram realizados em espaços públicos urbanos, envolvendo tanto públicos específicos de um local, quanto públicos variados de espaços de passagem urbanos, quanto ainda de diversos lugares do mundo, visto que parte dessa coleta também foi feita em âmbito digital, permitindo a inclusão de indivíduos participando à distância.

Os procedimentos testados, por outro lado, buscaram igualmente criar canais para que as pessoas de um dado contexto expressassem seus pontos de vista, suas visões de mundo, pontos de vista, e que a partir de processos comunicacionais pautados pela interlocução, remota ou presencial, pudessem também ver parte dessas posturas revisadas ou entendidas sob outras perspectivas.

Ainda sob essa perspectiva, formular entendimentos de modos de vida a partir das abordagens de outros campos disciplinares, como o da Antropologia, constitui prática relevante para o arquiteto e urbanista e para quem estuda e intervém no meio urbano, que em fim de contas é também – mas não somente - onde esses modos de vida vão se desenvolver e interagir.

O arquiteto Carlos Nelson dos Santos (SANTOS, 1980, p. 43-44 apud DUARTE e VILLANOVA, 2013, p. 11), a propósito da importância dos laços entre a abordagem antropológica e a abordagem arquitetônica, acrescenta a essa reflexão:

Para agir como arquiteto sobre os meios urbanos brasileiros era urgente conhecê-los melhor. Era preciso descobrir formas de lê-los estruturalmente, que permitissem entendê-los como todos e, ao mesmo tempo, dar conta de um sem-número de particularidades das quais não se podia fazer tábula rasa, sob

⁷ No original em inglês, tradução da autora: “There is not a special class, or group of men, who are involved in the creation of meanings and values (...). Such creation could not be reserved: the meanings of a particular form of life of people, at a particular time, seemed to come from the whole of their common experience, and from its complicated general articulation.”

pena de perder o essencial, aquilo que, de fato, fazia o 'sistema funcionar de verdade'. Buscar novos métodos rastreadores das coerências e contradições entre as formas das cidades e de seus elementos físicos conformadores e as relações sociais neles contidas (SANTOS, 1980, p. 43-44 apud DUARTE e VILLANOVA, 2013, p. 11).

O entendimento e percepção de diferentes modos de vida da sociedade constitui um meio para que arquitetos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento lancem um olhar mais próximo sobre realidades diversas, para se perceber a importância dessa aproximação de forma mais empírica. Esse interesse se justifica no campo da arquitetura não somente por viesar o olhar do arquiteto sobre os contextos urbanos e sociais, mas também sua interpretação, refletindo-se em suas práticas profissionais.

Nas pesquisas em arquitetura que empreenderam esforços nesse sentido, percebe-se forte influência também do que estava sendo discutido na sociologia. Nas décadas de 1970 e 1980, na França, por exemplo, percebe-se uma ampla discussão em torno da noção de modos de vida. Grupos de pesquisadores da área de Ciências Sociais reuniram-se com esse propósito. A exemplo do Réseau Modes de Vie⁸, realizado em 1984 em Paris, onde percebe-se o registro do quadro que se colocava na discussão dos Modos de vida para o âmbito dos estudos sociais na França desse período⁹ (LOBO, 1992). Percebe-se que havia uma preocupação com a vida cotidiana, e seus reflexos se desdobram para outras áreas do conhecimento, como a arquitetura.

Dentre os pesquisadores que publicaram trabalhos interessados na discussão de modos de vida, tem-se por exemplo, Monique Eleb¹⁰, com obra publicada em 1988 acerca dessa discussão. Eleb viesou seu entendimento de modos de vida muito a partir da leitura dos espaços habitados, espaços domésticos urbanos e da vida cotidiana. Ela apresenta reflexões pautadas nas mudanças dos perfis familiares, novas formas de se

⁸ RESEAU MODES DE VIE. Approches sociologiques des modes de vie. Paris, CNRS, 1984.

⁹ "O debate organizado pelo Réseau Modes de Vie é elucidativo para compreender o quadro em que na Sociologia francesa dos anos 70 se discutiam os modos de vida (Lacascade, 1984, p. 147-204). Em primeiro lugar, o contexto histórico-social coincide com o momento em que se desfazem os grandes projetos de transformação da sociedade e são tematizadas as formas da reprodução social e as práticas cotidianas que as sustentam. As linhas que delimitam esta emergência da cotidianidade estão desenhadas simultaneamente pelas modificações no mundo do trabalho, pela perspectiva e realidade das chamadas mudanças tecnológicas e seus efeitos sobre o trabalho, o emprego e o mercado." (LOBO, 1992, p. 2)

¹⁰ ELEB, M., CHATELET, A. e MANDOUL, T. Penser L'habité. Le logement en questions. Pierre Mardaga éditeur. 1988.

viver no espaço de moradia, reagrupamentos e rearranjos familiares, lidos também à luz do espaço habitacional disponível. Esse conjunto de aspectos considerados pela autora deram possibilidade para se perceber alterações nos modos de vida, e emergência de outros na época em que a obra foi publicada. Uma grande contribuição do sentido de se entender uma possibilidade de leitura dos modos de vida e seus reflexos nos espaços habitados.

Tramontano (1998) empreendeu uma ampla pesquisa de modos de vida em três importantes capitais: São Paulo, Tóquio e Paris. Em parte, a pesquisa se debruçou na busca por entender os diversos modos de vida, principalmente, a partir dos espaços de morar, no mundo ocidentalizado, entendendo-os como parte de uma instância a ser considerada quando se deseja entender modos de vida, e contextualizar muitas vezes disjunções entre a arquitetura produzida e modos de viver, uma arquitetura que, muitas vezes não reflete e não parece preocupar-se com as demandas dos modos de vida que ela deve abrigar. Já se percebia a necessidade e riqueza que poderia emergir de entrecruzamentos de campos disciplinares para se entender esse todo mais complexo.

Nesta pesquisa de mestrado, a expressão de modos de vida a partir de dinâmicas realizadas no âmbito de procedimentos práticos- sendo que dois deles utilizavam meios digitais: o *Graffiti* Digital e a *Projeção de Comentários* -, colocou-se como uma questão central do que se queria entender, considerando que foram realizados em espaços compartilhados, em alguns casos foram ruas, praças, o interior de conjuntos habitacionais, entre outros. A implementação dos procedimentos como forma de dar possibilidade a essas expressões constitui, em parte, o que acredita-se ser a principal contribuição deste trabalho.

Para Stuart Hall (2006 [1980]), que em meados de 1980 abordava a questão comunicacional em suas reflexões e trabalhos investigativos, porém considerando-a em um âmbito espacial local, a ideia de modos de vida estaria associada ao modo como as pessoas entendem a si mesmas, e compartilham esse entendimento entre si. A noção de modos de vida como um conjunto de práticas presentes na vida cotidiana de indivíduos se relaciona com seus pontos de vista, desenvolvidos e compartilhados,

não somente, mas também, em processos comunicacionais, de acordo com Stuart Hall (2006 [1992], p. 59):

Uma vez que nossa maneira de ver as coisas é, literalmente, o nosso modo de vida, o processo de comunicação é de fato o processo de comunhão: a partilha de significados em comum e portanto atividades e propósitos comuns, a oferta, a recepção e comparação de novos significados, levando a tensões e realizações de crescimento e mudança.

Os processos comunicacionais, que abordaremos mais à frente nesse capítulo, assumem importância fundamental na articulação entre pessoas e na expressão de modos de vida. Ainda segundo Hall, os modos de vida, os processos comunicacionais e as dinâmicas sociais associadas a uma instância de coletividade são partes de um todo, que deve ser visto como uma trama indissociável de complexidades, uma estrutura maior de correlações, um entendimento que apenas reforça a importância da interlocução e complementaridade entre diferentes campos do conhecimento.

3. Processos comunicacionais e meios digitais

A comunicação recobre, então, vastas extensões do universo humano e se apresenta como uma das chaves para sua compreensão.
Martino, 2004, p. 12

É sabido que os processos comunicacionais são elementos fundadores das relações humanas, parte fundamental das relações de sociabilidade. É nesse sentido que serão discutidos aqui pensamentos de teóricos que compartilham esse entendimento e aplicabilidade, fornecendo insumos para compreender os procedimentos testados nessa pesquisa e o que deles poderia emergir.

De acordo com Schramm (apud MARTINO, 2004, p.7), a comunicação é um “processo social” fundamental, constitutivo, base e regulador de toda relação humana. Por processos sociais podemos entender as formas pelas quais se constroem as relações sociais, a forma com que os indivíduos e os grupos se relacionam uns com os outros. Tais processos percebidos em toda a sociedade, em práticas da vida cotidiana, se

colocam como instâncias de interlocução e articulação entre indivíduos, que se efetivam através de processos comunicacionais. Os processos sociais também podem assumir diferentes formas e tempos de duração, e relacionam-se à possíveis mudanças e transformações percebidas na sociedade e sua forma organizacional. Para Oliveira (2001) mudanças e revisões constituídas a partir da interação e contato entre indivíduos são parte de um processo social.

Schramm (apud Martino, 2004) ainda defende que “sem comunicação, as sociedades e grupos humanos não existiriam. Dificilmente alguém pode projetar uma pesquisa ou fazer teoria em qualquer campo do comportamento humano sem fazer alguma suposição sobre a comunicação humana.” Nesse sentido, experiências de pesquisa que se interessem pelo âmbito social das relações humanas estão implicadas nos processos comunicacionais, os quais seriam, então, parte intrínseca dos processos sociais e das relações sociais que os constituem. Tais processos se fazem importantes na medida em que entendemos a constituição do indivíduo de forma singular, e que em parte, suas individualidades e visões de mundo são tecidos e revisados nos meandros desses processos sociais, viabilizados pela comunicação e articulação dessas individualidades em processos comunicacionais.

Os processos sociais podem assumir diferentes características, como instituir laços de cooperação e associação entre indivíduos, podem constituir a emergência de conflitos pela articulação de diferentes interesses e pontos de vista, podem se dar em relações contínuas e de longa duração, ou podem estar mais restritas a um lapso de tempo em âmbito físico ou híbridos, entre outras possibilidades.

Isso nos interessa na medida em que os processos comunicacionais colocam-se como meio para a partilha entre indivíduos de experiências e vivências no âmbito da vida cotidiana, que estruturam por si dinâmicas comunicacionais singulares, em determinados contextos e realidades sociais e urbanas. Para esta pesquisa de mestrado, isso implica em entendimento mais amplo e teoricamente direcionado dos processos comunicacionais emergentes nos procedimentos práticos testados – Rádio de Rua, *Graffiti* digital e Projeção de Comentários.

Essas dinâmicas comunicacionais podem ser entendidas como base das relações

humanas, sendo que essas relações podem ser vistas como processos de articulação e expressão de si mesmo e do outro. Castells (2003) entende o que ele chama de “comunicação consciente”, a partir dessa noção, ele também usa o termo “linguagem humana”, como parte inerente de uma especificidade biológica da espécie humana, entendida no domínio de suas atividades. Essa forma de comunicação consciente a qual se refere o sociólogo provavelmente está atrelada a uma comunicação a partir de uma postura crítica, de uma tomada de decisão clara, a partir de individualidades do sujeito, em um sentido de diferenciá-la por exemplo de uma forma de comunicação simbólica ou mais subjetiva.

Como a vida em sociedade pressupõe formas de comunicação, as pesquisas que têm como preocupação o âmbito relacional entre pessoas não podem desvincular-se de tal abordagem, no sentido de que é a partir da comunicação que se tem insumos para investigar, entender, analisar dados e informações obtidos de um determinado contexto social. Aliás, a obtenção desses dados e informações somente se tornam possíveis a partir de processos similares a esses.

Nos processos comunicacionais que emergem nos procedimentos testados percebe-se a interlocução entre indivíduos do público e/ou moradores dos conjuntos habitacionais, dependendo do local em de realização dos procedimentos. Pode-se perceber a constituição de processos comunicacionais diversos entre eles, em diferentes instâncias e níveis de aprofundamento, por outro lado, e, igualmente importantes processos comunicacionais emergentes a partir da relação do pesquisador com o público, com os moradores, com as pessoas que de alguma forma participaram no âmbito do procedimento, à distância ou presencialmente também. A figura do pesquisador que se constitui como parte desses processos comunicacionais é importante no entendimento desta pesquisa principalmente porque estamos entendendo uma relação entre pesquisador e pesquisado como uma construção conjunto de conhecimento. A postura assumida pelo pesquisador se aproxima do que foi introduzido no início desse capítulo como observação participante, objetivando uma apreensão maior sobre um dado contexto social, podendo ter variáveis formas de entrada e participação no grupo de indivíduos do âmbito pesquisado, de acordo com os interesses de procedimento investigativo.

Martino (2004) apresenta um entendimento acerca da sociedade como uma “trama comunicacional, que a sociabilidade coincida com a comunicação dos agentes, que a construção social da realidade seja um processo comunicativo”. Podemos relacionar essa afirmação com o que já foi colocado no início deste capítulo sobre o entendimento de sociedade, como algo que se constitui em ato, e que se articula e se realiza por meio de processos comunicacionais. Nos limites desta pesquisa, tais processos se colocam em diversas instâncias, desde pessoas para pessoas de um determinado contexto, como também de pesquisadores para pesquisados, entendendo a constituição desse processo comunicacional também como parte constitutiva da pesquisa, e com ricas possibilidades de entendimentos mais amplos.

É nesse sentido que entende-se como importante a relação entre comunicação e linguagem uma interrelação indissociável no âmbito dos procedimentos práticos desta pesquisa, principalmente porque estão pautados na implementação de diferentes possibilidades de linguagens e temporalidades nesses processos comunicacionais.

Neste trabalho, a compreensão dos processos comunicacionais se aproximam da definição apresentada por Castells (2009, p. 54), como algo

definido pela tecnologia da comunicação, as características dos emissores e receptores de informação, os seus códigos culturais de referência e protocolos de comunicação, e no âmbito do processo de comunicação. Esses significados só podem ser compreendidos no contexto das relações sociais em que os significados e as informações são processadas.

Em certa medida, tal colocação ajuda a entender o alcance que um processo comunicacional, podendo se desdobrar em vários outros, pode ter a partir do aporte tecnológico que o media. Por outro lado, a forma como os processos comunicacionais se constituem também é definida, em parte, por esse aporte que se relaciona diretamente com a transmissão do que se deseja, bem como, estabelece a linguagem a ser utilizada entre emissor e receptor.

Não é de se estranhar que, no âmbito de tantas pesquisas acadêmicas, a discussão acerca dos processos comunicacionais tem se destacado, visto sua capacidade de alterar e balizar as relações humanas e os entendimentos acerca delas, já que os

aportes tecnológicos aos processos comunicacionais se tornam mediadores das relações sociais tecidas no seio desses processos. Para esta pesquisa, interessam os que emergem a partir e também no âmbito dos procedimentos testados.

Castells (2003) ainda coloca que a sociedade hoje vive “no meio de uma revolução nas tecnologias de comunicação” que afeta a maneira como as pessoas se comportam. Pode-se entender a partir da afirmação de Castells, que através dos processos comunicacionais também se expressam como modos de vida, visões de mundo e pontos de vista, em interlocuções que alteram as formas como as pessoas “sentem, pensam e se comportam”.

Tais processos são vias para possíveis experimentações da noção de pertencimento, que constitui parte do que estamos entendendo pela noção de modos de vida no escopo desta pesquisa de mestrado. Assim, se para Hall (2006 [1980]) as instâncias comunicacionais estavam limitadas a uma dimensão física e, a entrada dos meios digitais na vida cotidiana introduziu novas formas de se vivenciar o mundo, de se tecer e perceber relações de pertencimento, para além do âmbito físico.

Ao estudar esses processos em comunidades, o sociólogo Keith Hampton enxerga um processo de privatização da sociabilidade possibilitado e estimulado pelo uso da internet, em direção do que ele denomina “individualismo em rede”. Ele entende que

O individualismo em rede corresponde a um padrão social e não a um acúmulo de pessoas isoladas. Está-se, talvez, diante de transformações da própria noção de sociabilidade, e da reestruturação da participação em grupos. O olhar, agora, estaria focado nas redes pessoais, ou seja, são as pessoas que comandam suas próprias interações, por meio de comunidades pessoais, e não mais a família, o grupo ou a comunidade local (HAMPTON, 2001)

Os sociólogos Keith Hampton e Barry Wellman, da Universidade de Toronto, empreenderam um projeto em determinada comunidade na região periférica da cidade de Toronto, iniciado em Dezembro de 1996, quando as primeiras residências foram ocupadas, até Janeiro de 1999, quando o projeto foi encerrado. (HAMPTON, 2001, p. 40). O pseudônimo Netville foi utilizado para se referir ao conjunto, utilizado para proteger a identidade desse conjunto por ser um plano piloto de pesquisa, e que

também se refere ao projeto em si.

Essa experiência consistiu na implantação de equipamentos no conjunto habitacional, mas não de baixa renda, que permitissem aos moradores conexão à Internet e verificação do uso desse aporte tecnológico pelos moradores do bairro, formado por um conjunto de casas, habitadas em sua maioria por famílias nucleares de renda média baixa. (TRAMONTANO, 2002).

Fig. 2: “Uma típica residência unifamiliar em Netville.” Fonte: HAMPTON, 2001, p. 38.

Durante dois anos o experimento foi empreendido e analisado amplamente pelo corpo de pesquisadores envolvidos, sob a coordenação dos dois sociólogos. Eram aproximadamente 65% das moradias conectadas a Internet de banda larga, telefone com tela de vídeo, serviços de saúde *online*, fóruns para a discussão de assuntos comunitários e o uso de programas computacionais educativos e de entretenimento. (BBC, 2002). Para os pesquisadores Netville proporcionou uma oportunidade para perceber e observar os efeitos das TIC nas interações sociais da vida cotidiana das pessoas, seja em âmbito familiar, amigos ou em relações de vizinhança. (HAMPTON, 2001).

Para Hampton e Wellman, o experimento possibilitou a constituição de uma

comunidade local, com laços ampliados, reforçados e reconstituídos em instâncias híbridas, pelo uso dos meios digitais disponibilizados para a população. O autor percebeu um estreitamento dos laços relacionais entre os moradores, muito em função desses dispositivos comunicacionais terem viabilizado o convívio de diversidades nas possibilidades de interação social entre eles: “A Internet complementa os meios de comunicação existentes, aumentando o volume global de contato, proporcionando novas formas de se comunicar”¹¹ (HAMPTON e WELLMAN, 2003, p. 7).

Fig. 3: “Change in social contact with all non-neighborhood ties.” Fonte: HAMPTON, 2001, p. 77.

Essa potencialidade não somente foi percebida como verificada por uma ampla sistematização e análise dos dados coletados a partir da experiência de Netville¹², que forneceram insumos para se pensar os papéis que os meios digitais poderiam assumir na relação de uma comunidade consigo mesma e sua relação com um todo maior, a nível regional, estadual ou mesmo mundial. Perceberam-se relatos de moradores que por estarem vivendo em uma região periférica, puderam retomar e reestabelecer

¹¹ No original em inglês: “The Internet adds on to existing means of communication, increasing the overall volume of contact by providing new ways to communicate.” Tradução da autora.

¹² Para consulta na íntegra de gráficos e análises ver HAMPTON, 2001.

contato com pessoas de seus círculos relacionais anteriores, contato este que havia sofrido um certo enfraquecimento em função da distância física colocada pela local da nova moradia.

No que concerne a experiência de Netville para esta pesquisa de mestrado, é possível é possível destacar dois aspectos: um deles acerca do uso de procedimentos etnográficos e outro sobre as potencialidades verificadas quando introduzidos dispositivos tecnológicos capazes de ampliar o âmbito dos processos comunicacionais.

Acerca do uso de procedimentos etnográficos em Netville, para o âmbito desta pesquisa de mestrado que no início desse capítulo apresenta a importante contribuição que esses procedimentos representaram em vários âmbitos, destaca-se o caráter com que foram empreendidos no sentido, não de coleta de dados. Em Netville a observação etnográfica possibilitou perceber questões e condicionantes que alimentaram a formulação e revisão dos procedimentos práticos relacionados aos laços de sociabilidade dos moradores a partir dos meios digitais implementados e, foi utilizada também como meio de verificação e expansão dos resultados mais quantitativos. (HAMPTON, 2001).

Às vezes, a habilidade de viver como um observador participante, fisicamente presente em Netville, permite em primeira mão o acesso à informação que poderia ser difícil de coletar através de questionários, ou que não seriam relatados, observados e questionados durante questionários ou em fórum *online*. Entretanto, o aspecto mais benéfico da etnografia foi a confiança estabelecida com os moradores de Netville.¹³ (HAMPTON, 2001, p. 45).

Nesse sentido, Hampton empreende o uso da etnografia de forma complementar os demais métodos utilizados, de ordem mais quantitativa. Isso representa, em parte, as potencialidades de readequação, flexibilização e complementaridade de derivações de procedimentos etnográficos. Por outro lado, também interessa a essa pesquisa de mestrado, quando Hampton menciona a eficácia da observação participante como

¹³ No original em inglês: "At times the ability to live as a participant observer, physically present in Netville, provided first-hand access to information that would have been difficult to collect through surveys, or would have gone unreported, unobserved and unquestioned during surveys or in the online forum. However, the most beneficial aspect of the ethnography was the trust established with the residents of Netville." (HAMPTON, 2001, p.45). Tradução da autora.

forma de se aproximar dos moradores de Netville e estabelecer laços de confiança entre pesquisadores e moradores.

Quanto aos dispositivos tecnológicos e processos comunicacionais destaca-se a forma como um grupo de pessoas, no caso de Netville, seus moradores, passam a enxergar a si mesmas, e a olhar realidades distantes, parece realmente poder ser alterada, e, por que não?, enriquecida. Criam-se dentro de um dado contexto social imerso em diversos processos comunicacionais, outros *layers* de interação de possibilidade de constituição de processos comunicacionais. Isso retoma as ideias acerca de pertencimento do indivíduo com um determinado entorno e contexto, e também convida a refletir sobre como as relações sociais podem se reorganizar a partir dessas possibilidades de leituras individuais a partir de processos que também se dão em âmbito coletivo.

É, em parte, o que acredita-se representar uma contribuição percebida na pesquisa de Netville, e parte do que se entende como contribuição desta pesquisa de mestrado: o falar consigo mesmo, o refletir acerca de seus referenciais de vida, que pautam visões de mundo e pontos de vistas, posturas críticas, e que se vêem em condição de revisão quando se deparam com a possibilidade de interlocução com pessoas de um mesmo espaço físico, e de outras realidades e contextos urbanos também. Nesse sentido, para o indivíduo, constitui um “não falar sozinho”, no sentido de que os entendimentos construídos a partir dessa experiência refletem uma instância que é necessariamente a de uma prática que pressupõe o coletivo, a troca e interação entre pessoas, entre pontos de vista, entre realidades.

Dentro deste panorama, a noção de pertencimento que estamos considerando como parte do que estrutura a noção de modos de vida pode ser enriquecida e relativizada, permitindo que essa relação de pertencimento não seja apenas estabelecida em um âmbito local, mas também com contextos urbanos e sociais remotos através da participação em redes sociais constituídas, por exemplo, via internet.

Entendendo a importância reguladora e fundamental da comunicação nas relações humanas, podemos então examinar brevemente a rápida assimilação que esse aporte tecnológico - a princípio por meio das TIC - teve e tem na sociedade como um todo, no

indivíduo dentro dela e como as pessoas passam a se relacionar através dela, como se dão as relações de troca.

O sociólogo Campos (2008) aponta para uma série de dinâmicas e aspectos da vida cotidiana que se viram alterados pelo surgimento de utensílios digitais, colocando novos paradigmas incorporados nos contextos relacionais das pessoas. Tais aspectos podem ser mencionados como a forma de se perceber a realidade local e de se olhar uma outra distante, as formas de sociabilidade entre indivíduos, mesmo inscritos dentro de uma mesma constituição familiar, também foram alteradas, pela interferência que esses dispositivos digitais tiveram nas maneiras de se comunicar e logo, de se relacionar. Tem-se ainda os reflexos em um corpo imaginário e visual revisto a partir disso, uma outra noção de temporalidade, que altera formas de trabalho, de entretenimento, de deslocamento.

Assim, se por um lado, [os utensílios digitais] facilitam e tornam mais acessíveis e rápidos determinados processos previamente consolidados, por outro lado, produzem inovações sutis e incentivam a construção de novas modalidades de interação, comunicação e pensamento (CAMPOS, 2008, p. 8)

No que concerne aos modos de vida, se vêem imersos em uma realidade que os influencia e que por eles também é influenciada. Poderíamos retomar ideias iniciais deste capítulo, que foram utilizadas para se refletir sobre modos de vida, e entendermos como parte da noção de modos de vida uma série de aspectos como um corpo de questões que se relacionam com o contexto urbano e espaço físico (WIRTH, 1979; VELHO, 1995), com relações de pertencimento, tecidas individualmente (GUERRA, 1993; DEWEY, 1934; CASTELLS, 2003). No entanto, a partir de um coletivo, por meio da interação em processos comunicacionais, é possível considerar que em cada item mencionado, a entrada dos meios digitais coloca outro registro de práticas cotidianas, outro vieses de leituras possíveis. Como exemplo, os espaços físicos e contextos urbanos como âmbitos possíveis das relações sociais, já não são possibilidades únicas de encontros entre indivíduos, e não restringem o alcance que processos comunicacionais podem ter, quando utilizados os meios digitais. O mesmo se dá a partir da noção de pertencimento, que passa a poder ser tecida a partir de

realidades e contextos remotos. Essas parecem ser condicionantes que alteram profundamente os modos de vida e a forma como estes se constituem, reforçando o caráter de efemeridade e contínua revisão e elaboração que constitui essa noção, como introduzido no início deste capítulo.

Os vínculos criados a partir dessas relações sociais que podem emergir também em instâncias híbridas são definidos por uma “permanente transitoriedade” no sentido imediato, o que inversamente, não quer dizer que seus reflexos e desdobramentos não possam ser percebidos nas trocas e nas visões de mundo apreendidas a partir dessa experiência. Portanto, há de se considerar e refletir sobre os impactos dessas novas relações no tempo, espaço e nos “modos de estar juntos”, de acordo com Martín-Barbero (2001)

As novas tecnologias da informação e da comunicação estão reconfigurando os "modos de estar juntos" desde as transformações na nossa percepção do espaço e do tempo. O 'espaço', aprofundando o desencaixe que produz a modernidade por relação ao lugar, desterritorialização dos mapas mentais e das formas de perceber o próximo e o distante.¹⁴

Esses modos de estar juntos, e as formas de apreensões espaço-temporal a partir do uso de meios digitais, coloca outras formas do indivíduo perceber o próximo e o distante. O próximo que antes poderia ser entendido como as relações sociais dadas em um âmbito local, físico, ou a realidade que esse contexto coloca pode ser na verdade a distante, dependendo de como o indivíduo constitui sua relação de pertencimento. O distante, pode ser esse que em âmbito físico se coloca próximo, e o próximo, pode ser aquela realidade acessada pelos meios digitais. Há nessas relativizações uma força crítica para se pensar as constituições de processos sociais e comunicacionais, que em última instância são parte importante da constituição de modos de vida, visões de mundo e pontos de vista. Mais ainda, essa relativização entre próximo e distante, a partir de experiências em processos comunicacionais

¹⁴ Tradução nossa. No original: “Las nuevas tecnologías de la información y la comunicación están reconfigurando los “modos de estar juntos” desde las transformaciones de nuestra percepción del espacio y del tiempo. Del ‘espacio’, profundizando el desanclaje que produce la modernidad por relación al lugar, desterritorialización de los mapas mentales y de las formas de percibir lo próximo y lo lejano.”

representam parte do potencial que interessa a esta pesquisa de mestrado, e que buscou-se observar durante a implementação dos procedimentos testados.

A ideia de Fragoso, Rebs e Barth (2011, p. 214) apresentada no início deste capítulo, acerca de um deslocamento – não necessariamente físico - do indivíduo por âmbitos que dão referências para seu entendimento individual a partir do todo, do coletivo, da interlocução, reforça o sentido de que múltiplas realidades passam a ser acessíveis, sem que o indivíduo abra mão de suas referências de pertencimento, mas elas passam a poder ser ampliadas, revistas. Eles falam de um possível “frequentar e apropriar” de múltiplos contextos urbanos e sociais, em uma temporalidade que foge da que o âmbito físico permitiria, e que só se faz possível por acontecer em âmbito digital, híbrido.

É importante perceber que as emergentes formas de sociabilidade colocadas a partir do uso de meios digitais em processos comunicacionais não se constituem a partir de uma negação das relações presenciais, mas sim também de uma alteração delas, em aspectos como o de temporalidade, o contato e proximidade física entre indivíduos envolvidos nesse processo, como coloca Lemos (2007, p. 37)

(...) relações sociais dessa nova cultura da mobilidade que investe no uso maior do tempo assíncrono, fluido, na circulação de informação criando autonomia, liberdade pelo controle e maior domínio informacional sobre o mundo. Não se trata apenas de se “informar” (pelas funções massivas dos meios), mas de produzir, conectar e reconfigurar a cultura e as formas de sociabilidade pelas novas funções pós-massivas emergentes, com as TICs e as redes telemáticas. E isso não mais no “ciberespaço”, mas em mobilidade pelo espaço urbano nos territórios informacionais.

O aporte dos meios digitais colocou uma outra relação entre o indivíduo e os fluxos informacionais. É possível perceber uma outra temporalidade da assimilação e replicação da informação, o que nos leva a considerar em que medida essas alterações em temporalidades de processos comunicacionais, os diferentes suportes que mediam os mesmos podem ou não reverberar nas práticas e relações sociais, bem como no âmbito em que elas se dão.

A partir dos procedimentos testados coloca-se a necessidade de pensar, em cada um,

as temporalidades colocadas *versus* as informações coletadas. Também interessa perceber em que medida o aporte tecnológico e comunicacional implementado em cada procedimento pode potencializar ou limitar essa obtenção de informação e influenciou os processos comunicacionais que neles se deram, em diversas instâncias, como serão apresentadas nos próximos capítulos desta dissertação.

Hoje, não apenas a informação em si, mas os fluxos pelos quais ela é compartilhada, a interação e articulação dela por meios digitais assume um papel que precisa ser pensado, considerando a presença mediadora que cabe a ela. Relacionando essas considerações à pesquisa em questão e as práticas a ela correspondentes, o olhar se torna outro, remetendo ao aparato para essas trocas de informação, os meios digitais, que podem emergir em diversos suportes, seja por interface gráfica, textual ou pictórica, seja oral ou não-oral, seja síncrona ou assíncrona. Essas tecnologias não se apresentam mais como simples instrumentais a serem testados, mas, mais do que isso, são parte de um processo a ser desenvolvido (CASTELLS, 2000).

Para este trabalho, os processos comunicacionais não se constituem como preocupação investigava em si, mas sim, o que pode emergir deles quando constituídos no âmbito dos procedimentos testados e mediados por meios digitais, quando se dão a partir de diferentes suportes – *Projeção de Comentários* e *Graffiti Digital*, por exemplo.

Esses processos comunicacionais se constituem a partir de uma base e repertório de âmbito individual, e que tem questões compartilhadas que podem constituir outras novas pela interlocução desses indivíduos. Se relacionarmos esses processos com os caminhos que corroboram nas revisões e constituições de diferentes modos de vida na sociedade, podemos então considerar e reforçar a ideia de que se trata de uma experiência possível e realizada em âmbito coletivo, mas apreendida por leituras individuais. Castells reforça essa ideia

Uma experiência difere de pessoa a pessoa. É um processo individual, mas com sobreposições. Os indivíduos têm em comum uma base cultural, compartilham significados, e a comunicação é o processo que revela antigas coisas em comum entre as pessoas e cria novas. (CASTELLS, 2003).

Relacionando a ideia apresentada por Castells sobre os processos individuais

experienciados de formas particulares por cada pessoa com a ideia de Dewey apresentada no início deste capítulo, quanto ao que constitui o que é do indivíduo a partir de sua própria elaboração a partir do que ele apreende do mundo a sua volta, pode-se perceber como a percepção do indivíduo sobre si mesmo, e como isso se constitui como parte da expressão de um modo de vida se colocam como noções que se articulam e estão relacionadas nos processos comunicacionais, permitindo também dizer acerca da importância desses processos comunicacionais na constituição dos modos de vida e sua expressão individual, por uma articulação e interlocução, que já pressupõe uma instância coletiva.

Esse âmbito coletivo e de interlocução nos processos comunicacionais apresenta algumas particularidades quando ampliados por meios digitais. De acordo com Fragoso, Rebs e Barth (2011, p. 215), quando essa comunicação é mediada pela internet abre-se a possibilidade de “ambientes de interação muitos-muitos, que são compostos por representações visuais e/ou textuais visíveis e acessíveis em meio às quais acontecem as práticas sociais”. Tal entendimento nos permite apreender uma ampliação do alcance dos processos comunicacionais pelos indivíduos que neles podem estar envolvidos, e os diferentes suportes de linguagem que eles podem colocar.

Existe em um âmbito de expressão individual e de percepção de como essa expressão é percebida no processo comunicacional, que pode então ser lida como um “falar consigo mesmo”, e que se coloca como um não “falar sozinho”, por representar uma ideia inserida em um processo comunicativo, e que será recebida por outros indivíduos, que podem ou não apresentar um *feedback* a partir disso, gerando um processo de interlocução e expressão que se retroalimenta, podendo ser contínuo ou mais intersticial.

Por um lado, apresentam um ambiente que pode estar expandido em relação a um âmbito local, físico, e, por outro, podem ser considerados ambientes agenciadores de expressões de pontos de vistas e visões de mundos de contextos e realidades sociais e urbanas muitos distintas, considerando que, ao se utilizarem meios digitais, a condição geográfica não se coloca mais como um fator limitante para o estabelecimento de

processos comunicacionais.

Essa noção de processos comunicacionais que podem ser acessados por muitos, e desse extrapolamento do âmbito local pelos meios digitais, também é trabalhada e defendida por Castells, que coloca a internet como “um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global.” (CASTELLS, 2003, p. 7). Percebe-se nessa lógica a reincidência de aspectos importantes, os indivíduos que tomam parte nesses processos comunicacionais e a temporalidade em que eles acontecem.

4. Meio como *locus* de trocas, encontro e interlocução

Para esta pesquisa abordaremos a noção de meio, como *locus* de trocas, interações e sociabilidade, constituído por meio dos procedimentos testados – que serão apresentados no capítulo 2 desta dissertação – que são: a Rádio de Rua, o *Graffiti* Digital e a Projeção de Comentários.

O entendimento desta noção é permeado por outras, como a de encontro, encontro entre indivíduo e grupo, que são pessoas que podem ter vínculos e se conhecer, ou não, em um plano físico, podendo ser expandido para instâncias híbridas pela combinação dos âmbitos concreto e virtual através do uso dos meios digitais. Nesse sentido, a noção de *locus* pode ser entendida, como onde se desenvolvem “múltiplos aspectos da vida cotidiana [...] em que, no fim das contas, ações e espacialidades se combinam e interagem, e processos de comunicação de diferentes naturezas se efetivam.” (TRAMONTANO e QUEIROZ, 2013, p.81) Essa combinação entre interação social¹⁵, constituição de espacialidades, ações e processos comunicacionais, em parte, refletem o aporte tecnológico dos meios digitais nos

¹⁵ Por interação social estamos entendendo neste trabalho como: “Interação social é a ação social, mutuamente orientada, de dois ou mais indivíduos em contato. [...] a interação é a reciprocidade de ações sociais.” (LAKATOS, 1995, p.83 apud SANTOS, 2008, p.130).

processos comunicacionais da vida cotidiana, na construção e estruturação das relações sociais, que podem acontecer em fragmentos do espaço urbano, ou na ampliação dessas instâncias comunicacionais constituindo espacialidades híbridas.

Nesse trabalho, estruturou-se o entendimento da noção de meio como *locus* de trocas em duas esferas: o âmbito físico, que pode se estender para um âmbito híbrido pelo uso de meios digitais, relativizando e abordando a questão espacial na constituição deste meio; e o âmbito comunicacional, buscando entender questões relativas a processos comunicacionais implicados na constituição deste meio utilizando-se dos meios digitais.

4.1 A questão espacial e a noção de Meio

“De fora, vislumbra-se um oceano de pessoas em trânsito: individualidades que se afirmam pelo destaque dos rostos, mas cuja caminhada resulta de uma negociação coletiva”

(BIENAL DE SÃO PAULO, 2010, p.169)

Fig. 4: “Divisor”, de Lygia Pape, 1968-2010. Registro de reencenação de performande coletiva. Tecido branco com fendas; pessoas; tecido 1500X1500cm. FONTE: Catálogo 29ª Bienal de SP, 2010.

A obra “Divisor” de Lygia Pape, traz à mente que a “caminhada resulta de uma negociação coletiva” (BIENAL DE SÃO PAULO, 2010). A obra ajuda-nos a elucidar o que

em fim de contas mais nos interessa quando pensamos em pessoas e grupos constituindo algum tipo de coletividade, seja via meios digitais ou não.

A construção e elaboração desse conhecimento conjunto parte justamente do caráter de negociação entre dos participantes, que podem ser pessoas de um público, o qual é determinante para emergir dessa experiência algo enriquecedor. Guardadas as diferenças entre uma obra de arte performativa, como é a de Lygia Pape, partindo em sua matriz conceitual do desejo da artista e compartilhado posteriormente com o público em forma de performance, e os percursos e objetos de pesquisa que pautaram as tomadas de decisões desta pesquisa de mestrado.

Negociação e compartilhamento que podem oscilar entre relações estreitas e distantes, entre conhecidos e estranhos, entre noções de pertencimento ao lugar, na composição de uma comunidade, ou não, em um agrupamento de pessoas, em um panorama atravessado por uma inconstância de participações, de interlocutores, de pessoas.

O espaço físico na pesquisa é entendido como espaço de representação contínua das relações humanas, quase que um traço não ordenado de confluência de pluralidades - que percorre a multiplicidade de culturas e modos de vida, que regem, ou pelo menos de alguma forma participam, dos acontecimentos nesse espaço. Mais a frente, a pesquisa buscou explorar esses desdobramentos e sua riqueza em instâncias híbridas, constituídas pela implementação dos meios digitais, que coloca a possibilidade de interações acontecerem unicamente em ambiente digital também. Nesse sentido, as delimitações entre espaços físicos, digitais e híbridos se vêem mais matizadas e relativizadas pela implementação dos meios digitais. Para Bilandzic e Foth (2012, p. 68) os meios digitais podem alterar nossa percepção de limites físicos e noções de espaço, “eles também afetam nossas interações e práticas sociais dentro desses limites”¹⁶.

¹⁶ No original em inglês (tradução da autora): “As they change our perceived physical boundaries and notions of space, they also affect our social interactions and practices within these boundaries.” (BILANDZIC e FOTH, 2012, p. 68)

As manifestações e expressividade que ocorrem na tessitura da relação homem-espaço – e também meios digitais, por que não? – balizam o caráter relacional entre espaço físico e relações sociais.

Henri Lefebvre, em sua obra “A Produção do Espaço”, considera que a produção do espaço passa por “entrecruzamentos múltiplos, em lugares e locais assinalados” (LEFEBVRE, 2000, p. 31), e é norteando-se por essa afirmativa que o autor considera a “prática espacial, que engloba produção e reprodução, lugares especificados e conjuntos espaciais próprios a cada formação social, que assegura a continuidade numa relativa coesão”. Isso significará que se admitirmos que esses entrecruzamentos passam por questões abstratas, por subjetividades individuais e também pela coletividade da comunidade, essa “prática espacial” à qual Lefebvre se refere está muito mais relacionada à ideia de interação e estrutura social no sentido de que tal produção pode estar - e provavelmente está -, vinculada ao meio social e dá sentido de continuidade a ele, reprodução, desdobramento nas relações sociais.

Considerar o contexto espacial a ser trabalhado é importante uma vez que esse espaço não somente pode influenciar as relações sociais e encontros que nele se dão, como também pode por elas ser moldado.

Para Hiller e Hanson (1984, apud SCHIECK, PALMER, PENN e O’NEIL, 2011, p. 298), esse espaço compartilhado em meio urbano “[...] não apenas reflete e expressam padrões sociais, como também pode tomar parte na geração desses padrões, proporcionando uma plataforma de ricos e diversos encontros sociais”¹⁷.

Esses espaços poderiam, portanto, ser lidos como desdobramentos de práticas e relações sociais, a partir da maneira como são apropriados por variados grupos de pessoas, que podem constituir grupos organizados de pessoas que se conhecem ou não. O espaço como representativo de dinâmicas sociais também poderia ser lido como um amplo campo de fragmentos “carregado de significado e de conflitos

¹⁷ No original em ingles, tradução da autora: “[...] not only reflects and expresses social patterns, but can also play a part in generating these patterns, providing a platform for rich and diverse social encounters.”

simbólicos” (CAMPOS, 2008, p.6), tecendo um todo maior carregado de singularidades e complexidades.

Este espaço compartilhado, meio (*locus*) de encontro e de trocas também se apresenta como viabilizador da percepção de modos de vida, sua diversidade, visões de mundo e pontos de vista, que o ocupam e a seus interstícios, configurando um contexto de ampla negociação coletiva do próprio compartilhamento deste espaço.

Na presente pesquisa, as relações sociais e os espaços que elas ocupam, são parte de um todo indissociável. As estruturas que as constituem estão imbricadas entre si, que tem parte na construção de dinâmicas sociais. A esse respeito, Koch (2004, p.174) assinala: “podemos defender para uma interrelação de ‘construção social de’ e ‘construção espacial de’, executável pelo duplo significado de performatividade: dentre o social e o espacial, respectivamente.”¹⁸

Observando, de modo geral, os impactos das tecnologias da comunicação em meios digitais na sociedade, entendidos como fomentadores de novas formas de sociabilidades, propiciadores de aproximação de realidades distantes, novas temporalidades nas trocas de informações, aspectos que nos permitem apreender que as formas de se relacionar estão alteradas, uma vez que mais do que reflexos superficiais, parece que a revolução nos modos de se comunicar afeta estruturalmente as relações sociais, os contextos relacionais em que elas podem acontecer, e disso emergem “novas formas e processos espaciais”(CASTELLS, 1999).

Hoje é possível constatar que as interações nas redes sociais podem se estabelecer em um outro espaço - o espaço híbrido, que se constrói a partir do entrelaçamento das instâncias comunicacionais presenciais, estabelecidas a partir da existência física, concreta, face-a-face, e virtuais, instituídas em determinados ambientes em redes de comunicação digitais (SANTOS, 2008, p. 192).

¹⁸ No original em ingles, tradução da autora: “[...] we can argue for an interrelationship of ‘social construction of’ and ‘spatial construction of’, executable by the doubled meaning of performativity: among the social and spatial, respectively, and between them.”

Os espaços físicos não mais se apresentam como única instância possível para processos comunicacionais e relações interpessoais, as pessoas podem paassar a se relacionar e organizar em outras instâncias, virtual e híbrida. O espaço físico passa a compartilhar com o espaço virtual e híbrido as práticas sociais coletivas, abrindo esta possibilidade de outras instâncias de interação, interlocução e troca a partir do uso dos meios digitais.

4.2 A questão comunicacional e a noção de Meio

A compreensão de meio como *locus* de troca requer a consideração de alguns aspectos, como as relações de sociabilidade entre seus ocupantes. Para esta pesquisa consideramos que essas relações de sociabilidade e interlocução podem ou não pressupor um arranjo espaço físico, com possibilidade de transbordar para uma instância híbrida pelo uso dos meios digitais, ou para instância puramente virtual.

A socialidade, gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez lugar de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/ constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/ contra-hegemonia) com o poder (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17).

Esse *locus* se constitui como possibilidade de trocas, de interação, expressão de pontos de vista e visões de mundo, através dos processos comunicacionais, entre pessoas que o ocupam. Seu papel fundamental na articulação entre pessoas foi descrito pelo sociólogo Stuart Hall (2003), como uma instância para “articulação de diferenças”.

Difícilmente essas pessoas constituíram um todo homogêneo e, nesse sentido, os processos comunicacionais têm, como sugere Hall, papel fundamental na coexistência de diferenças em um dado contexto. Mais do que isso, ele pode ainda representar um fator de ampliação dos entendimentos a partir do diálogo, da interlocução, estimulando olhares mais tolerantes ao diverso, ao diferente.

Assim, se a comunicação traz como pressuposto uma linguagem específica, e através dessa linguagem é que um indivíduo, ou agrupamento de indivíduos, sentem-se aptos

a comunicar, expressar realidades distintas, de trabalhar sua coexistência, num âmbito constante de negociação, e afirmar sua expressão própria em um universo de tendências homogeneizantes.

Essa comunicação pode ser entendida também como uma possibilidade para compartilhar significados, entendimentos, através de um intercâmbio de informações. O aparato que media esta troca e interação, nesta pesquisa os meios digitais, pode ser sustentada e ampliada pelo uso de vários suportes – dinâmica da Rádio de Rua com alto falante, *Graffiti* Digital por interface gráfica e Projeção de Comentários por comunicação escrita, que são os procedimentos apresentados no capítulo 2 desta dissertação -, que contribuem no sentido de permitir uma pluralidade na troca de informações entre os diferentes contextos culturais.

Parte importante da constituição destas instâncias comunicacionais são os fatores de negociação envolvidos, tal qual aponta Teixeira Primo (2000, p.85 apud Santaella, 2011, p. 159): “[...] a negociação é um processo de comunicação para a resolução de diferenças. As resoluções desses processos de negociação vão definindo a relação”.

CAPÍTULO 2

Os procedimentos testados, Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários, e os procedimentos metodológicos em experiências anteriores

Como mencionado previamente, os procedimentos realizados anteriormente no âmbito do núcleo de pesquisa Nomads.usp, que fornecem insumos para a presente pesquisa são: Avaliação Pós Ocupação e caracterização realizada no decorrer do Projeto de Políticas Públicas Comunidades_ *online*, vigente entre 2004 e 2008, em Cidade Tiradentes na zona leste da cidade de São Paulo; realizados através de questionários e observação no Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho, na cidade de São Carlos, a Avaliação Pós-Ocupação de unidades habitacionais; e as Entrevistas Semi-estruturadas com gravação em vídeo realizadas, em março de 2011, com moradores do mesmo conjunto citado anteriormente em São Carlos.

Tendo em vista essas experiências anteriores, realizadas no âmbito dos conjuntos habitacionais em Cidade Tiradentes e no CDHU, pretende-se neste capítulo fazer uma apresentação das mesmas, para em seguida, tecer uma leitura analítica dessas metodologias utilizadas em relação ao procedimento da Rádio de Rua e o uso do Diário de Campo - instrumental derivado de procedimentos da etnografia -, realizados no âmbito do Projeto Territórios Híbridos e nos dois lugares onde as investigações anteriores foram feitas, fornecendo insumos para se pensar suas potencialidades e limites em comparação com os demais.

Na sequência, serão apresentados outros dois procedimentos testados e desenvolvidos no âmbito do Projeto Territórios Híbridos, delineados a partir do interesse de se entender a diversidade de modos de vida, que se estruturam a partir do uso de meios digitais, que em parte reflete interesses do projeto, que foi concebido, não somente, mas também, com a intenção de explorar novas formas de

reconhecimento e aproximação das populações pesquisadas, novas abordagens metodológicas, envolvendo o uso de meios digitais, com a produção de vídeos, *graffiti*, etc.

Os procedimentos testados referidos no parágrafo anterior são: o *Graffiti* Digital e Projeção e Coleta de Comentários. Todos eles a serem apresentados em maiores detalhes mais a frente nesse capítulo.

A Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção e Coleta de Comentários só foram possíveis por serem realizados no âmbito do Projeto de Políticas Públicas Territórios Híbridos, que viabilizou o número de pesquisadores necessários, equipamentos, e toda infraestrutura facilitadora.

Dessa forma, a primeira parte deste capítulo estrutura-se a partir da apresentação e breve descrição da APO realizada no âmbito do projeto Projeto de Políticas Públicas Comunidades_online, pautada em preceitos metodológicos de obras que tratam de APO, dentre elas, uma obra da autora Sheila Ornstein¹⁹, que também participou ativamente da pesquisa e na avaliação. Foi realizada uma ampla caracterização e levantamento físico das unidades habitacionais e o uso dos espaços, da disposição do mobiliário, bem como, da população, em uma área específica de Cidade Tiradentes, com a aplicação de questionários e entrevistas estruturadas.

A seguir, será tratada a Avaliação de Pós-Ocupação de um condomínio localizado no Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho – conhecido como CDHU-, no bairro Vila Isabel, em uma região periférica da cidade de São Carlos. A pesquisa foi realizada por dois pesquisadores do Nomads.usp e uma pesquisadora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, nessa caso também pautados em obras de Sheila Ornstein, e inclusive, sob orientação da mesma. Foram aplicados questionários com moradores e foram levantadas fisicamente as moradias, os usos e apropriações dos espaços domésticos. Em ambos espaços geográficos – Cidade Tiradentes e CDHU -, as moradias foram construídas principalmente pelo Poder Público

¹⁹ ORNSTEIN, S. **Avaliação pós-ocupação (APO) do ambiente construído**/Sheila Ornstein, Marcelo Romero (colaborador). – São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

– COHAB, CDHU – e as unidades habitacionais apresentam projetos arquitetônicos idênticos.

O terceiro procedimento a ser apresentado nessa parte do capítulo trata-se de Entrevistas Semi-estruturadas realizadas com moradores do CDHU, pautadas no interesse de perceber a “Diversidade Cultural” sob o olhar dos moradores, com registro de áudio e vídeo, e seguindo métodos de pesquisa qualitativa, com amostragem mais restrita e realização de entrevistas em profundidade²⁰.

A descrição crítica dos três procedimentos avaliativos apresentados, trabalhos de pesquisadores distintos e realizados fora do âmbito dessa pesquisa de mestrado, são aqui apresentados com o intuito de viabilizar um olhar e leitura crítica e comparativa, principalmente, com um dos procedimentos testados por esta pesquisa de mestrado, a Rádio de Rua, que foi realizada nas duas localidades abordadas nas pesquisas mencionadas anteriormente, Cidade Tiradentes e CDHU.

A Rádio de Rua, se constitui como a segunda parte deste capítulo, introduzindo a estrutura utilizada e seu funcionamento, bem como, uma descrição comentada dos procedimentos necessários para torná-la possível. Dentro dessa abordagem, iremos apresentar o Diário de Campo, derivado de procedimentos metodológicos utilizados pela etnografia e que foi experimentado como recurso de registro e pesquisa durante a Rádio de Rua, a partir dos relatos dos pesquisadores sobre as conversas informais e percepções durante a realização da Rádio.

Em uma terceira parte do capítulo serão tratados os outros dois procedimentos realizados nesta pesquisa de mestrado, também no âmbito do Projeto Territórios Híbridos, e que lançaram mão e se estruturaram pelo uso dos meios digitais. Primeiramente, o *Graffiti Digital*, elaborado a partir do uso de *touch tag* e *laser tag*, trazendo à discussão a questão de se grafitar à distância e da linguagem não-verbal, por um dispositivo gráfico. Foi amplamente realizado em diversos momentos do projeto, mas sua primeira experiência foi entre a cidade de São Carlos, no estado de

²⁰ O procedimento constituiu-se como parte da pesquisa de doutorado de Mayara Dias, pesquisadora Nomads.usp, e teve a participação de vários pesquisadores do Nomads.usp para sua realização.

São Paulo, e Belo Horizonte, em Minas Gerais. Em seguida, a Projeção de Coleta de Comentários, que se constitui como um recurso para coletar impressões e pontos de vistas dos participantes durante eventos do projeto, e também de pessoas que estavam assistindo à distância, podiam comentar de qualquer lugar com acesso à internet pela interface de comentários disponibilizada pelo site do Projeto Territórios Híbridos.

Em ambos os casos, serão ponderados seus alcances e limites, apontando para considerações que, em parte, colaboram para entender a importância das experimentações de procedimentos testados nesta pesquisa de mestrado, realizadas no âmbito do Projeto Territórios Híbridos. Essas experimentações que constituem a segunda e terceira parte deste capítulo, apontam para direcionamentos que serão analisados, lidos e comparados no terceiro capítulo dessa dissertação.

1. Métodos clássicos em pesquisa qualitativa: o exame de experiências anteriores

A escolha do método de pesquisa qualitativa pressupõe muitas questões do que se deseja apreender em um dado contexto. Durante anos, o Nomads.usp vem se utilizando de diferentes métodos clássicos em projetos de pesquisas, construindo ao longo desse período um leque de experiências nessas áreas que trouxe para as discussões mais recentes a importância da escolha dos procedimentos e suas implicações, e em que medida, a abordagem proposta por cada um desses procedimentos pode auxiliar na construção de um banco de dados relacionados a expressão de modos de vida, visões de mundo e pontos de vista apresentados no âmbito dos procedimentos.

Essa pesquisa se preocupa em tornar mais efetiva a aproximação com os indivíduos do local pesquisado, e permitir maior eficácia na obtenção de informações. Esses procedimentos testados no âmbito do Projeto Territórios Híbridos, ainda não haviam sido utilizados pelo grupo e se constituíam por aspectos que os métodos utilizados até

então não haviam sido capazes de averiguar, por motivos vários, como serão tratados a seguir.

Não se pretende aqui estabelecer juízo acerca de que um procedimentos seja melhor que outro, mas sim, apresentar uma leitura analítica desses experimentos recentes, pautando-se em resultados e experiências de pesquisas anteriores, apontando então para possíveis fragilidades, potencialidades e possibilidades de aplicação em outras áreas do conhecimento.

A intenção é que esse material possa trazer à discussão e apresentar a relevância da escolha metodológica em situações semelhantes, esperando que possa servir como uma pequena contribuição para a prática investigativa no âmbito acadêmico, e para práticas culturais em comunidades em geral, que desejem lançar mão do material apresentado neste trabalho.

1.1 Projeto de Políticas Públicas Comunidades_online

O projeto idealizado principalmente pelo Nomads.usp, estruturou-se a partir de parcerias e teve como um de seus principais objetivos “verificar as possíveis transformações a partir da introdução de instâncias virtuais de comunicação e interação na vida cotidiana de comunidades locais, observando o alcance das implicações espaciais no domínio das habitações e seus entornos, e na sociabilidade. Teve também, desde o início, como meta, ser uma experiência voltada à inclusão digital” (SANTOS, 2008, p. 314). O financiamento para o projeto foi proveniente da linha de políticas públicas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Fig. 5: Mapa de Regiões, Subprefeituras e Distritos – Município de São Paulo. Destaque feito pela autora. Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – SMDU/Departamento de Produção e Análise de Informação – DEINFO. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/mapas/3_regioes_subprefeituras_e_distritos_2013_10338.pdf>. Acesso em: 18 jul 2013.

Durante os anos de 2004 a 2008 o projeto Comunidades *online* investigou uma área específica do distrito Cidade Tiradentes (ver mapa Fig. 6), zona leste da cidade de São Paulo. O espaço social e geográfico do bairro se constitui como maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina. São aproximadamente 40 mil unidades habitacionais construídas principalmente, mas não somente²¹, pela COHAB²² e CDHU²³

²¹ Segundo informado no site oficial das Subprefeituras do Município de São Paulo, uma parte desses conjuntos habitacionais em Cidade Tiradentes também foram construídos por grandes empreiteiras, tendo sido financiadas pelo BNH (Banco Nacional da Habitação) pouco antes de seu fechamento.

em meados nos anos 1980, constituída basicamente por conjuntos habitacionais construídos pelo CDHU.

Já em sua concepção, idealizou-se a criação de um “bairro dormitório” e situado a 35km do marco zero da cidade de São Paulo, a Praça da Sé, e desde sua criação apresentando dificuldades no transporte público oferecido. A Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo apresenta em seus dados oficiais que Cidade Tiradentes possui uma população de 219.868 habitantes²⁴, baseado em levantamento do Censo de 2010. No entanto, há estimativas que indicam uma população de 400 mil habitantes²⁵, entre os que habitam a cidade “formal” e “informal”.

Interessava ao projeto COL a discussão em torno da inclusão digital. Buscou-se criar meios e viabilizar aos moradores o uso e acesso a computadores e à internet, para isso, uma das parcerias estabelecidas em Cidade Tiradentes teve papel fundamental, com o Instituto Pombas Urbanas. Foi criado um telecentro e foram promovidas oficinas com moradores locais.

A realização da caracterização da população da área demarcada no mapa (ver fig. 6) através de Avaliação Pós-Ocupação permitiu aos pesquisadores entender uma série de questões referentes ao uso dos espaços domésticos das unidades habitacionais, a estanqueidade de espaços quando relacionados aos seus usos, dados gerais sobre a população, como estrutura familiar, renda salarial, etc. No entanto, percebeu-se que boa parte das informações que guiaram os passos da pesquisa também foram procedentes de conversas informais que se deram devido a permanência por períodos de tempo dos pesquisadores no bairro, bem como a convivência com moradores no telecentro e em oficinas, além de informações dos parceiros locais, de integrantes do

Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/historico/index.php?p=94. Acesso em: 08 jul 2013.

²² Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo - COHAB

²³ Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo

²⁴ Dado disponibilizado pelo site oficial das Subprefeituras do Município de São Paulo. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 08 jul 2013

²⁵ Dados disponíveis para consulta em
http://transparenciasp.prefeitura.sp.gov.br/priv/organizacaoessociais/os_sharepoint.asp#. Acesso em: 14 mai 2013.

Instituto Pombas Urbanas²⁶, presentes no bairro com o Centro Cultural Arte em Construção havia anos.

Fig. 6: Mapa áreas de intervenção do projeto COL: Instituto Pombas Urbanas e telecentro Casa Brasil. Fonte: NOMADS.USP, 2006.

Na área demarcada, foram entrevistadas e caracterizadas 295 famílias e suas habitações (SANTOS, 2008, p. 333). Mesmo com o amplo levantamento dentro da área prescrita, com o levantamento de plantas, registro do uso e da disposição do mobiliário dos espaços das unidades habitacionais, notaram-se algumas limitações nessa forma de levantamento e caracterização de uma população. Percebeu-se já nesse momento o potencial de alcance de conversas e informações obtidas para além do questionário formal e para além de métodos clássicos e usuais em pesquisa qualitativa.

1.2 Avaliação Pós-Ocupação do Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho – CDHU: São Carlos_SP

A Avaliação Pós-Ocupação foi desenvolvida em 2008, no âmbito de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade

²⁶ O Instituto Pombas Urbanas desenvolve diferentes projetos e programas culturais com crianças e jovens de Cidade Tiradentes. Constituiu-se a partir do grupo de teatro Pombas Urbanas, formado em 1989 pelo diretor Lino Rojas, com a participação de jovens de São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, que fixaram residência em Cidade Tiradentes e desde 2004, com a estruturação do Centro Cultural Arte em Construção em Cidade Tiradentes em um galpão cedido pela COHAB-SP, prestam seus serviços à comunidade. (SANTOS, 2008, p. 332)

de São Paulo, e realizada por três pesquisadores, sendo dois integrantes do Nomads.usp. Teve como objetivo geral “avaliar a qualidade do espaço interno das unidades habitacionais integrantes no condomínio 1 do Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho – CDHU, localizado na cidade de São Carlos, estado de São Paulo.” (MIYASAKA, ANITELLI e PRADO, 2008, p. 3)

O conjunto habitacional pesquisado, conhecido por CDHU, situa-se em área periférica da cidade de São Carlos²⁷, no bairro Vila Isabel, com uma população estimada em 4 mil habitantes, sendo que seus apartamentos foram entregues aos moradores entre os anos de 2002 e 2003 (MIYASAKA, ANITELLI e PRADO, 2008).

Fig. 7: Mapa da cidade de São Carlos com indicação da localização do Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho – CDHU. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS, 2013. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br>>. Acesso em: 5 jan 2013.

²⁷ O município de São Carlos apresenta hoje uma população estimada em aproximadamente 220 mil habitantes. Fonte: IBGE, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=354890&search=sao-paulo|sao-carlos>. Acesso em: 16 out 2012.

Fig. 8: Mapa do CDHU com marcação de condomínio e indicação do condomínio onde a avaliação pós-ocupação foi realizada. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

A pesquisa avaliou 51 apartamentos do total de 128 que constituem o condomínio 1. Aplicou-se questionário, fez-se levantamento fotográfico e medição com a disposição de mobiliário em cada unidade habitacional. (MIYASAKA, ANITELLI e PRADO, 2008). A avaliação realizada em Cidade Tiradentes no âmbito do Projeto Comunidades_online foi da mesma natureza, chegando a conclusões próximas. Por isso, nesse trabalho essas experiências de pesquisa estão reunidas e apresentadas, para em um segundo momento demonstrar como pautaram as tomadas de decisões nas escolhas metodológicas do Projeto Territórios Híbridos e as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa de mestrado.

Para a formulação da pesquisa que seria feita, o grupo de pesquisadores se orientou pelos procedimentos de avaliação pós-ocupação descritos, não somente, mas principalmente, nos livros da pesquisadora Sheila Ornstein (1992), reunindo uma bibliografia sobre o tema que permitisse estruturar a avaliação realizada.

Após um primeiro reconhecimento do conjunto, eles optaram por delimitar a abrangência da pesquisa ao condomínio 1, chegando ao cálculo da amostra necessária.

Obteve-se um amplo reconhecimento daquela população em termos de nível de escolaridade, faixa de renda salarial, atividade remunerada, estrutura familiar, bens de consumo, acesso à *internet*, presença de computador, delimitando um perfil populacional. Em um segundo momento, na ocasião dos levantamentos físicos das unidades habitacionais e da disposição de mobiliário, os pesquisadores reconheceram a defasagem de projeto tanto arquitetônico quanto do mobiliário (muitas vezes adquiridos em redes de lojas populares) em relação às demandas contemporâneas de seus moradores e usuários, levando ao imprevisto e readequação e sobreposição de usos de espaços da moradia e de mobiliário.

De modo geral, os pesquisadores relataram a percepção de “incompatibilidades entre os usos e espaço habitacional proposto pela CDHU” ((MIYASAKA, ANITELLI e PRADO, 2008, p. 41) quanto ao projeto de espaços estanques. Pode-se obter dados que apontam para uma população constituída por agrupamentos familiares diversos, famílias monoparentais, pessoas vivendo só, famílias nucleares, e o levantamento físico, das plantas das unidades habitacionais confirmam a concepção de espaços estanques, herméticos que pouco levam em consideração a diversidade e demanda dos habitantes.

No entanto, a parte que essa pesquisa de mestrado pretende focalizar remete ao relato dos pesquisadores quanto aos limites e fragilidades dos métodos de APO utilizados. Nas considerações finais, eles apontam para o caráter restritivo desse instrumento “questionário”, quando o objetivo é obter respostas mais pessoais, subjetivas, no caso, por exemplo, quanto ao nível de satisfação do morador. Os resultados obtidos, de acordo com os pesquisadores que aplicaram a avaliação, pouco agregaram à pesquisa por eles empreendida em termos qualitativos.

1.3 Entrevistas semi-estruturadas com gravação de vídeos com moradores do Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho – CDHU: São Carlos_SP

1.3.1 O contexto da pesquisa e o procedimento metodológico adotado

Entre fevereiro e março de 2011, foram realizadas entrevistas com moradores do Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho, com o objetivo de discutir questões relacionadas às visões e percepções que eles tinham sobre “Diversidade Cultural”. O roteiro de perguntas foi norteador pelo tema e foram consideradas e permitidas lacunas para discussões que emergissem no momento da entrevista. O objetivo inicial era também entender quais atividades culturais eram realizadas no conjunto, como elas eram desenvolvidas e como a população se envolvia – ou não se envolvia - com elas, ou como eram percebidas pela mesma.

Na etapa de planejamento anterior à realização das entrevistas, a escolha do método e estruturação da atividade foram discutidas com um grupo de pesquisadores do Nomads.usp, as perguntas também foram elaboradas em conjunto, com sugestões de pesquisadores envolvidos em temas relacionados.

A partir de discussões entre os pesquisadores, após revisão de uma ampla bibliografia que trata de procedimentos metodológicos visando o êxito dos resultados, definiu-se uma abordagem teórica dentro da “Pesquisa Qualitativa” e “Entrevista semi-estruturada”. Foi reunida a bibliografia necessária para o preparo das entrevistas, sendo que cada uma teria seu registro feito em vídeo e áudio, bem como, acompanhado por registro fotográfico do momento da entrevista e do local de sua realização, ou o espaço da unidade habitacional ou os entornos dos condomínios e blocos.

Para a pesquisa qualitativa, os dados obtidos são oriundos da “experiência subjetiva de uma fonte” (DUARTE, 2005, p. 2), as perguntas, quando são estabelecidas preliminarmente, em casos de entrevistas semi-estruturadas ou estruturadas, resultam de um quadro teórico e conceitual estabelecido pelo pesquisador a partir do que se

deseja entender. Em sua maioria, as entrevistas são de longa duração e em profundidade, para se alcançar a abordagem pretendida. Através da pesquisa qualitativa é possível identificar e perceber fenômenos em níveis mais aprofundados em relação a outros métodos de pesquisa.

A escolha das fontes - os sujeitos a serem entrevistados - também exige atenção e cuidado, considerando que são as percepções e experiências deles que moldarão os dados da pesquisa, que não são apenas colhidos, mas são construções, reelaborações, etc.. (DUARTE, 2005).

A entrevista semi-estruturada parte do pressuposto de uma forma de conversação entre pesquisador e sujeito pesquisado, de forma que as questões colocadas sugiram e dêem margem para que o entrevistado continue o assunto e possa se estender sobre o tema, aprofundando a abordagem para além das questões colocadas. Nessa forma de pesquisa, é importante que se tenha certa maleabilidade e flexibilidade do momento da entrevista para que, de fato, essa possa cumprir o objetivo inicial e faça emergir na conversa temáticas que podem não ter sido sugeridas nas questões formuladas, mas que são parte importante para se entender um dado contexto. (ROSA, 2008).

Assim, nas entrevistas realizadas no CDHU foi feita uma ampla e detalhada investigação acerca do método, desde o preparo das questões referentes à entrevista, até a postura do pesquisador, a escolha dos sujeitos a serem entrevistados, a consideração que se deve ter em relação à diversidade de perfis, etc..

Na sequência, as entrevistas foram previamente agendadas com os moradores do conjunto habitacional e previstas para serem gravadas em áudio e vídeo, portanto, com filmadora e gravador de áudio, com a presença de um pesquisador entrevistador e de um pesquisador responsável pelos dispositivos de registro.

Essas entrevistas cumpriam parte dos requisitos de uma pesquisa de doutorado no Nomads.usp, e envolveram diversos pesquisadores do núcleo: desde mestrandos, doutorandos até pós-doutorando, permitindo um olhar mais amplo sobre o procedimento adotado.

Além disso, já constituía uma contribuição inicial para o Projeto Territórios Híbridos, que tinha ações culturais previstas para serem realizadas no conjunto habitacional, mas considerou importante a coleta dessas impressões e percepções dos moradores, para que os mesmos se envolvessem com as ações propostas.

1.3.2 Visitas de reconhecimento do CDHU e realização das entrevistas

Para a realização das entrevistas foram estruturadas 3 equipes com 2 pesquisadores em cada uma, e mais um pesquisador de apoio²⁸. Feitas as entrevistas e as visitas ao conjunto habitacional, todo o material foi organizado, sistematizado e apresentado para discussão com grupo de pesquisadores do Nomads.usp. Todas as etapas foram registradas em vídeo, fotos, bem como, em registro escrito.

Fig. 9: Entrevista realizada no interior de uma residência. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

²⁸ A equipe 1 se compunha por a doutoranda Mayara Dias (entrevistadora), a mestrand Luciana Roça (filmagem e fotografia); na equipe 2 estavam a pós-doutoranda Denise Mônaco (entrevistadora) e o doutorando Felipe Anitelli (filmagem e fotografia); e a equipe 3 pelo doutorando Fábio Queiroz (entrevistador) e a mestrand Priscilla Marqueto (filmagem e fotografia); além da pesquisadora doutorando Cynthia Nojimoto que esteve de apoio durante todo o processo de entrevistas. Todos os pesquisadores tinham suas pesquisas financiadas pela FAPESP, com exceção da pesquisadora Priscilla Marqueto, que teve bolsa CAPES.

Fig. 10: Conversa com moradores durante visitas de reconhecimento. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Fig. 11: Conversas entre moradores durante visitas de reconhecimento. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

1.3.2 Considerações sobre limites e potencialidade percebidos

As consultas feitas previamente no bairro, as visitas de reconhecimento do local, as conversas com alguns moradores do bairro ajudaram a trazer algumas impressões iniciais, de como os moradores se articulavam, questões territoriais implícitas entre os blocos e condomínios. O que se apresenta aqui não é apenas o que se coletou nas entrevistas, mas resultado de todo o processo que a sua realização envolveu.

Foi recorrente o relato de moradores com relação à segregação entre “blocos”, por blocos entende-se cada edifício que forma um condomínio (ver mapa XX). As iniciativas de moradores eram voltadas para moradores do mesmo bloco, e dificilmente eram práticas que englobavam moradores de todo o condomínio ou de todo o conjunto habitacional. Como, por exemplo, a proposta de coleta seletiva, que foi iniciativa de um bloco para ele mesmo. Percebeu-se entre alguns blocos uma forma de disputa, com os moradores demonstrando um esforço para diferenciar-se dos demais blocos. (DIAS, 2011).

Por outro lado, os laços de solidariedade entre moradores eram muito presentes, quando as questões tratadas eram mais gerais, como, por exemplo, a construção de um posto de saúde. Mesmo para questões cotidianas, as famílias se apoiavam mutuamente, como cuidar de filhos de vizinhos para os pais trabalharem, emprestar utensílios de casa, entre outros.

Os espaços coletivos em torno de alguns blocos estavam em bom estado de conservação, com jardins bem cuidados pelos moradores, enquanto que em outros blocos eram espaços abandonados e pouco utilizados pelo moradores. Em outras situações, os blocos foram apropriados por determinados moradores para fins particulares, o que levantou divergências em certos relatos.

A experiência das entrevistas e das visitas realizadas ao conjunto permitiu entender uma série de aspectos da vida cotidiana de parcela dos moradores que ali vivem. Puderam ser entendidas questões sobre o uso dos espaços coletivos, posturas divergentes, mas sempre em aspectos mais gerais, de modo que ao final de todo o processo, os pesquisadores envolvidos se deram conta de que os procedimentos metodológicos utilizados ainda não eram suficientes para elucidar as questões de diversidade cultural que se queria entender, e que os relatos durante as entrevistas em muitos momentos eram respostas esperadas, enquadradas dentro de uma postura “aceitável”, talvez pela presença de dois pesquisadores, munidos de crachás, identificando a instituição de pesquisa, a presença da câmera filmadora, fotográfica, gravador de áudio, com essa série de aparatos de registro criando uma atmosfera formal e inibidora.

Percebeu-se, também, uma dificuldade na abordagem de questões polêmicas do bairro, durante as entrevistas: as pessoas preferiam não responder, ou davam respostas genéricas e imprecisas, esquivando-se do assunto.

A partir disso, a intenção que já era presente no grupo de pesquisa, de experimentar e testar procedimentos metodológicos que alcançassem essas respostas, ou que aprofundassem na abordagem de determinadas questões se fortaleceu, e teve na ocasião do Projeto Territórios Híbridos campo para seu desenvolvimento, como será apresentado a seguir.

2. Procedimentos testados no âmbito do Projeto Territórios Híbridos

“as mentes coletivas populares e seu impacto no mundo material podem tornar-se uma das questões tecnológicas mais surpreendentes da próxima década” (RHEINGOLD, 1996, p.142).

O projeto de políticas públicas “Territórios Híbridos: meios digitais, comunidades e ações culturais”, em curso no Nomads.usp²⁹, desde março de 2011. Em parceria com a Coordenadoria de Artes e Cultura da Prefeitura Municipal de São Carlos, esse projeto se debruça sobre a possibilidade de construção coletiva de espacialidades híbridas – considerando a combinação das instâncias concreta e virtual – em territórios urbanos através de ações culturais. O enfoque se dá na preocupação em explorar a tolerância a diversidades e ampliações de visões de mundo a partir da realização de atividades conjuntas com pessoas e grupos vivendo em realidades sociais distintas entre si.

O Nomads.usp considera a pesquisa acadêmica como atividade coletiva, todo o corpo de pesquisadores que inclui pós-doutorando, doutorandos, mestrandos e graduandos que fazem iniciação científica, fazem do Nomads.usp um *locus* de questionamento e construção de saber coletivo. Isso evita que a pesquisa passe por processos solitários e que uma pesquisa dialogue com outras, e assim por diante. Resulta, portanto de

²⁹ Nomads.usp (Núcleo de Estudos de Habitares Interativos) é um núcleo de pesquisa ligado ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br>>.

processos construídos, continuamente em grupo, com complementaridade e reflexões críticas entre olhares diversos dos pesquisadores.

Nesse contexto, o projeto orientou-se a partir da necessidade de olhar a diversidade, de contemplar a coexistência, e pensar sobre formas e ações para que isso acontecesse.

O projeto Territórios Híbridos, situa-se em uma linha de fomento de políticas públicas da FAPESP, foi proposto e desenvolvido pelo Nomads.usp - Núcleo de estudos de habitares interativos. O Projeto Territórios Híbridos foi articulado e estruturado por meio de parcerias com órgãos do terceiro setor, como coletivos, ongs, bandas, além de ter parceria com órgãos públicos ligados à cultura e universidades, inclusive internacionais, ampliando o alcance do projeto, reunindo visões de mundo distintas desde sua organização, produção até a realização das ações.

A experiência dessa linha de projeto para o Brasil representa um avanço no sentido de fazer emergir experiências inovadoras e mais democráticas, pautadas em práticas menos centralizadoras e mais eficazes na promoção do bem-estar social. O que antes apenas podia partir de instituições do poder público agora pode emergir de comunidades e centros culturais atentos às demandas locais, partindo muitas vezes de experiências não-governamentais, para além do âmbito regulamentado e normatizado pelo poder público. O que também nos leva a considerar uma menor fragmentação das políticas culturais e uma articulação maior entre aqueles que as promovem. Nesse caso, o Estado atua, de certa forma, como mediador.

2.1 Rádio de Rua

Fig. 12: Rádio de Rua realizada em Cidade Tiradentes. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

2.1.1 Processo e realização

A Rádio de Rua, como é chamada por seus criadores, os atores do Instituto Pombas Urbanas¹, consiste originalmente em um triciclo móvel com ornamentos, microfones e equipamento de som ligados a uma bateria de carro acoplada à sua estrutura. Seu apelo visual objetiva chamar a atenção dos transeuntes para a mensagem que se pretende passar. Foi usado durante anos pelos atores do Instituto como canal de divulgação dos eventos promovidos pelo centro cultural. Para a pesquisa, usamos esse dispositivo em Cidade Tiradentes e no CDHU como forma de dialogar e ouvir os moradores locais, perceber diferentes posturas e relatos sobre a realidade do lugar e de como se vive nele, facilitado por um ambiente de informalidade, criado pela presença da Rádio, pelos atores e pesquisadores fantasiados e pelo equipamento de som.

O triciclo da Rádio de Rua do Instituto Pombas Urbanas foi conduzido pelas ruas de Cidade Tiradentes, amplificando o som das entrevistas, enquanto os pesquisadores ao redor também conduziam conversas informais com as pessoas que circundavam o evento, que em muitos momentos propiciam relatos bastante aprofundados de questões da vida cotidiana. As questões apresentadas pelos pesquisadores eram sobre viver em Cidade Tiradentes, e o ponto de vistas deles de como seria viver em um

conjunto habitacional com unidades habitacionais idênticas, mas em São Carlos, no caso o CDHU.

Já a Rádio de Rua realizada no CDHU foi estruturada a partir de um carrinho de supermercado, no qual colocamos uma caixa de som ligada à uma bateria de carro. Além disso, ligamos um aparelho *mp3 player* e microfone. Foram colocados alguns enfeites no carrinho e os pesquisadores se fantasiaram, na ideia de reproduzir a esfera de informalidade criada na ocasião da Rádio de Rua realizada em Cidade Tiradentes.

Por ter uma estrutura menor do que o triciclo usado em Cidade Tiradentes, pode-se caminhar com a Rádio de Rua entre os blocos, o que atraiu ainda mais a atenção dos moradores, que saíram às janelas e passarelas de circulação entre um apartamento e outro.

Fig. 13: Vista dos edifícios habitacionais em Cidade Tiradentes e no CDHU, respectivamente.
Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Apesar de existir uma questão central, o interesse era que outros assuntos também emergissem nos depoimentos no que concerne a aspectos da vida cotidiana local. As entrevistas realizadas pela Rádio de Rua foram filmadas, e a partir delas pode-se fazer um balanço comparativo entre os pontos de vistas de moradores dos dois lugares, CDHU e Cidade Tiradentes.

Foi previsto, durante o planejamento da pesquisa, um momento com moradores de Cidade Tiradentes e CDHU, no qual eles assistiriam os vídeos produzidos e a partir disso discutiriam seus pontos de vista e fariam um balanço geral. No entanto, infelizmente, essa etapa não pode ser realizada por fatores externos, tais como: condições climáticas que impossibilitaram a realização no dia agendado, desinteresse por parte de moradores de modo geral, etc.

A Rádio de Rua foi capaz de criar uma atmosfera de descontração nas redondezas do trajeto percorrido. Pelas ruas e praças, onde a rádio passava, criava-se um ambiente propício à interação, tanto para crianças, quanto para jovens, adultos e pessoas idosas.

Percebeu-se na estrutura da Rádio de Rua durante seu percurso a formação de esferas de interação entre *performers* e pesquisadores com os moradores da comunidade: entrevistas amplificadas pela caixa de som, mas também conversas informais e registros para futuras discussões.

Uma outra esfera da Rádio de Rua foi a instância de registro e observação. Pesquisadores, com cameras, a partir de vídeos e fotos, se colocaram como observadores durante a dinâmica da rádio, enfocando os moradores que se aproximaram para ver a Rádio acontecer, pessoas que foram atraídas. Foi possível perceber as redes entre os moradores, alguns entrevistados que depois conversavam com seus vizinhos, pode-se ver as reações das pessoas a partir de comentários e respostas amplificadas pelo equipamento de som da Rádio de Rua, e toda essa dinâmica de relações que se deu de forma simultânea e imprevisível.

Fig. 14: Estrutura de funcionamento Rádio de Rua. Fonte: A AUTORA, 1012.

As entrevistas com alto-falante contemplavam respostas mais breves. As pessoas não se mostravam intimidadas, pelo contrário, era como se estivesse estabelecido um diálogo da comunidade com ela própria. De modo geral, foram tangenciados vários aspectos da vida cotidiana na comunidade, tais como problemática do uso de drogas, tanto por adolescentes quanto crianças, a transformação vivida pelo conjunto habitacional nos últimos dez anos, o viver em comunidade como uma forma de compartilhar experiências, a construção de laços de cooperação entre os moradores, as comemorações e eventos realizados, a coexistência de diferentes práticas cotidianas, a violência, a presença do tráfico de entorpecentes e, em Cidade Tiradentes, a presença do Instituto Pombas Urbanas como agente cultural e transformador social. Além das idealizações que se tinha acerca de viver em outro conjunto habitacional de uma cidade menor.

Ao mesmo tempo, as conversas informais que circundavam a Rádio de Rua partiam dos assuntos anunciados no alto-falante, mas adentravam em outras esferas de aprofundamento, chegando a relatos bastante pessoais, como por exemplo, de mães que sofriam com filhos envolvidos no tráfico ou no uso de entorpecentes, ou então de

como foi importante viver em comunidade, onde todos se conhecem, se ajudam e o desejo de que as gerações seguintes continuem ali, como foi o caso da Rádio de Rua em Cidade Tiradentes. Esses relatos foram registrados também em diário de campo pelos pesquisadores, que descreveram em detalhes as conversas e vivências em campo.

Fig. 15: Rádio de Rua realizada em 04 de novembro de 2011, em Cidade Tiradentes. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Fig. 16: Caracterização dos atores e pesquisadores, reunião da sede do Instituto Pombas Urbanas e saída da Rádio de Rua em Cidade Tiradentes. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Fig. 17: Conversas informais durante a Rua em Cidade Tiradentes. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Fig. 18: Rádio de Rua realizada em 06 de novembro de 2011, no CDHU, em São Carlos. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Fig. 19: Conversas informais e ambiente descontraído criados pela passagem da Rádio de Rua entre os edifícios habitacionais do CDHU, em São Carlos. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Fig. 20: Caracterização dos atores e pesquisadores, reunião da sede do Nomads e a Rádio de Rua produzida para o evento no CDHU, em São Carlos. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Com essa experimentação a partir da Rádio de Rua, pretendia-se testar uma metodologia não tão usual na abordagem da população para coletas de impressões sobre o viver em conjuntos habitacionais. Essa descontração também foi reforçada pela caracterização dos pesquisadores com figurinos circenses.

As localidades envolvidas: o conjunto habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho (mais conhecido e chamado pelos moradores do local, como CDHU), no bairro Vila Isabel, na

cidade de São Carlos, estado de São Paulo; e uma área específica do bairro Cidade Tiradentes, zona leste da cidade de São Paulo, se constituem por conjuntos habitacionais de baixa renda, ambos construídos pelo poder público, em bairros periféricos de cidades distintas. No entanto, a tipologia dos edifícios e da unidade habitacional são bastante similares.

Observou-se que essa forma de diálogo e interação se dava em duas instâncias: uma, com a entrevista com alto-falante, pela rádio de rua; outra forma eram as conversas informais que aconteciam e eram favorecidas pela atmosfera de informalidade e descontração criada pela rádio. Essa descontração também foi reforçada pela caracterização dos pesquisadores com figurinos circenses.

Na primeira instância, com perguntas feitas pelos atores e pesquisadores caracterizados, chegou-se a respostas mais breves e viesadas pelo olhar pessoal do entrevistado, que permitiram entender alguns aspectos do cotidiano e impressões sobre a vida nos conjuntos habitacionais, as mudanças sociais, políticas e econômicas, vividas nos últimos anos pelos moradores.

Ao serem entrevistados, os moradores não se sentiam inibidos a expor questões relacionadas à vida no conjunto habitacional, tais como a menção de conflitos internos, questões relacionadas à privacidade entre vizinhos, que era algumas vezes, comprometida pelo espaço físico dos apartamentos, e a problemática do consumo de drogas por jovens.

As pessoas ouvidas tinham perfis diversos, desde senhoras mais conservadoras, que acompanharam desde o início da constituição do conjunto habitacional, até jovens skatistas, por exemplo, que relataram perceber uma mudança no bairro de modo geral.

Ao manifestar seu ponto de vista em um microfone, e essa ser reproduzida para boa parte da comunidade ouvir, notou-se, a riqueza do uso desse método. Uma instância comunicacional entre um morador e sua própria comunidade: cada comentário veiculado pela Rádio de Rua reverberava pelas pessoas próximas a elas e gerava um outro grande número de conversas paralelas.

Neste sentido, e com o objetivo de perceber um pouco a reverberação e potencial das entrevistas registradas pela rádio de rua, havia pesquisadores que ficavam no seu entorno, justamente prontos a ouvir e dialogar com os moradores que se sentiam envolvidos na conversa, e dali surgiam conversas que por serem mais informais, contemplavam momentos de maior aprofundamento em que assuntos diversos eram abordados de forma espontânea. As pessoas sentiam-se mais à vontade para falar de seu cotidiano, das vivências pessoais de cada um. Na maioria das situações relatadas e registradas em diário de campo, foi possível chegar a uma riqueza de informações e aprofundamento inalcançáveis em métodos clássicos e com outras abordagens, como questionários ou entrevistas semi-estruturadas. Essas conversas informais foram registradas pautadas na derivação de procedimentos comuns à etnografia, como o diário de campo, onde cada detalhe do que foi conversado ficou registrado.

2.1.2 Diário de campo

O uso diário de campo para essa pesquisa serviu como “ponto de inflexão” para a pesquisa de mestrado vinculada ao projeto descrito acima. A partir de algumas percepções decorrentes de experiências vividas no Nomads.usp, emergiu a necessidade de repensar metodologicamente os meios para tais ações e aproximações das comunidades em questão. A busca passa por encontrar meios de pensar sua essência (a essência do projeto), na medida em que prevê atividades de pesquisa em campo, deve-se considerar a necessidade de ter tal postura repensada, principalmente, em pesquisas qualitativas na área de investigação que se propõe.

A escrita do diário de campo consiste em um relato descritivo de todas as atividades realizadas em um dado período de tempo, sob a ótica do pesquisador que a relata, em que ficam registradas conversas formais e informais, que podem ser mais superficiais ou profundas. A postura do pesquisador responsável por esse registro baseou-se na observação participante, a qual goza de total liberdade para engajar-se em campo. A busca a partir desse registro é de produzir inteligibilidade sobre fenômenos sociais e sobre a vida cotidiana nas realidades urbanas nas duas localidades

recortadas pela ação conjuntos. Para tal, os relatos nos diários de campo foram estruturados a partir de dimensões, tratadas por Bruno Latour: dimensão espacial, linha do tempo, descrição densa e diário íntimo.

O objetivo fundamental da utilização dessa prática comum à etnografia foi acessar informações que são invisibilizadas pelo pesquisador, conversas mais íntimas, vivências e o relato da experiência de contato e permanência com determinadas pessoas e em determinados lugares.

Admitindo a intrínseca relação entre estrutura social e seus reflexos espaciais, entende-se que a vida acontece nos lugares a partir das pessoas, da sociedade, que se constitui em ato. Portanto, um dos meios inicialmente pensados para viabilizar procedimentos que alcançassem as informações desejadas, foi reunir leituras de trabalhos etnográficos, que tenham esse olhar calçado nas relações humanas como sentido fundamental, confrontar as posturas adotadas em campo por esses diferentes pesquisadores, e assim, construir referencial teórico para fundamentar a formulação de uma metodologia que atenda às demandas da pesquisa.

As questões metodológicas, nesse trabalho, enfocam na proposição de um instrumental que viesasse um olhar mais humanizado e menos distante, considerando a relação pesquisador - “objeto” de pesquisa. Tendo como pressuposto as pesquisas nas quais já foram realizadas no Nomads.usp, apresentadas na primeira parte deste capítulo, a formulação de uma postura crítica frente às práticas de pesquisa qualitativa, considerando seus alcances e seus limites.

A leitura de alguns trabalhos pautaram e orientaram as práticas de diário de campo nesta pesquisa, que foram realizadas em dois momentos: durante a realização da Rádio de Rua em Cidade Tiradentes e no CDHU; e, durante outras visitas realizadas às duas localidades mencionadas.

As posturas em campo, o uso de crachás, a filmagem das entrevistas e a forma de aproximação dos entrevistados foram aspectos determinantes nas respostas obtidas. Percebia-se uma inibição maior por parte do entrevistados.

Outros fator, como a amostra escolhida, a pessoa pela qual tivemos acesso aos moradores do local pesquisado. Ao ler “Sociedade de Esquina”, obra de William Foote Whyte, logo no início do curso, e ver os agentes comunitários, assistentes sociais e posturas por eles descritos, era nítida a impressão de que os meios de entrada naquele local haviam sido os mais institucionalizados e ilegítimos. Se realmente buscava-se entender como aquelas pessoas se organizavam, como eram os modos de vida, como se davam as relações sociais, os meios deveriam ser outros, e isso estava claro. Portanto, percebeu-se a necessidade de estabelecer contato por outras vias, com diferentes moradores do conjunto habitacional.

De acordo com Feltran (2008, p. 58), para o entrevistado, existe um “interlocutor projetado” que se constitui na pessoa do pesquisador. Essa projeção está atrelada a forma que o pesquisador se apresenta, uso ou não de crachás, etc. Esses detalhes irão balisar as respostas dadas pelos entrevistados, na medida em que existe uma espécie de filtro construído a partir da projeção desse interlocutor.

Assim, os diários de campo nessa pesquisa de mestrado se constituíram a partir de conversas informais entre pesquisadores e moradores de Cidade Tiradentes e do CDHU, no momentos da Rádio de Rua e em ocasiões fora dele. Foram descritos extensamente a dinâmica de todo o percurso realizado em cada dia de pesquisa de campo, bem como, impressões mais particulares do pesquisador.

Algumas conversas puderem chegar a níveis de aprofundamento interessantes, trazendo a discussão assuntos mais polêmicos e relatos bastante pessoais.

Como, por exemplo, em Cidade Tiradentes, durante a Rádio de Rua, uma mulher relatou que morava no prédio com presença do PCC e para entrar e sair do condomínio ela precisava pedir permissão, criando um clima de constante hostilidade entre os moradores e integrantes do PCC. Mesmo dizendo gostar do apartamento e do bairro, ela relatou ter vontade de viver no CDHU em São Carlos.

Alguns relatos em muitos momentos se cruzavam por abordagens semelhantes, em outros momentos, as perspectivas sobre uma realidade eram absolutamente divergentes.

Dona Joana³⁰, dona de casa, de aproximadamente 50 anos de idade, estava junto com outras mulheres conversando na Praça 56, próxima ao Centro Cultural Arte em Construção, sede do Instituto Pombas Urbanas, quando relatou alguns problemas de violência no bairro Cidade Tiradentes, mas disse que “já foi bem pior”. Ainda disse existir um espaço atrás do galpão do Pombas, onde a “molecada” usava *crack*, e pelas proximidades afirmou ter vários problemas com o consumo e tráfico de drogas. “Aos domingos, de vez enquanto, acontece uma ‘rave’ que começa às duas da tarde e vai até as dez da noite” (diário de campo).

Enquanto conversávamos, o irmão de Dona Joana, a chamava, inquieto, pedia dinheiro a Dona Joana, saía e voltava. Até que retornou com notícias do filho, de 26 anos, de Dona Joana, que havia sido preso recentemente pego traficando drogas. Para ela, “o maior problema é o convívio das crianças com as drogas”. Ela disse ver constantemente crianças na faixa etária dos 10 anos “ali perto das garagens³¹ dos prédios usando drogas, e nas festas³² isso fica mais descarado”.

Por outro lado, ela alega que os traficantes não importunam diretamente os moradores, “cada um fica da sua, e os policiais são piores que eles”. Relatou a existência de um lugar, que também foi mencionado em relatos de outros moradores, chamado pelos moradores por “Texas”, de acordo com os relatos, conhecido por ser onde policiais militares executavam infratores.

Apesar do relato, Dona Joana afirmou gostar de viver em Cidade Tiradentes, reforçou a existência de fortes laços de solidariedade entre os moradores, também ouvido em outros relatos, disse ter um bom hospital.

Por outro lado, relatos como o de Marina³³, apresentam uma visão mais otimista e uma forte ligação com o bairro. Jovem, 18 anos de idade, mãe e estudante

³⁰ O nome adotado é fictício, considerando que para os fins da pesquisa, não haveria prejuízo em manter sigilo quanto aos moradores que deram seus relatos em conversas informais.

³¹ As garagens para automóveis foram construídas ao redor dos condomínios, com acesso pelo lado externo deles, que posteriormente foram fechados e separados por muros. É possível ver o uso das garagens para outros fins, como depósitos, pontos comerciais, espaços abandonados, etc.

³² Tais festas são as “raves” citadas anteriormente, realizada nas ruas entre os condomínios, com acesso irrestrito de jovens, crianças e adultos.

³³ Nome fictício.

universitária, ela quis saber sobre a Rádio de Rua e depois disso foram aproximadamente 50 minutos de conversa, ininterruptos.

Marina contou estudar serviço social em uma universidade em São Caetano, levando em média duas horas de ônibus todos os dias para chegar até lá, e mais duas horas para retornar a Cidade Tiradentes. As questões de transporte público foram mencionadas amplamente, tanto em relatos de conversas informais, quanto nas entrevistas reproduzidas pelo alto falante da Rádio de Rua. Sua ligação com o bairro mostrou-se afetiva, relatou querer poder fazer algo pelo bairro, sua intenção de viver ali e de que seu filho, de 4 anos de idade, também crescesse ali, como ela, como sua irmã.

O clima em torno da conversa com Marina era de descontração, crianças brincavam, jovens pela praça e reforçando os aspectos positivos ressaltados pelo relato de Marina, em um dado momento, ela disse: “Tá vendo? É disso que tô falando, calor humano.”

O relato de Marina também apontou mudanças sofridas pelo bairro nos últimos cinco anos, segundo ela, antes não se poder andar na rua a partir de determinado horário, por exemplo, questões relacionadas à violência.

Os diários de campo produzidos a partir das vivências no CDHU, principalmente durante a Rádio de Rua, apontaram fortemente para os laços de solidariedade entre vizinhos. Pode-se perceber a existência de grupos de moradores que se reuniam e se articulavam com objetivos específicos. Por exemplo, mães e donas-de-casa que cuidavam de filhos de suas vizinhas para que estas pudessem trabalhar. Ou mesmo, ajudas em forma de alimentos compartilhados entre vizinhos que por ventura estivessem passando por momentos de crise financeira.

Em muitos casos, os relatos também apontavam para estigmas de determinados blocos, com a presença de traficantes e usuários de drogas. Ou então, criticavam o uso que estava sendo dado à quadra esportiva do CDHU. Essa quadra destinada inicialmente à prática de esportes está localizada fora do centro dos blocos.

2.2 *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários: procedimentos envolvendo o uso de meios digitais

Ao contrário da Rádio de Rua, os dois procedimentos a serem apresentados a seguir, que também foram realizados no âmbito do Projeto Territórios Híbridos, foram estruturados a partir do uso de meios digitais.

O *Graffiti* Digital, primeiro procedimento a ser apresentado com o uso de meios digitais, foi concebido a partir da vontade de se aproximar realidades distintas, pessoas, universos, pontos de vista, usando, não somente, mas principalmente, linguagem não-oral, pelo uso das interfaces gráficas pela qual foram realizados os *graffitis* digitais.

O segundo procedimento a ser apresentado que usou meios digitais trata-se da Projeção de Comentários. Foi implementado durante a realização de eventos e ações do projeto, com o intuito de dar voz ao público, tanto presencial, quanto o público que acompanhava remotamente pela transmissão de vídeo por twittcam. Os comentários coletados foram projetados durante os eventos e esse procedimento foi amplamente usado durante a duração do projeto.

2.2.1 *Graffiti* Digital

A ideia de reunir diferentes olhares sobre atividades como *graffiti* digital e *graffiti* pintado³⁴, foi uma das prerrogativas da primeira experimentação envolvendo meios digitais e comunicação à distância realizada pelo Nomads.usp no âmbito do Projeto Territórios Híbridos.

O evento foi realizado entre grafiteiros que vivem nas cidades de Belo Horizonte - com 2.375.151 habitantes³⁵ - e São Carlos - com aproximadamente 220 mil habitantes³⁶ -

³⁴ Para este trabalho estamos considerando o termo “*graffiti* pintado” como as formas de *graffiti* feito com spray, realizado sobre superfícies, com caráter de permanência. Dentro dessa forma de *graffiti* existem muitas outras subcategorias, como o *graffiti* bomb, por exemplo, mas que não iremos tratar por considerarmos não ser determinante para os resultados e procedimentos da pesquisa.

³⁵ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo 2010. Dado disponibilizado pelo Governo do Estado de Minas Gerais, Disponível em:

distantes 800 km uma da outra. Este seria o primeiro teste do uso do *graffiti* digital, que posteriormente, veio a estar presente em muitos outros eventos realizados no âmbito do mesmo projeto mencionado no parágrafo anterior.

O objetivo dessa ação foi envolver públicos a princípio resistentes à presença do *graffiti* pintado na cidade, esperando provocar reflexões a partir de um estranhamento. Também se quis usar as potencialidades do meio digital para sugerir aos grafiteiros a sensação de estar grafitando em paredes de uma cidade distante, remotamente, e de dimensão, contextos urbano e social distintos da sua própria. Buscou-se chegar a esses objetivos por meio da expressão gráfica e da possibilidade de essa expressão estar em um contexto urbano diferente do seu, caso do *graffiti* digital feito em Belo Horizonte, mas sendo projetado em São Carlos, e vice-versa.

Antes do evento, foram realizadas várias conversas e encontros com os grafiteiros convidados a participar do evento. Eram conversas onde podia-se ouvir a importância do *graffiti* para os grafiteiros, como eles entendiam essa prática, e como eles viam sua aceitação no contexto social de cada cidade. Em outros momentos as conversas tratavam de testes realizados com os equipamentos - *tablet* e apontador laser - , a fim de que os grafiteiros se familiarizassem com suas interfaces.

Durante o evento, os desenhos foram produzidos em *tablets* e projetados em tempo real na outra cidade, sendo vistos por outros grafiteiros e outro público. O ato de grafitar em uma parede de uma cidade distante permitiu uma espécie de comunicação, nesse caso não-oral, com um público que não se conhecia diretamente, mas que, de alguma forma, deixava sua marca em um outro território. Por meio da expressão gráfica, podiam-se ver emergirem questões diversas, relacionadas ao universo do *graffiti*, como questões sobre o pixo, sobre o *graffiti*, sobre a efemeridade do *graffiti* digital, e sobre relativizar as diferenças entre *graffiti* pintado e digital. Produziu-se, assim, um ambiente propício à visualização de

<<http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/invista-em-minas/invista-em-minas/11995-populacao/11972/5042>>. Acesso em: 05 ago 2013.

³⁶ Fonte: IBGE, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=354890&search=sao-paulo|sao-carlos>. Acesso em: 16 out 2012.

diferenças, de entendimentos distintos acerca da prática do *graffiti*, do uso de meios digitais para aproximar fragmentos de narrativas distantes.

No entanto, para essa pesquisa, interessa mais a prática e o processo como um todo do uso do *graffiti* digital, do que os eventos e ações culturais em si, realizadas pelo Projeto Territórios Híbridos. Interessa tornar claro seu funcionamento, suas potencialidades, sua aplicabilidade e seus limites. Portanto, a descrição de como foi iniciado seu uso no Projeto Territórios Híbridos, se preocupará também em observar e ler o processo desse instrumental.

Após a primeira experimentação com o *Graffiti* Digital, ele foi usado extensamente em outras ocasiões durante o projeto, com interesses distintos em alguns momentos, não apenas pelo uso do *graffiti* em si, mas também por potencialidades que foram percebidas ao longo dos experimentos.

O *Graffiti* Digital se coloca como uma atividade provocadora dependendo do contexto aplicado, propondo uma reflexão sobre sua efemeridade em comparação ao *graffiti* pintado. No entanto, no contexto de ações culturais realizadas pelo Nomads.usp, no âmbito do Projeto Território Híbridos, o *Graffiti* Digital em vários momentos foi empreendido com o intuito de atrair participantes e a atenção das pessoas. Por se tratar de uma projeção visível a maiores distâncias, ele pode ser percebido por pessoas em todo o entorno.

Durante as ações culturais do projeto, reunir pessoas foi uma questão central no planejamento das ações, já que estas, em sua maioria, dependiam da participação de público, tanto presencial, quanto à distância. E após alguns eventos, percebeu-se no *Graffiti* Digital potencial para atingir esse objetivo.

Esse procedimento foi realizado a partir da adaptação de *software open source*, no caso do *laser tag*, e de baixo custo, no caso do *touch tag*, que inclusive foram testados anteriormente por grafiteiros moradores do CDHU.

Para o *Laser tag*, utilizou-se um *notebook* com o programa desenvolvido pelo Research Lab, conectado a um projetor, um apontador laser de longo alcance e uma câmera

filmadora conectada ao *notebook*, captando os movimentos do laser na superfície de projeção. Para o *Touch tag*, utilizou-se um *tablet* com o programa instalado conectado a um projetor.

Fig. 21: Estrutura de funcionamento *Graffiti Digital*. Fonte: A AUTORA, 1012.

Durante o procedimento as duas estruturas foram disponibilizadas para uso do público, funcionando como uma via de expressão e linguagem não necessariamente verbais.

O procedimento atraiu, em sua maioria, jovens e crianças. Os jovens desenharam coisas relacionadas ao seu cotidiano, como *tags* e palavras que fizessem menção a estilos musicais ou gírias, e as crianças, elaboraram desenhos a partir do imaginário de moradia e natureza, por exemplo.

Após a experimentação do procedimento pela primeira vez no projeto Territórios Híbridos, ele passou a ser amplamente utilizado em outros eventos do projeto. No entanto, ao contrário da Rádio de Rua, ele funciona como um acréscimo à ação ou

evento, não se sustenta por si só, mas viabiliza e potencializa o evento e a participação do público nele.

Fig. 22: *Graffiti* Digital projetado. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

Percebeu-se seu potencial de atrair e reunir pessoas, funcionando como um chamariz do público para o evento que está sendo realizado e a discussão que está sendo colocada em cada um deles. Outro fator importante é considerar que as pessoas sentem-se mais à vontade para se expressar, por se basear em linguagem gráfica, permite a participação de todas as faixas etárias. Além da interface favorecer o uso de pessoas com pouca ou nenhuma experiência em desenho e/ou *graffiti*.

As instâncias percebidas em torno do *graffiti* se conformaram como um rico campo de diálogos e trocas. A primeira instância é de quem realiza o *graffiti* por meio da interface, seja *touchtag* ou *lasertag*, por meio de linguagem gráfica, é a primeira forma de comunicação, seja com a comunidade que assiste o *graffiti* sendo realizado ou seja com pessoas de outra cidade que assistem à distância e também grafitam simultaneamente.

Fig. 23: *Graffiti Digital no touchtag e projetado*. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

Uma segunda instância de interação percebida é a partir do *graffiti* realizado, a discussão que emerge no público presente, e as próximas pessoas que grafitam, introduzem seus desenhos como formas de respostas não-orais e gráficas para os anteriores, gerando um ciclo de conversação e reciprocidade entre público que assiste, e depois grafita, e assim por diante.

Fig. 24: *Graffiti Digital projetado*. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

2.2.2 Projeção de Comentários

A iniciativa de propor a coleta e projeção de comentários durante a realização dos eventos no âmbito do Projeto Territórios Híbridos, partiu do interesse em criar um canal de interlocução com o público. Uma forma de ouvir suas opiniões acerca dos eventos e das temáticas centrais de cada um. Outro fator importante, era a intenção de que o público à distância também pudesse tomar parte da discussão colocada. Já que a partir de certo momento do projeto o núcleo estruturou-se para transmitir o vídeo do evento ao vivo pela internet. Ou seja, pessoas de qualquer parte do mundo poderiam assistir ao que estava acontecendo, e em tempo real podiam expressar suas opiniões e pontos de vista, que eram projetados durante o evento.

Outro fator fundamental que viabilizou esse processo foi a disponibilização do espaço para comentários *online*, no site do Projeto Territórios Híbridos³⁷. Além de ser possível comentar à distância e participar dessa forma da discussão durante o evento, os comentários ficavam registrados e armazenados, de forma que se podia ler os comentários anteriores e posteriores, gerando, uma outra discussão a partir do banco de comentários gerado.

A linguagem escrita possibilita a expressão na projeção de comentários, e o que percebeu-se de potencial é a elaboração que essa forma de linguagem pressupõe, além de ter uma instância de registro. As opiniões e pontos de vista apresentados ficam reunidos e registrados para consultas posteriores, reunindo um material para se perceber naquele momento os direcionamentos que a dinâmica do evento e da temática proposta tomava.

Para a projeção dos comentários os pesquisadores circulavam durante o evento com *notebooks*, conversando com os moradores e convidando-os a darem sua opinião através de um comentário que ficaria armazenado no *site* do Projeto Territórios Híbridos, e era projetado simultaneamente no telão do evento.

³⁷ Os comentários também podem ser consultados pelo site do Projeto Territórios Híbridos. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/territorios.hibridos/>>. Acesso em: 07 ago 2013.

Um facilitador na veiculação das opiniões por comentários também foi o fato de poder ser feito de forma anônima, ou seja, não é obrigatória a identificação do autor dos comentários. Esse aspecto coloca uma outra forma de interação do público, alterando como eles percebem o filtro, existente, mas de forma diferente quando comparamos aos métodos qualitativos de APO e entrevistas semi-estruturadas, ou aos procedimentos anteriormente testados do Projeto Territórios Híbridos, como o *Graffiti* digital e a Rádio de Rua. Tal aspecto pode ser determinante do que será comentado, altera a questão do interlocutor e a desloca para um interlocutor imaginado, mas desconhecido, e que podem ser muitos, levando a um cenário mais propício à expressão de opiniões, de forma mais clara, mais ousada.

Fig. 25: Estrutura de funcionamento Projeção de Comentários. Fonte: A AUTORA, 2013.

Percebido o potencial da Projeção e Coleta de Comentários, o procedimento passou a ser implementado amplamente em ações e eventos do projeto, colaborando para a construção de um amplo banco de comentários que permite leituras e análises

diversas. Apresentaremos aqui parte da diversidade do que foi percebido e que interessa à essa pesquisa de mestrado.

Foram recebidos comentários dos mais diferentes escopos, desde construções mais poéticas, até ataques políticos e críticas mais fortes. Sobre a poesia, percebeu-se estar, diretamente, influenciada pelo ambiente do evento no qual ela se inscrevia, como os dois exemplos a seguir:

“(...) um pouco de você, um pouco de eu, um todo que é nós e que se faz um nó em meio a tantos retalhos dos que se fazem vida. Um pouco do seu, um pouco do meu. Tudo nosso de nós para nós!” trecho de comentário via site, 18 abril 2013

“Os limites desta projeção são prisões invisíveis, cercado e afogado. O que vocês vêem não são palavras, mas sim LUZ!!! Luz projetada, luz interpretada por vocês como signos jogados ao vento!” Comentário, 18 abril 2013

Fig. 26: Projeção de Comentários em evento. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

Na sequência, percebeu-se formas de diálogo por comentários, pessoas que assistiam aos vídeos à distância e exibiam pelos comentários uma forma de resposta ao que estava acontecendo e sendo discutido.

“Ótimo o comentário do Bruno, queria acrescentar uma questão: parece que os próprios artistas não se comunicam entre si, a não ser no seu próprio circuito. Que estratégias podem atenuar esta não comunicação? sobre Neuköln... não deixa de existir ali um processo de gentrificação que já aconteceu em outros bairros de Berlin e é bastante polêmico na cidade. A relação entre os artistas e os moradores nem sempre é harmônica.” Comentário, 24 junho 2013.

Ou então em outros momentos, outras discussões, relacionadas à central, eram introduzidas, como:

“A ocupação de espaços públicos dependeria da autorização dos gestores públicos?” Comentário, 24 junho 2013.

Fig. 27: Comentário projetado durante evento. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

Também pode-se observar mensagens otimistas, de incentivo, relatos e reflexões sobre uma dada situação. Em outros momentos foram colocadas possibilidades de como espaços públicos poderiam ser apropriados, sugeridos usos, atividades.

“as escolas aos finais de semana também deveriam ser utilizados nas atividades culturais desenvolvidas por entidades não governamentais!!! Exemplo, CICAS, vila sabrina, zona norte, são paulo, capital!!!” Comentário Cássio Borgo, 03 março 2013.

“A rua, os muros e os espaços são de todos. Pinte seu espaço.” Comentário, 21 abril 2013.

“Sempre que tive contato com outras realidades as julguei segundo meu mundo de referência, hoje por estar em conflito com meu mundo consigo enxergar que é necessário haver a diversidade de mundos.....” Comentário, 21 abril 2013.

“Acredito que todos os espaços públicos devem ser minimamente ocupados com cultura, de acordo com o seu fluxo.

Mas hoje, os que mais necessitam são os bairros da periferia, os extremos da zona leste, oeste, norte e sul. Parques também deveriam ter atividades maiores. Os responsáveis apenas deixam o lugar aberto para uso a mercê das vontades da comunidade, não existe um roteiro cultural ou educacional. Um olhar cultural para as praças da periferia seria muito vindo nesse ano de 2013, pois a passagem de ônibus será cara, e dificultará a locomoção para o centro da cidade. Cultura é vida e espírito.” Tiago Santana Ariani Alencar, 03 março 2013.

“A praça Benedito Calixto é um espaço que deveria ser mais utilizado para a cultura... a feira que ocorre no sábado é pouco para o que o espaço pode oferecer para a cidade.” Comentário Pedro Calasso, 03 março 2013.

Fig. 28: Pessoas assistindo à Projeção de Comentários durante evento. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

Durante os eventos realizados os comentários foram um importante instrumental para se entender como o eventos estava sendo percebido pelo público. Ou então, tornar conhecido de como a transmissão do vídeo em tempo real estava se reverberando e sendo recebida pelo público que acompanhava à distância.

*“Na cidade tiradentes temos diversos locais para apresentações, gincanas, shows e afins... aprovo a iniciativa do grupo, e com a mistura do maracatu entao ficou bacana!!! Parabens a equipe do pombas urbanas, e a todos envolvidos neste projeto. *Não desistam jamais!”*
Comentário Glauco Rodrigo, 01 março 2013.

*“O Sul de Minas está conectado também com a região Sul do Brasil!
Dos Mares de Morros aos Pampas, aqui o grito é de #VaSuldeMinas, estendido ao #VaiSuldoBrasil! Estamos acompanhando a discussão.”* Comentário Renan Moreira [Coletivo Corrente Cultural], 26 fevereiro 2013.

Também foram feitos relatos de pessoas que participaram diretamente de ações, dando pontos de vista sobre a prática, sobre pontos de vista mais particulares, permitindo que fosse percebido também esse potencial, tanto nas ações quanto ao ver isso sendo expressado pelos comentários.

“Acho importante tbm as experiencias das pessoas que estão filmando.

Por meio da camera e um tema específico, se abrem acessos a novos caminhos de vida, pessoas, aspetos do mundo que vc ni percebe na vida cotidiana..passando por eles com olhos fechados. A camera abre os olhos e inspira a refletar sobre a sociedade, o mundo..” Comentário Sabrina, 18 outubro 2012.

Percebeu-se a reivindicação da promoção de momentos que propiciassem o contato com diferentes formas de cultura, a questão das drogas e violência também estiveram presentes. Foram recuperados temáticas já levatandas, por exemplo, durante a Rádio de Rua, no CDHU São Carlos, como o uso e apropriação das quadras do bairro.

“Acho que seria interessante que as quadras fossem mais utilizadas para coisas que valorizassem o CDHU !” Comentário 26 maio 2012.

Tal qual na Rádio de Rua, percebeu-se a reverberação em conversas informais sobre o que era projetado, essas conversas também mostraram onde se posiciona na opinião de muitas daquelas pessoas as práticas culturais, os eventos, e como eles viam aquela possibilidade de coexistência de grupos dentro da comunidade que normalmente não se falavam. Os comentários podem ser vistos pelo site do projeto.³⁸

³⁸ <http://www.nomads.usp.br/territorios.hibridos/>

CAPÍTULO 3

Análise dos procedimentos testados: um olhar sobre a prática a partir de reflexões teóricas

*"Eu acredito que imaginação, e especialmente imaginação coletiva, produz realidade."*³⁹

Pierre Lévy

Este capítulo propõe uma análise dos procedimentos realizados - Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários - utilizando-se do embasamento teórico apresentado no capítulo 1 desta dissertação.

Para isso, o capítulo estrutura-se em quatro partes. A primeira apresenta uma leitura dos procedimentos a partir de suas instâncias comunicacionais, narrativas e linguagens percebidas e utilizadas, viesadas pelos meios digitais empregados em cada um dos procedimentos.

A segunda parte retoma questões operacionais, fazendo um balanço entre o que foi proposto inicialmente em cada procedimento, o que foi viável e o que precisou ser revisto, encaminhando para reflexões acerca do que foi possível apreender durante o processo de planejamento, preparo e implementação de cada procedimento. Além disso, essas ações nos permitiram formular os procedimentos, com acréscimos potencializadores destes instrumentais, mesmo que no âmbito da pesquisa não se possa realizar todos eles conforme formulados. Alguns esbarraram em questões de acesso às tecnologias necessárias para sua realização, dificuldade de acesso à internet em um dado contexto urbano, entre outros.

³⁹ No original em Inglês, tradução da autora: "I believe that imagination, and specially collective imagination, produces reality".

Também são tomados em consideração, nessa formulação e leitura, aspectos relacionados, principalmente, a contatos iniciais com o público, posturas dos pesquisadores em campo e durante os procedimentos, e quanto ao uso dos meios e dispositivos digitais.

A terceira parte deste capítulo apresenta um balanço categorizado dos procedimentos relacionando-os com os objetivos da pesquisa. Por exemplo, a temporalidade e respostas possíveis a partir do uso de cada meio, o alcance em termos de informações obtidas, a relação interface-usuário em função de seu manuseio e das possibilidades de expressão de cada um.

Na sequência, uma quarta parte introduz possibilidades do uso combinado de procedimentos percebidas após sua implementação durante o processo de pesquisa. Essa análise já de caráter mais exploratório e propositivo.

Assim, este capítulo sugere questionamentos quanto ao que foi realizado e reflete sobre instâncias que estiveram presentes no processo de pesquisa para, nas conclusões, ser efetivamente possível entender, de modo geral, os limites e potencialidades do que foi averiguado com os procedimentos testados, sugerindo perspectivas de novas investigações.

1. As instâncias comunicacionais e os procedimentos testados

Pode-se inferir uma ampla gama de possibilidades de interações dentro das instâncias comunicacionais percebidas nos três procedimentos testados. Dentro delas, notaram-se potenciais específicos e temporalidades que se distinguiram também em termos de alcance.

Essas instâncias criadas foram percebidas como força motriz de relações de sociabilidade nesse *locus* de encontro construído a partir de processos comunicacionais. Tais relações são entendidas a partir das noções teóricas e conceitos apresentados no capítulo 1 desta dissertação.

Esses *loci* se configuram pela presença e participação de uma multiplicidade de atores e interatores, pesquisadores como observadores participantes, pessoas que se expressam por posturas, oralmente, por meios gráficos, pela escrita e, que parte disso reflete seus modos de vida, suas opiniões e visões de mundo. Seja em um contexto estritamente físico, como no caso do procedimento Rádio de Rua, ou em ambiente tornado híbrido pelo uso de meios digitais, como no caso do *Graffiti Digital* e *Projeção de Comentários*, onde essas possibilidades relacionais se vêem ampliadas, com limites mais tênues e potencialidades que ainda podem, em grande medida, ser exploradas.

Essas percepções acerca do contexto relacional que emergiu em função da implementação dos procedimentos puderam ser lidas e apreendidas em maior profundidade a partir de uma relação com o que alguns teóricos (WHYTE, 2005; BOURDIEU, 2010; LE ROUX, 2009; BARROS, 2007; VELHO, 1995; HAMPTON, 2001; CASTELLS, 2003) colocam acerca de questões como os atores espaciais e sua multiplicidade, as potencialidades desses contextos relacionais, a relevância do espaço físico, híbrido e digital, as maneiras como a percepção desses espaços pelo público pode ser influenciada pelos procedimentos, e pela interlocução que as instâncias comunicacionais que deles emergem podem enriquecer os pontos de vistas e visões de cada um, nesse caso, referindo-se tanto ao público quanto aos pesquisadores.

No âmbito dos três procedimentos, pode-se observar a confluência de diversas pessoas de diferentes estilos e pontos de vistas. Tais pessoas, vistas como indivíduos que interagem entre si e introduzem no desenrolar do procedimento sua presença carregada de seus contextos culturais, modos de vida, corrobora em um âmbito relacional de dimensões culturais e de diversidades muito amplo. Enxerga as pessoas que participaram dos procedimentos como “atores sociais”, retomando o olhar de Whyte, em *Sociedade de Esquina*, e por outro lado, entendendo a relação tecida por Bourdieu (2010) entre “espaço físico” e “espaço social” e como essas estruturas sociais se manifestam e se refletem em âmbito espacial. Nesse contexto, tal qual já apontava Bourdieu (2010, p. 165), pela aproximação do que ele dizia como “agentes muito distantes do espaço social” pode-se emergir conflitos e evidências desses distanciamentos.

A clareza com que isso pode ser percebido nas entrevistas da Rádio de Rua e na Projeção de Comentários coloca esses procedimentos como campos de articulações, introduzindo *layers* de reflexões e diálogos entre seus participantes. Essa percepção também foi apontada por Le Roux (2009) em suas investigações de âmbito prático em contextos urbanos da África do Sul:

A multiplicidade de atores espaciais, a sobreposição entre discursos, e a experiência física do espaço apresentam múltiplas narrativas. [...]Ao incluir a pesquisa no caminho da prática, e ao refletir sobre a prática em si, uma identificação mais complexa entre pesquisador/designer, e os diferentes agentes urbanos, começa a se desenvolver. Dessa forma, talvez, se torne possível trabalhar sem julgamento absoluto sobre os papéis desempenhados pelos diferentes agentes produtores do espaço e de se concentrar, ao invés disso, em seus resultados combinatórios. (LE ROUX, 2009, p. 3)⁴⁰

A autora aponta para o termo “atores sociais” e uma sobreposição de posturas, visões de mundo, pontos de vista, que ela chama de “discursos”. Nesse caminho dos contextos relacionais, ainda é necessário se pensar nas relações entre pesquisadores e pesquisados, ambos com participações ativas na produção desse espaço relacional, o que nos ajuda a pensar no que foi viabilizado pelos procedimentos testados nessa pesquisa de mestrado.

Entendendo os procedimentos testados como viabilizadores da criação de um *locus* de trocas, um meio de interação, expressão e interlocução entre pessoas, percebeu-se, no uso de cada um deles, a formação de instâncias comunicacionais distintas e de relações de sociabilidade dotadas de potenciais específicos. É, assim, necessária uma ponderação acerca dos mesmos, a de que não se pretendeu, e provavelmente, não seria possível, vislumbrar a constituição de uma “situação ideal de comunicação”, como formulado por Bourdieu (2010), entendendo os capitais próprios de cada

⁴⁰ No original em inglês (tradução da autora): The multiplicity of spatial actors, the overlap between discourses, and the physical experience of the space present multiple narratives. [...] By including research in the path of practice, and by reflecting on practice itself, a more complex identification between the researcher/designer, and the different urban agents, begins to develop. In this way, perhaps, it becomes possible to work without absolute judgement about roles played by the different agents producing space and to focus, instead, on their combinatory outcomes. LE ROUX, 2009, p. 3

indivíduo, em sentido econômico, cultural e social. Essas disparidades adicionam ao âmbito comunicacional do procedimento uma necessária negociação, interlocução e compartilhamento do que é expresso a partir desses capitais, e que podem se ver relativizados, ou não, pelas trocas em processos comunicacionais.

Retomando a ideia de Hiller e Hanson (1984 apud SCHIECK, PALMER, PENN e O'NEIL, 2011, p.298) apresentada no capítulo 1 dessa dissertação, esses contextos relacionais, tomam parte também na geração e formação de entendimentos individuais, na expressão de posturas sociais, corroborando em uma “plataforma de ricos e diversos encontros sociais” (HILLER e HANSON, 1984 apud SCHIECK, PALMER, PENN e O'NEIL, 2011, p.298). A “riqueza” vista pelos autores em muito se aproxima de uma ideia de pluralidade, de diversidade. Quando essa plataforma se vê ampliada com o acréscimo de uma instância híbrida, abarcando a interação com interlocutores de diversos contextos urbanos e culturais, têm-se uma gama diversa de expressão e um potencial para a percepção e leitura de modos de vida, em variadas formas de expressão. Essa noção não transparece nas discussões apresentadas por Bourdieu na ocasião de sua pesquisa e de suas reflexões acerca das relações sociais, que, para ele, estavam mais atreladas ao espaço físico e social.

Lançando um olhar sobre essas instâncias comunicacionais a partir do embasamento teórico do capítulo 1 desta dissertação, podemos entender parte de seu papel e importância como viabilizadoras de expressão, de formas de se colocar e perceber visões de mundo, que corroboram em um todo mais amplo que nos aproxima dos modos de vida de cada um. Tal qual apontou Castells (2003), as experiências de pessoa a pessoa são parte de um processo individual. Apesar da existência de uma base cultural, o que é lido a partir dela é compartilhado nessas instâncias comunicacionais, que são parte formadora da experiência individual. Essa noção de compartilhamento e da constituição de significados entre pessoas por meio de processos comunicacionais também é pensada e defendida pelo sociólogo Stuart Hall. Por outro lado, para Schramm (apud Martino, 2004) os processos comunicacionais são condicionantes fundamentais de uma sociedade e grupos humanos. Retomando o pensamento de Castells, é pela comunicação que são revelados esses pontos de vistas, visões de

mundo, percebidos modos de vidas, entre pessoas, e cria-se a possibilidade de se fazer emergirem outros novos.

Entender a comunicação possibilitada pelo uso de diferentes meios, e de diferentes formas e temporalidades, reforça parte da intenção da pesquisa no sentido de permitir a expressão de modos de vida não em âmbitos estanques, ou que de maneira a levar a entendimentos reducionistas, mas fez com que se concebesse o uso de uma combinação de diversos procedimentos, na busca por refletir e abarcar a complexidade do objeto de estudo.

1.1 No âmbito da Rádio de Rua

A dinâmica da Rádio de Rua, por exemplo, permitiu distinguir diferentes instâncias comunicacionais que, por se realizarem em âmbito necessariamente físico, e sem o uso dos meios digitais, se deram em temporalidade síncrona. A primeira delas é a entrevista do pesquisador com moradores de conjuntos habitacionais, realizada com o uso de microfone acoplado à caixa de som.

O primeiro aspecto a ser elencado é o fato de essa entrevista ser publicizada através do uso de microfones acoplados a uma caixa de som, o que significa que grande parte das pessoas presentes no entorno percebiam sua presença pelo som e podiam se interessar pelo que estava sendo perguntado e respondido.

O fato de o pesquisador estar com um microfone não se mostrou inibidor das respostas. Muitas podem ser as razões disso, dentre elas o fato de as perguntas serem feitas por pessoas fantasiadas - os pesquisadores, entrevistadores no caso - e também pela Rádio de Rua constituir uma atmosfera de irreverência e descontração, estimulando conversas informais. O tom do que é dito está relacionado à ambiência criada. Acredita-se que esse fator está diretamente relacionado com as posturas dos pesquisadores.

Na ocasião das entrevistas semi-estruturadas realizadas com moradores do CDHU, existia uma forte formalidade, desde a apresentação do pesquisador até a formulação

das perguntas, realizadas dentro do ambiente doméstico, em algumas ocasiões. Na Rádio de Rua essa formalidade se viu enfraquecida pelo fato de as entrevistas serem iniciadas em forma de conversa, pela forma como os pesquisadores se apresentaram, e pelo âmbito em que ela foi realizada, em alguns momentos em espaços públicos do conjunto habitacional e em outros momentos entre os blocos de condomínios, espaços compartilhados pelos moradores. Essa maneira de se estabelecer uma postura mais informal e de maior confiabilidade já havia sido apontada por Hampton (2001), e a forma de entrada naquele grupo de pessoas, em determinado contexto urbano, foi questionada por Feltran (2008), que relata ter vivenciado e percebido a importância dessas primeiras apresentações com moradores. Esse autor ainda discute a existência de um “interlocutor projetado”, como mencionado no capítulo 2 dessa dissertação. As apreensões dadas em um primeiro contato podem ser difíceis de serem revertidas e podem balizar as relações que serão estabelecidas posteriormente, entre pesquisador e as pessoas em questão.

Talvez no âmbito da Rádio de Rua, esse “interlocutor projetado” se constitua como uma figura mais distanciada do ideal de “pesquisador acadêmico” e dos estigmas que muitas vezes acompanham essa figura. Nesse sentido, no sentido de permitir que elas fossem mais espontâneas e menos formais. Entendemos esses mecanismos contidos na Rádio de Rua como avalizadores das respostas dos moradores dos conjuntos, que, em diversos momentos, fizeram críticas diretas a seus vizinhos pelo microfone, sem que isso fosse interpretado de forma hostil, como se a Rádio de Rua desse suporte para a expressão dessas opiniões. Em alguns momentos elas até se mostraram diversas entre os vizinhos e, se tivessem sido colocadas fora desse contexto, talvez pudessem constituir um ponto de partida para uma série de desentendimentos entre eles.

Nessa instância comunicacional, pode-se perceber uma necessária e possível negociação e articulação, já que, ao se expor uma problemática entre moradores, para que eles a ouçam, está instaurada uma situação de possíveis concordâncias e discordâncias. Algumas entrevistas da Rádio de Rua, em que alguns moradores criticavam outros diretamente, abriam espaço para que, em outro momento, esta pessoa pudesse se articular também pelo microfone, ou entre moradores. Nesses processos comunicacionais, o caráter de negociação é fundamental, e é parte do que

constitui sua riqueza e sua potencialidade. Se é pela comunicação que emergem diferenças e conflitos, como afirma Teixeira Primo (2000), também é por ela que estes podem ser negociados e também relativizados, corroborando em processos sociais locais.

Exemplo disso na Rádio de Rua no CDHU foi o distanciamento implícito entre moradores de alguns blocos. Havia, em alguns discursos, uma espécie de um estigma de moradores de um bloco para outro e, ao se ouvirem, isso também pôde ser discutido, retomado em outras entrevistas e aprofundado nas conversas informais.

Em entrevistas da Rádio de Rua no CDHU, por exemplo, alguns vizinhos criticaram posturas de outros vizinhos com relação ao barulho, ou a vizinhos que eles afirmam ser usuários de drogas e que ocupavam a quadra de esportes do conjunto com essa atividade. Uma questão levantada pela entrevista podia ser amplamente discutida em outras instâncias comunicacionais da Rádio de Rua. É nesse sentido que Hall aponta uma articulação de diferenças.

Outro ponto a ser destacado sobre a Rádio de Rua são as temáticas das entrevistas. O entrevistador com o microfone lança uma pergunta sobre um determinado tema. Em Cidade Tiradentes, as pessoas foram questionadas sobre o viver em Cidade Tiradentes, e por outro lado, queria-se saber qual a visão que eles tinham sobre viver em um conjunto habitacional com unidades habitacionais semelhantes às de Cidade Tiradentes, porém localizado em uma cidade do interior do estado de São Paulo, no caso o CDHU em São Carlos. Igualmente, no CDHU em São Carlos perguntou-se sobre o viver no CDHU nesse conjunto e sobre a visão deles sobre viver em Cidade Tiradentes, um complexo de conjuntos habitacionais com unidades semelhantes às do CDHU, porém na cidade de São Paulo.

O fato de serem perguntas temáticas sobre o viver naqueles lugares implicava em respostas algumas vezes subjetivas, que tratavam de diversos aspectos, como transporte público, posicionamento do bairro em relação à cidade, os estigmas que, na visão dos moradores, o bairro recebe, seja viesado pela mídia de massa, seja por moradores de outros bairros da cidade.

Nas entrevistas em Cidade Tiradentes, por exemplo, podem-se ter relatos do desenvolvimento percebido no bairro, de como a violência era percebida pelos moradores e como esses dados se alteraram nos últimos anos.

Também foram levantadas questões de acesso à cultura, entretenimento, educação, problemas relativos ao tráfico e uso de drogas, conflitos entre moradores, laços de cooperação e amizade entre moradores, origem dos habitantes dos conjuntos, experiências de moradia anteriores à mudança para os conjuntos, entre outros. Ou seja, apesar de uma temática central, cada entrevistado expunha o seu ponto de vista, carregado de particularidades de seu próprio modo de vida, expressando sua visão de mundo e levantando questões relevantes para ele próprio que se refletiam em outros relatos também obtidos durante a Rádio de Rua.

Fig. 29: Rádio de Rua: instâncias comunicacionais. Fonte: A AUTORA, 2013.

Essa primeira instância comunicacional, que estamos considerando para fins deste trabalho como a instância de interlocução entre os entrevistados e entrevistadores,

também permitiu que os pesquisadores obtivessem um panorama mais amplo sobre os interesses das pessoas entrevistadas.

Percebeu-se, ainda, uma segunda instância, mais ampla, onde ocorreram as conversas informais entre pesquisadores do Nomads.usp e moradores dos conjuntos habitacionais que perceberam a presença da Rádio de Rua e quiseram dar sua opinião. Em muitos momentos, os moradores procuravam os vários pesquisadores, facilmente reconhecíveis pelas fantasias que vestiam, para expressar suas opiniões em relação ao que estava sendo dito pelos entrevistados ao microfone.

Essa instância de comunicação está intimamente relacionada à primeira. Cria-se uma situação nas conversas informais de mobilização e sensibilização para adentrar assuntos velados ou mesmo evitados em conversas com mais pessoas, ou em outras situações no conjunto.

Nesse sentido, foi percebida uma espécie de interlocução indireta entre o entrevistado ao microfone e o morador que mantém uma conversa informal com um pesquisador. Nos procedimentos realizados, em alguns momentos, essas conversas informais apoiavam o que estava sendo dito ao microfone e, em outros, discordavam absolutamente, apresentando outros pontos de vista, outras impressões sobre a temática da discussão.

O que era falado ao microfone da Rádio de Rua poderia passar por um controle social, mas não deixava de influenciar as conversas informais que surgiram a partir disso, e que, em muitos momentos, puderam acessar conteúdos que não seriam mencionados ao microfone ou em questionários e/ou entrevistas realizados em um âmbito de maior formalidade.

Essa segunda instância sofreu intervenções durante toda a duração das duas Rádios de Rua realizadas. Sua variabilidade foi impressionante, e algumas conversas alcançaram uma profundidade bastante relevante para a pesquisa, a ponto de tocar assuntos muitas vezes velados e evitados em entrevistas mais formais.

Fig. 30. Duas instâncias percebidas no âmbito da Rádio de Rua em Cidade Tiradentes. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Essa instância revelou-se de grande importância para o procedimento, pois levou-nos a informações que já havíamos investigado através de métodos clássicos, mas estes esbarravam em questões formais e a conversa sempre acabava sendo conduzida dentro de um padrão esperado, evitando-se determinados assuntos ou opiniões.

Por outro lado, durante as conversas informais, pautadas em derivações de procedimentos etnográficos, percebeu-se emergir questões que não poderiam ter sido formuladas pelos pesquisadores *a priori*, o que é entendido como uma grande contribuição para a pesquisa. Isso já havia sido observado por Whyte (2005, p. 303) durante suas incursões em campo, em que o pesquisador afirma “sentado e ouvindo, soube as respostas a perguntas que nem mesmo teria ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas”.

Essa ideia foi compartilhada também por Hampton (2001), na experiência de Netville, acerca do uso de questionários. Ou seja, entendendo o capital cultural e social do pesquisador como “distante” do contexto social e urbano pesquisado, existem questões que não perpassam um entendimento concebido previamente.

Somente por ouvir os moradores, seus relatos, se pode permitir emergir aspectos da vida cotidiana naquele lugar por meio disso. O que diferencia também, no caso da Rádio de Rua, o caráter informacional das entrevistas realizadas pelo uso do microfone, com uma temática pré-concebida, mesmo que aberta a ser relativizada, e o caráter das conversas informais, que partem de um assunto inicial, mas extrapolam esses limites de acordo com a duração da conversa e da relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado.

Isso foi amplamente percebido no procedimento da Rádio de Rua, na medida em que podiam-se ouvir relatos mais pessoais, histórias de vida. Possivelmente, esta maior abertura também está relacionada com a forma como essa pesquisa e a postura do pesquisador nela foi inspirada por trabalhos etnográficos, tal qual relatou Hampton (2001), na experiência de Netville, consideradas as diferenças de tempos de permanência em campo e profundidade entre esta pesquisa de mestrado e a pesquisa realizada por Hampton em Netville, sobre a importância do uso da etnografia para estabelecer laços de confiabilidade entre os moradores e pesquisadores.

Podemos, nesse sentido, retomar alguns relatos apresentados no capítulo 2 dessa dissertação como aqueles ouvidos no âmbito da Rádio de Rua realizada em Cidade Tiradentes sobre a presença da organização Primeiro Comando da Capital, o PCC, e o controle por ela estabelecido de entrada e saída dos moradores de um determinado condomínio. Isso leva a pensar em que medida essa relação pode colocar um caráter mais hostil, ou se para outros moradores isso é lido como uma forma de segurança, já que, em outros relatos, ouviu-se uma descrição positiva da presença de organizações do tráfico de drogas junto à população, frente a denúncias de que grupos de policiais agiam de forma violenta no bairro contra os moradores.

Entre um relato e outro, podia-se construir uma relativização desses pontos de vista apresentados, levando, inclusive, a um interesse em realizar uma pesquisa posterior, em maior profundidade, frente ao que ela poderia apreender desse contexto.

Ainda acerca do relato mencionado sobre o PCC, houve também uma conversa sobre relações instituídas também entre pessoas ligadas ao tráfico de drogas e moradores, a citação de lugares específicos onde eles aconteciam, como esse convívio em espaços

públicos do conjunto habitacional ocorria, as fronteiras e limites constituídos por essas relações. Isso não está dito aqui em um sentido negativo, nem com intenção de juízo de valor, mas para que se apreenda como uma dada estrutura social se reflete na estruturação do espaço social e físico, tendo como referência para isso postulados de Bourdieu (2010).

Além disso, como havia vários pesquisadores no entorno da Rádio de Rua, essas conversas informais puderam acontecer em uma quantidade expressiva, permitindo um entrecruzamento de informações que corroboravam em um todo maior, dando uma visão mais ampla dos modos de vida, opiniões e visões de mundo naquele lugar. Para se ter uma ideia mais clara do que isso pode significar em termos numéricos, dependendo do número de pesquisadores no entorno da Rádio de Rua, enquanto apenas uma entrevista é realizada pelo microfone, muitas dessas conversas informais podem acontecer simultaneamente, no âmbito dessa segunda instância comunicacional, gerando uma quantidade e uma variedade bastante significativa de depoimentos.

A terceira instância comunicacional possibilitada pela Rádio de Rua se constitui pelos moradores que, atraídos pela dinâmica do que está acontecendo ali, se colocam como observadores. Apesar de ter um âmbito físico, do local onde a Rádio de Rua ocorre, é difícil dimensionar seu alcance pois pode estender-se a moradores que observam o procedimento das janelas de seus apartamentos, por exemplo. Pode, ainda, envolver pessoas situadas a menor distância dos pesquisadores mas que não quiseram participar ativamente das conversas e entrevistas, e que, muitas vezes, após a passagem da Rádio, passam a conversar com seus vizinhos sobre o que foi dito ao microfone.

Fig. 31: Terceira instância percebida no âmbito da Rádio de Rua em Cidade Tiradentes. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

A terceira instância comunicacional percebida na Rádio de Rua se constitui pelos moradores que, atraídos pela dinâmica da Rádio de Rua, se colocam como observadores do que está acontecendo. Apesar de ter um âmbito físico, do local onde a Rádio de Rua ocorre, é difícil dimensionar seu alcance pois pode estender-se a moradores que observam o procedimento das janelas de seus apartamentos, por exemplo.

Pode, ainda, envolver pessoas situadas a menor distância dos pesquisadores mas que não quiseram participar ativamente das conversas e entrevistas, e que, muitas vezes, após a passagem da Rádio, passam a conversar com seus vizinhos sobre o que foi dito ao microfone.

Fig. 32: Terceira instância percebida no âmbito da Rádio de Rua no CDHU em São Carlos.

Fonte: NOMADS.USP, 2011.

A efetivação dessas instâncias comunicacionais durante a realização do procedimento, depende, necessariamente, da dimensão do agrupamento de moradores atraídos a participar da Rádio de Rua, e da quantidade de pesquisadores disponíveis para recebê-los.

Em relação à sua temporalidade, e dado o seu caráter efêmero, os questionamentos provocados pela Rádio de Rua podem até se desdobrar em conversas posteriores, em outros momentos, entre os moradores que a assistiram ou que dela participaram. No entanto, do ponto de vista da pesquisa e das formas de registro utilizadas, esse procedimento tem uma duração máxima com cada grupo de entrevistados e de modo geral, tem um pressuposto de início, meio e fim.

O mesmo acontece no caso do *Graffiti* Digital, cuja realização também se restringe à duração do evento mas, diferentemente da Projeção de Comentários, nesse procedimento, a duração do uso da interface pode ultrapassar os limites do evento

que reuniu as pessoas, já que se trata de uma plataforma *online* podendo, portanto, ser acessada via internet.

Um outro aspecto a ser considerado trata da linguagem utilizada em cada procedimento. No caso da Rádio de Rua, a linguagem é oral, o que também é um facilitador para a participação das pessoas, por não pressupor um saber em termos de escrita, como no caso da Projeção de Comentários, ou em termos operacionais, como no caso da interface gráfica do *Graffiti* Digital. Na Rádio de Rua, a expressão pode dar-se com a mesma facilidade de uma conversa cotidiana, entre amigos, entre vizinhos, entre desconhecidos que se encontram na rua, aleatoriamente.

1.2 No âmbito do *Graffiti* Digital

O procedimento do *Graffiti* Digital também permite discorrer sobre três instâncias comunicacionais. Em um primeiro olhar, elas se assemelham àquelas da Rádio de Rua, das quais, no entanto, diferem pela sua natureza, tanto em termos de interação de quem grafita, quanto em termos da relação dessa pessoa com o público e suas possíveis reverberações.

A dinâmica do *Graffiti* Digital pressupõe o uso de um dispositivo digital, no caso, o *tablet*. Como foi descrito no capítulo 2, o *tablet* acoplado a um projetor permite ao seu usuário uma forma de expressão por vias que tanto podem ser escritas quanto por formas gráficas, mas que dizem respeito essencialmente a um desejo de expressão que pode ou não passar por uma interlocução direta.

Na medida em que o usuário do *tablet* começa a grafitar, pode-se perceber uma instância individual, entre o usuário e o *tablet* que, ao se propor a grafitar, cria nesse âmbito um momento reflexivo, seja a partir de referências próprias, seja sob influências do contexto em que está imerso, seja sob influências de *graffitis* anteriores. Tal ação é complementada pela comunicação que se dá a partir da projeção desse *graffiti* em uma superfície para que o coletivo o veja.

Fig. 33: *Graffiti Digital*: parte da instância comunicacional 1. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Nesse âmbito da produção do *graffiti* digital, há um caráter de elaboração pelo indivíduo, que, nesse sentido, tece relações com o que estamos entendendo nessa pesquisa como o “falar consigo mesmo”. O desenho é produzido a partir de uma reflexão sobre questões individuais, que podem se constituir a partir de instâncias coletivas, referências anteriores, prontas a serem revistas continuamente na vida cotidiana. Assim, uma leitura possível é que, nessa produção do *graffiti* que, quando projetado e exibido para outras pessoas, se constitui em um processo comunicacional, possam estar refletidos pontos de vistas, visões de mundo, e parte da experiência do indivíduo, como colocou Dewey (1934), que se vê compartilhada nesse âmbito, expressa graficamente.

Assim, se a prática do *graffiti* se dá em um âmbito coletivo no procedimento testado, elas são experimentadas de maneiras individuais pelas pessoas do público, corroborando a ideia de Williams (1989 apud RIBEIRO, 2004) que defende que a produção do que ele chama de “significados” - as vias de expressão de uma pessoa - podem ser originadas de uma experiência compartilhada. No caso do *Graffiti Digital*, tal experiência deriva-se de sua projeção e exibição, e na apreensão dessa expressão pelo público. Entendemos também esse processo como uma parte do “não falar

sozinho”, a partir das reverberações e *feedbacks* que esse “falar consigo mesmo” pode estimular. Isso estabelece o canal de comunicação entre o indivíduo e público, que, na sequência, como será tratado neste capítulo, gera um processo de interlocução contínua pela produção dos *graffitis* e pelas pessoas que estão interagindo nesse âmbito, por meio gráfico.

Fig. 34: *Graffiti Digital*: instâncias comunicacionais. Fonte: A AUTORA, 2013.

A segunda instância comunicacional do *Graffiti Digital* (ver Instância Comunicacional 2, diagrama *Graffiti Digital*) é gerada a partir da possibilidade de interlocução com o público que, ao ver o que está sendo grafitado, pode ser motivado a desenhar algo, tanto através de linguagens textuais, quanto por vias de expressão gráfica, grafitando também, talvez, a partir das referências projetadas anteriormente.

Nesta segunda instância, há também a possibilidade de uma interlocução ampliada pelo uso dos meios digitais por comunicação remota, como foi testado e apresentado

no capítulo 2 dessa dissertação. Essa possibilidade testada no âmbito do Projeto Territórios Híbridos consiste em duas pessoas grafitando à distância uma da outra. Uma pessoa está em um dado contexto físico produzindo no *tablet* um desenho que é enviado via *internet* e projetado em tempo real em um outro lugar físico, onde outra pessoa está igualmente desenhando em um *tablet* e tem seu *graffiti* projetado também em tempo real no local físico onde se encontra a primeira pessoa. Isso gera uma interlocução à distância utilizando-se de recursos gráficos, constituindo uma forma de comunicação que mescla ambientes virtuais e físicos.

Nesse exercício de se grafitar à distância, pode-se pensar nas relações tecidas pelo indivíduo com contextos urbanos e sociais fisicamente distantes, retomando as ideias de Fragoso, Rebs e Barth (2011) introduzidas no capítulo 1 dessa dissertação, que tratam da possibilidade de se “frequentar e apropriar” de diferentes realidades em contextos urbanos pelo uso dos meios digitais. Nesse caso, uma expressão individual produzida pelo *graffiti* digital é introduzida, por meio de projeção, em outro contexto físico, e é vista por esse outro público, remoto, numa multiplicação dessa expressão. No caso da experiência entre São Carlos e Belo Horizonte, foram duas localidades, mas poderiam ser muitas outras que tivessem esses equipamentos preparados para a recepção e projeção das imagens.

Outra face dessa mesma instância no *Graffiti Digital* é a relação relativizada que pode ser estabelecida entre o próximo e o distante, e as diferentes possibilidades de percepção disso pelos indivíduos, nos referenciando a partir de Martín-Barbero (2001) que afirma que os meios digitais introduzem outras formas de se perceber essa dualidade.

O emprego dos meios digitais, nesse sentido, permite que um *graffiti* digital feito por um indivíduo em dado contexto, no caso do procedimento, São Carlos, considerando as referências individuais e as influências do entorno naquele momento que estão implicadas nele, seja projetado em tempo real em outro local, nesse caso, Belo Horizonte, refletindo parte daquele âmbito de São Carlos pela expressão dada no *Graffiti Digital*. Isso faz com que o público que esteja assistindo a essa projeção em Belo Horizonte perceba essa expressão, e que possa estabelecer relações com ela,

tanto em termos de estranhamento, quanto de identificação. A partir disso, indivíduos desse público em Belo Horizonte também estão grafitando e tendo seus *graffitis* projetados em São Carlos, com as mesmas possibilidades de estranhamento ou não. Isso permite, no caso de identificação, apreender características estilísticas que se relacionam, por exemplo. Ou no caso de estranhamento, perceber uma absoluta distinção entre os traços do desenho apresentado.

Isso interessa a este trabalho na medida em que estamos entendendo também essas instâncias comunicacionais como instâncias de negociação e de articulação de diferentes pontos de vistas, posturas, visões de mundo e modos de vida que se distinguem pelas particularidades individuais.

Em função de seu caráter subjetivo, uma leitura precisa dos produtos expressos por meios gráficos demandaria uma metodologia de análise específica referenciando-se em fontes bibliográficas igualmente específicas, resultantes de levantamento bibliográfico que ultrapassa os limites dessa pesquisa de mestrado. Preferiu-se aqui adotar essas leituras como dinâmicas sociais, observando-se a predisposição das pessoas a se expressarem por este meio, se disponibilizarem a essa forma de comunicação e expressão.

Fig. 35. *Graffiti Digital*: instância comunicacional 1. Fonte: NOMADS.USP, 2011.

Uma qualidade importante do *Graffiti* Digital é o fato de a linguagem gráfica ser acessível a muitas idades, por não pressupor conhecimento específico. Desde crianças se sentem atraídas a usar o *tablet* e a grafitar em uma superfície, até adultos e pessoas idosas. Isso também se torna mais fácil pelo manuseio simples do programa utilizado. Além de ter um operacional bastante simplificado, ele tem a capacidade de potencializar o desenho e criar rapidamente efeitos gráficos especiais.

A interface do *Touch Tag* permite que mesmo pessoas pouco familiarizadas com essa prática produzam desenhos ou esboços, o que provavelmente não aconteceria se a atividade proposta fosse grafitar em uma parede pela primeira vez com *spray*, sem um conhecimento básico do universo do *graffiti* e das várias técnicas do uso do *spray*. A prática do *graffiti* pintado por leigos demandaria técnicas bem mais aprimoradas que as necessárias para o *graffiti* digital e um bom tempo de treinamento.

No *Graffiti* Digital, pode-se dizer que a informação apresenta-se de forma mais codificada do que na linguagem textual dos Comentários ou oral da Rádio de Rua, e mais livre por envolver a prática de desenho. Suas possibilidades de leituras podem ser inúmeras, a mensagem pode ser expressada de forma menos óbvia se compararmos com os outros dois procedimentos.

1.3 No âmbito da Projeção de Comentários

Tal qual o *Graffiti* digital, a Projeção de Comentários não constitui um evento por si só. Ela possui caráter mais complementar e catalisador de público, além de ser uma possibilidade para se entender os pensamentos e reuni-los em âmbito digital a partir de um dado contexto.

A Projeção de Comentários, como já apresentamos no capítulo 2 desta dissertação, se configura, principalmente, por duas instâncias comunicacionais. A primeira, é quando os pesquisadores abordam pessoas em um determinado evento e as convidam a comentar e expressar suas opiniões sobre um determinado tema, usando os *notebooks* disponibilizados pelos pesquisadores durante o evento. Os comentários

produzidos por cada pessoa são postados e simultaneamente publicados *online* no *site* do projeto, que pode ser acessado por qualquer pessoa e de qualquer lugar, e esses comentários também projetados durante o evento para que todos os presentes .

Nessa primeira instância, tal qual no *Graffiti Digital*, o indivíduo produz uma escrita a partir de uma percepção e reflexão individual sobre um tema levantado no evento. Essa instância individual também sobre influência do que a circunda, das conversas mantidas anteriormente ao ato de desenhar e da leitura dos comentários de outrem projetados. Nesse sentido, como apresentamos no procedimento anterior, o indivíduo estabelece uma relação de “falar consigo mesmo”, de uma elaboração própria a partir de uma dada experiência individual. Coloca-se como um “não falar sozinho” na medida em que os comentários são vistos pelo público presente no evento, e por outras pessoas que acessam remotamente o *site*, lêem os comentários à distância e têm também a possibilidade de escrever e ser lidos pelo público local.

Fig. 36. Projeção de Comentários: instâncias comunicacionais. Fonte: A AUTORA, 2013.

Nesse processo comunicacional, a abrangência da interface é maior por ser disponibilizada em ambiente *web*. Pode-se tecer uma relação com o que nos apresenta o sociólogo Castells (2003, p. 7) quando se refere à internet como uma ferramenta comunicacional que viabiliza “a comunicação de muitos com muitos” em escala global. Isso significa que não podemos, no caso da Projeção de Comentários, determinar o alcance possível dessas possibilidades comunicacionais, e também não se pode estabelecer uma duração precisa da ação enquanto a plataforma de Comentários estiver disponibilizada *online*, já que, mesmo após o final do evento, essa comunicação pode continuar sendo feita de forma assíncrona. Essa ideia de uma comunicação ampliada também é compartilhada e entendida por Fragoso, Rebs e Barth (2011) como uma abertura para interações e articulações entre muitas pessoas. Para esses autores, ela também se constitui como “prática social”, interrelacionando processos comunicacionais e sociais, - como foi introduzido no capítulo 1 desta dissertação -, o que conduz ao âmbito da segunda instância comunicacional apreendida na Projeção de Comentários.

Fig. 38. Projeção de Comentários: instância comunicacional 1. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

A segunda forma de abordagem é *online*. As pessoas são convidadas a comentar de onde estiverem, em alguns casos a partir da transmissão de vídeo *online* simultaneamente à realização do evento, foram recebidos comentários de diversos lugares do Brasil e do mundo.

Fig. 37. Projeção de Comentários: instância comunicacional 1. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

Essa forma de participar de um evento, mesmo que à distância, a partir do compartilhamento de um ponto de vista particular que será projetado no evento, coloca-se como um interesse da pesquisa de dar voz a essas pessoas que, à distância, se interessaram de alguma forma pelo que estava sendo discutido. Isso permite ampliar os entendimentos possíveis acerca de uma série de questões como a relevância do tema levantado, quem está interessado em discutir esse assunto, onde vivem ou onde estão as pessoas que demonstraram esse interesse ou, então, de fato o público se mostrou interessado em discutir isso. São questões que contribuíram para respaldar tomadas de decisões durante esta pesquisa de mestrado e durante o Projeto Territórios Híbridos.

Além disso, o uso da Projeção de Comentários, é uma forma de ampliar a instância comunicacional que, dessa forma, extrapola os limites físicos do evento e permite que pessoas de diferentes contextos geográficos, urbanos e culturais possam expressar suas opiniões e visões de mundo, reunindo em uma plataforma um rico banco de informações e relatos muito diversos. Ao contrário, por exemplo, da Rádio de Rua cujo

alcance está limitado ao seu entorno físico, durante sua realização. No caso da Projeção de Comentários, essa ampliação da instância comunicacional para uma instância híbrida somente é viabilizada pelo seu caráter *web-based*.

Fig. 39. Projeção de Comentários: instância comunicacional 1. Fonte: NOMADS.USP, 2012.

Há muito que se considerar nesses processos comunicacionais estabelecidos *online*. Pode-se pensar sobre de quais lugares geograficamente referenciados estas pessoas estão participando, a partir de quais contextos sociais e culturais, quais suas referências, quais as posturas políticas expressas por ocasião de discussões acerca do espaço público, por exemplo. Esse âmbito se constitui a partir de interlocuções em um conglomerado de diversidades, modos de vida, visões de mundo e pontos de vista, que são expressos por pessoas que podem se conhecer ou não. Esse âmbito nos leva a recuperar a ideia de Lemos (2007, p. 37) quanto às relações sociais em ambiente digital, que são dotadas de potencial para “produzir, conectar e reconfigurar” diferentes formas de sociabilidade que, em última instância, constituem parte fundamental na constituição e elaboração de modos de vida, pelas experiências coletivas apreendidas individualmente por cada pessoa. (DEWEY, 1934; CASTELLS, 2003).

Um outro aspecto que faz diferir a Projeção de Comentários dos demais procedimentos é com relação à temporalidade. Os comentários ficam registrados e

disponibilizados para leitura no *site* do Projeto Territórios Híbridos, o que permite leituras posteriores e a inserção de novos comentários fora do âmbito da realização de um evento, em tempo assíncrono, tal qual considerou Lemos (2007) a partir das comunicações em âmbito digital. Ou seja, a proposta de poder comentar e estabelecer uma interlocução com as ideias expressas nessa interface é estendida, e não se encerra com o fim do evento, ao contrário da Rádio de Rua e do *Graffiti* Digital.

Ainda sobre a temporalidade no âmbito da Projeção de Comentários, é possível perceber um *feedback* constante - o mesmo também é percebido na Rádio de Rua - pois a leitura de um comentário pode alterar sua resposta. No caso da Rádio de Rua, isso acontece a partir do que é ouvido nas entrevistas publicizadas pelo microfone acoplado à caixa de som. Esse reflexo na alteração do comentário pelo *feedback* tem importância no sentido de conduzir a uma complexização do pensamento sobre aquele assunto e à resposta a ele. Essa forma de *input* também pode ser percebida no *Graffiti* Digital por meio dos desenhos feitos anteriormente, que podem ter modificado e influenciado o novo desenho que seria grafitado.

Nesse procedimento, há, ainda, uma possibilidade de expressão mais democrática de pontos de vistas e opiniões, sem estabelecer uma ordem hierárquica entre os comentários e sua relevância, segundo uma forma de interlocução e articulação horizontais. Santaella (2011, p.159), refletindo sobre essas potencialidades de interação em instâncias virtuais e híbridas apontou potencial para “acessar informações à distância, enviar mensagens que ficam disponíveis sem valores hierárquicos, visualizar espaços distantes, coexistir em espaços reais e virtuais”.

A linguagem escrita é a base para a interlocução na interface de Comentários, o que não necessariamente pressupõe regras rígidas de escrita. Em muitos momentos, percebeu-se a exposição de fragmentos de pensamentos, colocações poéticas, mas ao mesmo tempo, discussões mais consistentes foram viabilizadas, acerca do uso de espaços públicos, de processos de gentrificação em determinados contextos urbanos, entre outros. Como exemplo, a discussão colocada acerca desse processo em um determinado bairro na cidade de Berlim, na Alemanha, em contraposição a questões levantadas sobre cidades brasileiras. Em outros comentários, pessoas disseram ter

revisto algumas posturas, relativizando suas referências e a percepção de sua alteração:

“Sempre que tive contato com outras realidades as julguei segundo meu mundo de referencia, hoje por estar em conflito com meu mundo consigo enxergar que e necessário haver a diversidade de mundos.....” Comentário, 21 abril 2013.

Percebe-se nesse comentário o relato de uma percepção de âmbito absolutamente pessoal, a partir de uma experiência compartilhada. Nesse sentido, essa forma de linguagem viabiliza uma estrutura de pensamento que pode ser mais articulada e precisa, e que, como foi percebido, produziu no público um interesse pela interlocução durante os eventos, além de uma instância de reflexão de caráter coletivo para a produção desses pensamentos, que se articulam ciclicamente. Exemplo disso foram as discussões sobre o uso de espaços públicos na cidade de São Paulo, onde foram mencionados, por exemplo, o uso da Praça Benedito Calixto, ou foram feitas críticas à política de gestão cultural nas cidades, entre outros. No âmbito do CDHU e Cidade Tiradentes, foram sugeridos usos e eventos culturais em determinadas áreas desses bairros que são pouco utilizadas.

Se, por um lado, os comentários foram registrados e disponibilizados para acesso livre via *web*, por outro, é possível comentar sem ser necessária a identificação de seu autor. O anonimato, nesse caso, pode ser um facilitador no momento de abordar assuntos polêmicos e que muitas vezes são evitados quando ditos face-a-face ou quando ditos por uma pessoa que se identifica. É como se, ao se colocar como anônimo, fossem evitados possíveis filtros e julgamentos diretos a quem emite o comentário. O enfoque não está na pessoa, mas no conteúdo que está sendo publicizado, esse passa a ser o cerne da discussão.

2. Balanço categorizado entre a Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários

Entre os três procedimentos realizados alguns pontos se entrelaçam. A partir disso, optou-se, nesta parte do trabalho, pelo recorte de algumas categorias que propiciem um olhar comparativo entre os procedimentos, como forma de melhor verificar e entender suas potencialidades e limites.

Obviamente estas não são as únicas categorias possíveis, nem pretende-se esgotá-las, mas foram delimitadas a partir dos objetivos de verificação desta pesquisa de mestrado.

Tais categorias são: a forma de abordagem do público pelo pesquisador em campo; o aparato tecnológico e dispositivos utilizados, a interface de manuseada pelo público; os níveis de interação e interlocução entre pesquisadores e o público; a possibilidade de registro e construção de um banco de informações e dados, o material coletado.

2.1 Abordagem do público pelo pesquisador

Como já relatamos no capítulo 2, em experiências anteriores de pesquisa com aporte de métodos clássicos, a abordagem do público pelo pesquisador em muitos momentos era dificultada por posturas mais enrijecidas, e pelo que o entrevistado pressupunha na figura do entrevistador. Este também é um fator que influencia as respostas obtidas, através desses métodos, restringindo certos assuntos mais polêmicos, ou mantendo o alcance da conversa com limites mais restritos.

Portanto, a revisão das maneiras de abordagem da população sempre foi fator fundamental a ser pensado, revisado e questionado. Pensar formas de acesso a essa população também é fundamental, como relatam outros pesquisadores em suas experiências investigativas. Feltran (2008), fala da figura de um “interlocutor projetado” e de como o pesquisador trata isso, e como podem ser definidores da relação a ser constituída. Experiências foram também relatadas na pesquisa em Cornerville vivenciada por Whyte (2005) e em Netville, por Hampton (2001) que

adotaram a etnografia também com o objetivo de constituir relações de confiança com a população local.

Os procedimentos experimentados nessa pesquisa de mestrado - Rádio de Rua, *Graffiti* digital e Projeção de Comentários - foram importantes instrumentais para essa abordagem. Por exemplo, na Rádio de Rua, os pesquisadores estavam caracterizados com fantasias circenses, a ambiência no entorno da Rádio de Rua trazia uma instância de informalidade e alegria, o que era um atrativo para as pessoas se aproximarem. Muitas se sentiam à vontade para relatar questões subjetivas, particularidades de sua vida cotidiana. Mesmo o pesquisador se identificando como tal, a relação se dava em uma base de trocas horizontais, tal qual tratamos no capítulo 1, em um processo de mão dupla, entre pesquisador e pesquisados.

Essa noção é base da observação participante, e estruturou a forma de pensamento adotada pelos pesquisadores nas idas a campo, que foi referenciada a partir de relatos de etnógrafos em suas pesquisas e que foram mencionados no capítulo 1 desta dissertação: Feltran (2008), Hampton (2001), Whyte (2005). Fundamentou-se, ainda, no pensamento de outros teóricos que refletiram acerca dessa relação de observador participante, como Serva Júnior (1995), Weber (2009) e Haguette (1987), que ainda coloca aspectos possíveis desse observador participante, que pode optar por adentrar uma dada estrutura social pesquisada e se constituir como parte dela, ou adotar uma postura mais periférica.

Por outro lado, o *Graffiti* Digital também propiciava uma atmosfera mais descontraída, um caráter de experimentação, já que as pessoas se dispunham a tentar desenhar usando a interface do *Touch Tag*, e partir disso, as aproximações com os pesquisadores se davam em um âmbito de conversas bastante informais e de encorajamento para que as pessoas desenhasssem. Já na Projeção de Comentários, durante os eventos, o pesquisador propunha uma temática para que as pessoas postassem seus comentários através de um *notebook*, e que seriam simultaneamente projetados durante o evento e publicizados *online*. Essa plataforma de Comentários também pode ser relacionada com possibilidades de expressões presentes em muitas redes sociais, como, por exemplo, *Facebook* e *Twitter*, canais para expressão escrita, que, usando poucas

palavras, permitem que o usuário expresse o que pensa ou sente. No caso do procedimento testado, essa expressão era viesada por um tema dado *a priori*, mas não restrito a ele. Nesse sentido, a percepção de que se tratava de algo relacionado a uma pesquisa acadêmica e a presença de pesquisadores era mais diluída, muito em função da familiaridade que as pessoas já tinham com essas interfaces de *posts* e à informalidade a que o procedimento remetia.

2.2 Dispositivos utilizados nos procedimentos testados

Conforme diagrama na fig. XX, Hiroshi Ishii, define interfaces gráficas, como um processo que compreende um *input*, esse *input* é processado. Após sua inserção no sistema, esse *input* é processado, e o *output* é a apresentação do resultado. Iremos ler os procedimentos a partir dessa estrutura de pensamento para efeitos comparativos entre os dispositivos utilizados na Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários. Ishii (2006) ainda afirma que estamos cercados por dispositivos de interface gráfica, tais como computadores pessoais - *notebooks* -, *tablets*, celulares, entre outros.

Fig. 40. Graphical User Interface Diagram (GUI). Diagrama de Interface Gráfica desenvolvido por Hiroshi Ishii. Disponível em: <<http://lynseystoner.com/2012/06/14/tangible-user-interface/>>. Acesso em: 20 ago 2013.

A importância da escolha desses dispositivos tecnológicos em cada procedimento está atrelada à natureza do processo comunicacional que ela irá balizar, já que tal qual colocou Castells (2009), é esse aparato como mediador nos processos comunicacionais que se coloca como definidor das características do que é expressado, emitido, e de como isso pode ser recebido, e por quantas pessoas, ou em que âmbito essa expressão irá ser recebida, que, no caso dos procedimentos testados, foi altamente definidor dos processos comunicacionais possíveis.

No caso da Rádio de Rua, o dispositivo de captação de *input* consiste no microfone acoplado a uma caixa amplificadora de som. Não existe a instância de processamento do *input* porque não foi usado computador. O *input* é dado a partir do que é dito no microfone e o *output* é esse som amplificado pela caixa.

No *Graffiti* Digital, o *input* é dado através do ato de desenhar no *tablet*, usando o programa *Touch Tag*. Os *inputs* são processados no *tablet* acoplado a um projetor, e os *outputs* consistem na projeção desses desenhos em uma superfície visualizada pelo público.

No âmbito da Projeção de Comentários, os *inputs* são a escrita na interface de comentários, processadas localmente no notebook e remotamente no servidor, e novamente disponibilizada em *website* do Projeto Territórios Híbridos e acessível a qualquer usuário com acesso à internet. Os *inputs* são introduzidos na interface, na qual se dá o processamento, e seu *output* consiste na projeção pública desses comentários, que também ficam disponibilizados *online*.

No caso da Rádio de Rua, o *input* se dá por uma via apenas, que é a captação da voz dos entrevistados pelo microfone, o que não acontece no caso do *Graffiti* Digital, que pode receber *inputs* em quantidades variáveis de acordo com o número de *tablets* e projetores disponibilizados durante sua realização. No âmbito da Projeção de Comentários, esses *inputs* não são controlados pelos dispositivos usados localmente na realização do evento, devido à interface estar disponibilizada *online*, acessível a pessoas de qualquer lugar do mundo que estejam conectadas à internet.

Pelo fato de a interface de Comentários estar disponibilizada em ambiente web, os *inputs* podem partir de diversas origens, tanto de *smartphones* conectados à internet, *notebooks* disponibilizados durante os eventos, ou pessoas que acessem a interface de qualquer outro lugar. Nesse caso, a variável de *inputs* não é controlada no âmbito do procedimento realizado, abrindo a possibilidade de diálogo com pessoas extra-evento e seu olhar externo sobre a reflexão proposta ou mesmo sobre o evento em si.

2.3 A relação entre o público e o pesquisador

Foram percebidos diferentes níveis de interlocução entre público e pesquisadores a partir da configuração de cada procedimento. Entender e perceber essas diferentes intensidades de relações estabelecidas em cada procedimento é importante para a pesquisa, pois relaciona-se com as formas de abordagem, como foi apresentado no início deste capítulo, e porque é por essas interlocuções que se obtêm percepções acerca de modos de vida, de diferentes pontos de vistas e visões de mundo.

Para entender como essas interlocuções se constituem é preciso mencionar, em termos comparativos, em qual âmbito elas acontecem, de acordo com o procedimento, com o uso ou não de meios digitais.

O procedimento Rádio de Rua se limita a um âmbito físico e, portanto, as possibilidades de interlocução e relações de sociabilidade estão restritas ao local em que ela é realizada e seu entorno próximo.

No caso do *Graffiti* Digital, é a partir do uso de meios digitais que esse alcance pode ser ampliado para além do espaço físico. Assim, é possível se estabelecer uma interlocução tanto em âmbito local, quanto ampliada, por comunicação remota, com pessoas grafitando em contextos geográficos distintos. Nesse caso, essa possibilidade de interlocução se dá pela constituição de uma instância híbrida, por esse uso coletivo.

Nos procedimentos de *Graffiti* Digital realizados, duas localidades foram envolvidas no processo de comunicação remota por meio do *Graffiti* Digital, sabendo-se que, esse

número pode variar de acordo com as intenções de pesquisa e quantidade de pessoas grafitando à distância em diferentes localidades.

As relações de sociabilidade e interlocução em espaço físico são pressupostos da Rádio de Rua e do *Graffiti* Digital. Ao contrário disso, a Projeção de Comentários não pressupõe necessariamente uma instância física. Ela pode se dar apenas em instância virtual, devido à sua disponibilidade *online*, ou também em instância híbrida, combinando atividades nos espaços físico e virtual.

Os níveis e formas de interlocução percebidos nos três procedimentos realizados também se mostraram variáveis de acordo com sua estruturação.

A interlocução entre entrevistador e entrevistado na instância comunicacional 1 da Rádio de Rua (ver diagrama Rádio de Rua) coloca uma possibilidade de continuidade para as questões levantadas pelo entrevistador a partir das respostas dadas pelo entrevistado. Por se dar de forma dinâmica, as respostas são imediatas, passíveis de abrirem outras discussões a partir de cada resposta obtida.

É possível, nesse nível de interlocução, desenvolver ideias em conjunto com o entrevistado, e também direcionar os questionamentos para o que se deseja entender. Dentro da dinâmica da Rádio de Rua, as entrevistas têm curta duração, mas permitem algum aprofundamento dos assuntos, em função da condução do entrevistador e da disponibilidade dos entrevistados.

Já na segunda instância comunicacional da Rádio de Rua, essa dinâmica de perguntas e respostas imediatas se desenvolve em uma forma de conversa livre, sem esse caráter de entrevista.

Nessa segunda instância é possível perceber o potencial para aprofundar aspectos que emergem durante a conversa, conhecer questões que até então não haviam sido colocadas pelo pesquisador, a partir dos relatos dos moradores envolvidos nessa interlocução. Sua duração pode ser variável de acordo com a disponibilidade e o interesse do morador. Algumas dessas conversas informais se estenderam durante quase toda a duração da Rádio de Rua, e outras foram bem mais breves.

Ao contrário das entrevistas e conversas informais no âmbito da Rádio de Rua, que podem ser mais direcionadas e conduzidas de acordo com os interesses da pesquisa, a premissa de Projeção de Comentários repousa na ausência de entrevistas e, portanto, de escrito em forma de pergunta na interface gráfica.

É lançado um tema central durante o evento. As pessoas envolvidas tanto presencialmente, quanto as que acompanham remotamente pela transmissão em *livestreaming*, podem ser estimuladas por essa temática, e se dispor a comentar e discutir as questões formuladas. Mesmo assim, o comentário é livre, não tem a dinâmica de uma entrevista ou conversa face-a-face com *feedback* imediato. Os comentários podem ou não ser relacionadas ao tema proposto, como foi percebido também em determinados contextos. Essa forma de interação se traduz por uma expressão com possibilidade de alimentar uma interlocução, mas sem o pressuposto de *feedback* imediato.

2.4 Registro e material coletado

Dentro dos procedimentos realizados, foram utilizadas diferentes formas de registro e a coleta das informações, muito também em função dos dispositivos que estavam sendo utilizados em cada uma.

Na Rádio de Rua, por exemplo, foram usadas duas instâncias de registro, fundamentais para o entendimento posterior da prática em campo. O primeiro foi o registro fotográfico e filmográfico. Pelo menos dois pesquisadores se encarregavam dessa responsabilidade de fotografar e filmar as entrevistas que estavam sendo realizadas pelo microfone da Rádio de Rua, e registrar parte do entorno criado, moradores conversando entre si, moradores observando a Rádio de Rua, moradores conversando com os pesquisadores no âmbito das conversas informais. A partir disso, foi possível construir um banco de informações com esse material, que permite leituras a partir do contexto urbano e físico onde a Rádio de Rua foi realizada, dando a perceber níveis de interesses diversos por parte dos moradores a partir da presença da Rádio de Rua.

Uma outra importante forma de registro foi o diário de campo dos pesquisadores, escrito a partir, não somente, mas principalmente, das conversas informais que aconteceram no que consideramos como segunda instância comunicacional da Rádio de Rua (ver diagrama Rádio de Rua).

Essa forma de registro está assim sendo chamada por constituir um rico conjunto de informações sobre o que foi percebido e compreendido nessas conversas informais. No entanto, para esta pesquisa, o diário de campo não foi apenas um material de registro, mas um instrumental de pesquisa, uma derivação de procedimentos metodológicos da etnografia aplicados no âmbito desta pesquisa com a tentativa de abarcar, pelo menos em parte, a complexidade das questões que se queria entender.

No próximo item deste capítulo iremos discorrer em detalhes dos potenciais e limites do uso do diário de campo no âmbito desta pesquisa de mestrado.

3. Apontamentos sobre o uso de diário de campo

O diário de campo, como apresentado no capítulo 2 desta dissertação, foi de fundamental importância para se entender e acessar conteúdos referentes às pessoas e contextos pesquisados na medida em que é um instrumental possível para registro e posterior análise do que é coletado em conversas informais e que não passam por uma instância de registro clássica, como vídeos e fotografia, ou gravações de áudio. Ele é constituído a partir do registro de vivências em campo, em uma densa descrição, e seu potencial se coloca na medida em que sua natureza se torna mais analítica também. Essa prática, de acordo com Whyte (2005, p. 290), através de observação de “eventos interpessoais” pode fornecer importantes informações sobre organizações sociais em um dado contexto.

Como praticado e sugerido por autores que formulam práticas referentes ao uso do diário de campo, como Evans-Pritchard (1964 apud FONSECA, 2004) e Weber (2009), eles foram produzidos, sempre que foi possível, no mesmo dia ou, em alguns casos, na

manhã seguinte. Essa preocupação é importante para que não se percam os detalhes do que foi vivenciado em campo no momento da escrita.

Esse instrumental possibilitou a reunião de um material rico no sentido de fazer perceber os percursos da pesquisa. Isso não ocorreu de forma linear, mas após um lapso de tempo passado desde a escrita do diário de campo. Ao relê-los, pôde-se ter um olhar mais distanciado sobre a percepção do pesquisador em relação à ação no momento da escrita do diário de campo. Tal qual sugerido por Zaluar (1994), esses dados quando retomados após um certo distanciamento clarificam avanços e limites da pesquisa. Foi possível perceber sobressaltos no olhar do pesquisador sobre a experiência de pesquisa, seus pontos de vista acerca do contexto que estava sendo pesquisado, tornando possível uma reflexão crítica quanto à própria prática do pesquisador em campo.

Além disso, aspectos que foram escritos no diário de campo e que em uma primeira leitura, não pareciam ser relevantes em termos qualitativos à pesquisa, passaram a ser entendidos de outra forma e a assumir grande importância na pesquisa, tempos depois, já com outros entendimentos em mente.

A maior parte do material do diário de campo no âmbito da Rádio de Rua se constituiu a partir das conversas informais da instância comunicacional 2. Essas conversas se diferenciam muito das entrevistas que eram realizadas no microfone da Rádio de Rua, não apenas quanto à publicização das respostas no microfone e tempo de duração de cada entrevista, mas muito em função do tom que as conversas tinham.

O pesquisador se destituía da postura de entrevistador, e a conversa assumia um tom mais de exploração, de dar margem para emergir questões que não foram formuladas pelo pesquisador *a priori*.

Isso também reflete a postura adotada nessas conversas informais, não como uma relação onde se pressupõe um saber no pesquisador, pelo contrário. Essa relação pesquisador-pesquisado se dá a partir do entendimento de serem atores sociais em uma relação de troca, de interlocução, como proposto por Whyte (2005 [1943]), Bourdieu (2010 [1993]) e Feltran (2008).

4. Proposições, aprimoramentos e possibilidades de usos combinados entre os procedimentos

Alguns aspectos dos procedimentos testados não puderam ser implementados durante suas aplicações empíricas, mesmo que esses aspectos tenham sido formulados no processo de planejamento e concepção. Dentre os fatores que contribuíram para essa perda, tivemos dificuldades de acesso à internet em determinados contextos urbanos, onde também não se tinha acesso à rede 3G.

Portanto, nesta parte do capítulo serão apresentados os procedimentos tal qual formulados *a priori* e com revisões feitas após a pesquisa empírica, criando condições a partir disso para sugerir possíveis aplicabilidades, aprimoramentos, usos combinados entre os procedimentos como possibilidade de potencializar o acesso à informações específicas.

4.1 No âmbito dos procedimentos testados

A Rádio de Rua, enquanto procedimento readaptado para fins de pesquisa pelo Nomads.usp, pelas práticas do Instituto Pombas Urbanas em Cidade Tiradentes, tinha uma proposição do uso dos meios digitais formulada a partir de discussões realizadas no âmbito do Projeto Territórios Híbridos.

Nessa formulação inicial da Rádio de Rua, previa-se o uso de um gravador de áudio acoplado à caixa de som que, por sua vez, recebia e amplificava as entrevistas captadas pelo microfone. Esse registro é entendido como importante na medida em que permitiria, com áudio de boa qualidade, uma recuperação e sistematização precisa do que foi coletado a partir das entrevistas, e possibilitar uma leitura mais consistente desse material. Tinha-se, também, um entendimento da importância de se mapear as entrevistas de acordo com suas posições físicas referenciadas no conjunto habitacional, o que seria possível a partir do uso de um equipamento GPS acoplado ao carrinho da Rádio de Rua que fizesse esse mapeamento por conexão à internet via rede 3G, ou então, ao uso de uma câmera filmadora com GPS. Atualmente, o

Nomads.usp possui esse equipamento, mas no contexto da realização da Rádio de Rua, esse equipamento ainda não havia sido adquirido. Esse rastreamento das respostas geraria um mapa com as informações coletadas por condomínio ou área do conjunto, que poderia ser cruzado com as entrevistas e os pontos de vistas nelas expressos.

Outro potencial percebido a partir das entrevistas da Rádio de Rua está na sua formulação. No caso de se querer pesquisar modos de vida em um dado contexto, por exemplo, esse direcionamento deve estar claro no momento da formulação da temática central que irá direcionar as perguntas das entrevistas, e que a partir disso poderão atender mais precisamente a essa demanda específica de pesquisa. Como no caso dos procedimentos realizados o caráter era mais exploratório, para perceber as potencialidades do procedimento, a formulação das entrevistas não foi realizada com esse intuito. Nas duas vezes em que a Rádio de Rua foi realizada, em Cidade Tiradentes e no CDHU, tinha-se outro tema central e, em função disso, não se chegou a um entendimento mais detalhado acerca dos modos de vida. No entanto, a partir de fragmentos das respostas obtidas - e das conversas continuadas entre o entrevistador e entrevistado -, e pontos de vistas expressos pelas pessoas, percebemos potencial para se chegar ao entendimento mais amplo de modos de vida.

Essas informações poderiam ser comparadas com os registros das conversas informais em diário de campo, que fossem referenciadas geograficamente no conjunto habitacional, de forma que, ao cruzar essas informações, seria possível chegar a um mapa por áreas e condomínios com uma percepção mais acurada das respostas dadas, os pontos de vistas, expressões, e modos de vida.

O objetivo seria o de perceber eventuais concentrações espaciais de certas ideias, ou a diversidade de pontos de vistas em um mesmo condomínio, ou então, tornar claras disputas entre moradores de blocos distintos, como relatado em algumas entrevistas e conversas informais.

A Projeção de Comentários contém um campo para o mapeamento referenciando os lugares físicos de origem de cada comentário. Mas o preenchimento desse campo é facultado ao usuário. Seu uso obrigatório permitiria entender quantos e quais comentários partiram do evento e quantos partiram de outros lugares físicos. Além

disso, esse referenciamento geográfico poderia apontar o alcance deste procedimento, podendo também se propor um cruzamento desse referenciamento com um mapeamento do conteúdo dos comentários por palavras-chave, permitindo melhor entender como esses pontos de vistas, visões de mundo e modos de vida estão distribuídos geograficamente.

Uma possibilidade de experimentação discutida depois de implementados os procedimentos foi o uso deles de forma combinada, verificando o que seria possível obter com seus potenciais juntos e, qual alcance seria verificável. Por exemplo, a possibilidade de se realizar a Projeção de Comentários durante a Rádio de Rua acrescentaria a ela mais duas instâncias comunicacionais, e muitos outros *layers* de reflexão coletiva e interlocução que se poderiam constituir a partir disso. Os pensamentos expressos tanto nas entrevistas quanto nas conversas informais da Rádio de Rua poderiam complexizar-se a partir dos comentários projetados, adicionando a essa interlocução uma outra possibilidade de *input*.

A partir das percepções das potencialidades do uso de diário de campo para esta pesquisa, no sentido de coleta de informações e aproximação com as pessoas no âmbito dos procedimentos, também se coloca a possibilidade de se empreender o diário de campo no *Graffiti* Digital e na Projeção de Comentários. Isso permitiria uma apreensão mais densa de aspectos dos modos de vida, da vida cotidiana, de processos sociais, entre outros aspectos que se coloquem como objetivos investigativos, resultando em um material de registro que também pode ser revisto e recuperado posteriormente. A combinação da observação participante e diário de campo em pesquisas que envolvem o uso de meios digitais já foram empreendidas por outros pesquisadores, que relataram aspectos bastante positivos a partir dessas experiências. Por exemplo, Hampton (2001) a utilizou em caráter secundário de coleta de informações que retroalimentassem o projeto que estava sendo implementado em Netville e como forma de estabelecer laços de confiança com os moradores do local.

Essa aproximação entre o uso de procedimentos de métodos etnográficos e pesquisas que implementam os meios digitais já foi discutida por alguns teóricos que defendem o uso da etnografia como uma ferramenta para “compreender, descrever e capturar

os fenômenos sociais e culturais” sendo utilizados com caráter informador no papel que a tecnologia a ser implementada em dado contexto deve desempenhar. (BILANDZIC e FOTH, 2010, p. 70).

4.2 Potencialidades percebidas

Os três procedimentos testados se constituem como possibilidades para obtenção de informações em pesquisa qualitativa permitindo empreender interlocuções diversas, a partir de processos comunicacionais, com o uso dos meios digitais ou não. Isso representa, para desta pesquisa, um avanço no sentido de perceber questões mais subjetivas e menos acessíveis quando se usam outros instrumentos de investigação qualitativa, como mencionado neste capítulo anteriormente.

Nos procedimentos realizados, um aspecto perpassa todos eles: sua capacidade de permitir que todo o coletivo tenha acesso a um pouco do que se está pensando naquele lugar, durante o evento, do pensamento daquela massa, daquele coletivo, que é expresso pela escrita no âmbito da Projeção de Comentários, ou por interface gráfica no *Graffiti* digital ou pelas entrevistas amplificadas na Rádio de Rua.

Em todos eles, os processos comunicacionais se colocam como um âmbito de possível articulação e de compartilhamento, trocas, com possibilidades de *feedback*, contínuo ou não, síncrono ou assíncrono. Os meios digitais empreendidos se apresentam como constituidores de processos comunicacionais que podem ser alterados, revistos, e com potencialidades a “serem descobertas por experiência, não proclamadas de antemão”. (CASTELLS, 2003, p. 10).

CONCLUSÕES

Serão apresentadas aqui as principais conclusões a partir do que foi experiências desta pesquisa, assim como algumas considerações acerca do processo de pesquisa e do que foi percebido a partir dele.

A principal conclusão desta pesquisa diz respeito aos seus objetivos. A verificação dos limites e potencialidades do emprego das três atividades desenvolvidas no Projeto Territórios Híbridos - Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários - foi realizada tanto através de estudos bibliográficos (relativização de conceitos teóricos, exame de experiências com uso de procedimentos metodológicos clássicos, pesquisas anteriores, etc.) quanto em experimentos práticos em campo.

Nos três procedimentos testados, Rádio de Rua, *Graffiti* Digital e Projeção de Comentários, foi possível perceber potencial para obtenção de informação sobre os públicos participantes dos eventos, e no âmbito de conjuntos habitacionais, de seus moradores. Esse potencial também foi verificado e enriquecido a partir da complementação com derivações de procedimentos metodológicos etnográficos. Foram também constatadas diferentes possibilidades de interlocuções a partir de seu uso, assim como seu papel estimulador de processos comunicacionais, auxiliados pelo uso de meios digitais.

A escolha pela realização de experimentos práticos, nos quais os três procedimentos foram utilizados, permitiu uma série de observações e constatações acerca das dificuldades encontradas, tanto em termos técnicos, de desenvolvimento de interface, uso de dispositivos comunicacionais, quanto em termos de visões dos pesquisadores, aproximações com pessoas em um dado contexto de pesquisa. Isso que representou um grande aprendizado, e fez com que a investigação necessariamente buscasse em outros campos teóricos possibilidades de lidar com essas dificuldades encontradas, o que propiciou contato com pesquisadores de outras áreas, outras universidades, ampliando também o círculo de interlocutores nesse processo investigativo. Exemplo

disso foi o respaldo em termos de posturas como pesquisador, práticas em campo, registro em diário de campo, propiciados pelo estudo de derivações de procedimentos etnográficos, que contribuíram de modo geral para se estabelecer um contato inicial com indivíduos de um dado contexto e ter essa aproximação entre os pesquisadores e as pessoas mais facilitada.

Os procedimentos estudados nesta pesquisa de mestrado foram viabilizados pelo aporte do Projeto Territórios Híbridos, em função de sua estruturação e alcance a partir de parcerias com ONGs, coletivos, universidades, bandas musicais, mobilização de corpo de pesquisadores envolvidos desde discussões de formulação e planejamento dos procedimentos até o teste dos mesmos, que demandou grande envolvimento de pesquisadores para produção, acesso ao aparato tecnológico necessário - *tablets*, projetores, *notebooks*-, além da disponibilização dos dispositivos e interfaces utilizados nos procedimentos.

Para o processo da pesquisa, essa relação estreita com o projeto de políticas públicas proporcionou momentos de leituras e reflexões muito ricas, com a participação de outros pesquisadores do Nomads.usp e de membros das instituições e grupos de pesquisa parceiros, que ampliaram os horizontes desta pesquisa a partir da constituição de uma instância de interlocução. Um ganho no âmbito desta pesquisa que partiu de experimentações, que foram em muitos momentos passadas por relativizações e questionamentos de pesquisadores do núcleo a partir de posturas críticas.

Apesar desta pesquisa de mestrado compartilhar com o Projeto Territórios Híbridos interesses investigativos, no sentido de obtenção de informações acerca de pontos de vista, visões de mundo. No caso do projeto, esse interesse se dá nas ações culturais empreendidas em seu âmbito, com uma demanda por caracterização das opiniões das pessoas no público. Por outro lado, esta pesquisa de mestrado interessava em testar instrumentais que verificassem o potencial para coleta dessas informações e que abarcassem a complexidade da expressão de modos de vida, pontos de vistas e visões de mundo.

Apesar do respaldo fundamental do Projeto Territórios Híbridos para esta pesquisa, percebeu-se alguns limites para as verificações empíricas que se desejava empreender, justamente por estar no âmbito de um grande projeto de pesquisa, alguns dos procedimentos testados não puderam ser testados por mais vezes, devido às restrições de cronograma do projeto, ao grande esforço de produção que cada ação cultural demandava, e que o Nomads.usp naquele momento ainda não estava familiarizado. Apesar dos esforços da pesquisadora, esses fatores implicaram em uma resistência por parte dos pesquisadores do núcleo na aplicação dos procedimentos tal qual haviam sido formulados, como mencionado no capítulo 3, e na aplicação de mais vezes dos procedimentos com alterações alimentadas pelas experiências anteriores, possibilitando mais explorações e novas verificações.

A exemplo da Rádio de Rua, que foi realizada apenas em dois lugares com o caráter de obtenção de informações do público. Tanto no âmbito das entrevistas no microfone quanto no âmbito das conversas informais - principalmente - foram obtidas informações que poderiam corroborar num entendimento acerca de sua diversidade naquele dado contexto urbano e social, desde com mais realizações dos procedimentos para essa verificação. Como apresentado no capítulo 2, durante as conversas informais, tinha-se o relato de aspectos do cotidiano do indivíduo, muitas vezes em detalhes, falava-se das práticas nos espaços domésticos, na visão que ele tinha sobre o conjunto habitacional em que vivia, sobre a relação com familiares, a presença de usuários de drogas na família, uma série de aspectos que se investigados em maior profundidade. Acredita-se que, com mais idas à campo, poderia se ter reunido um material mais rico e específico para se entender e categorizar modos de vida nesses contextos. Questão que extrapolava a âmbito e recorte estebelecido para essa pesquisa de mestrado, mas que pode ser colocado como uma possibilidade a ser estudada em pesquisas futuras.

Por outro lado, percebeu-se uma dificuldade de registro em diário de campo relatada por alguns pesquisadores que por não estarem habituados a essa prática, após a realização dos procedimentos e grande esforço durante todo um dia de pesquisa de campo, não produziram o material de forma a acrescentar qualitativamente o que estava sendo medido na pesquisa. O que após a recuperação e análise dos diários de

campo produzidos a rigor do que havia sido estabelecido pode-se obter um material com muitos aspectos para leitura e análise e que podem também servir de leituras para outras investigações.

Para os pesquisadores, e especificamente, para estudos no campo da Arquitetura e Urbanismo, esta pesquisa representou uma experiência de reposicionamento crítico com relação às formas de se entender o contexto urbano, seus contextos relacionais, as estruturas sociais que nele estão imbricadas, e mais ainda, percebeu-se uma necessária revisão das posturas e abordagens dos pesquisadores em campo, para o qual, o olhar etnográfico apreendido a partir da leitura de pesquisas nesse âmbito, se constituiu como uma grande inspiração para as idas à campo durante a pesquisa de mestrado.

Uma leitura mais cognitiva e ampla dos *graffitis* produzidos no âmbito do *Graffiti Digital* foi inviabilizada, em função de demandar um respaldo teórico maior, e o envolvimento inclusive de pesquisadores de outros campos disciplinares nessa leitura. E que por outro lado, também, não estava nos limites de interesse e viabilidade em função do cronograma de atividades da pesquisa de mestrado.

No caso da *Projeção de Comentários*, pode-se perceber partes e fragmentos que refletem modos de vida, pontos de vista e visões de mundo, a partir de ponderações entre posturas políticas com relação ao uso de espaços público, ou proposições a esse respeito. Em outros momentos afirmavam-se gostos musicais mas que de acordo com o comentários se relativizaram a partir do evento realizado.

Nesta pesquisa, estava-se buscando verificar potencialidades de procedimentos para coleta de informações, esse potencial não somente foi percebido como teve-se um acréscimo ao que foi emergindo durante os procedimentos. Percebeu-se o potencial de uma forma de coleta de dados que se dá a partir de uma entrevista com possibilidade para replicações, como na *Rádio de Rua*, a partir da resposta do entrevistado, o entrevistador pode propor outras abordagens, levantar outras questões de acordo com o que se quer entender, e isso se constitui em um processo contínuo de interlocução, tal qual nas conversas informais também.

A possibilidade de *feedback* foi observada também no âmbito dos outros três procedimentos o que acrescentou uma complexização nas informações obtidas por esses procedimentos, que também diferentemente de procedimentos de métodos clássicos, as informações coletadas eram instantaneamente compartilhadas com o público, seja pela caixa de som da Rádio de Rua, seja pela Projeção e Interface de Comentários, seja pelo *Graffiti* Digital projetado, levando a pensar na combinação desses procedimentos como outras formas de acréscimo às coletas.

A partir desse estudo percebem-se caminhos possíveis para outras investigações. Pode-se aprofundar no uso de interfaces com grupos e pessoas, pode-se a partir de uma sistematização rigorosa e com ampla pesquisa empírica de validação pensar na construção de um método para coleta de dados a partir da estrutura proposta na Rádio de Rua, desde que guiado pelas instâncias necessárias e com recorte preciso do que se deseja pesquisa, e o que mais poderia ser pesquisado. Tem-se uma perspectiva de muitas possibilidades de usos e apropriações do que foi testado ou do que pode ser feito a partir disso, que é entendido como uma das contribuições deste trabalho, propiciar interlocuções entre pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, N. Modelos de determinação social das doenças crônicas não-transmissíveis. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.9, n.4, p.865-884, 2004.

ALMEIDA FILHO, N. Teoria do modo de vida e saúde. In: ALMEIDA FILHO, N. **A ciência da saúde**. São Paulo: Hucitec; 2000. p. 153-71.

BARROS, J. C. D. “Cidade” e “População”: reflexões sobre uma relação complexa. In: **Revista de História Regional** **12**, 2007. Disponível: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2242/1726>>. Acesso em: 27 mar 2012.

BAUMAN, Z. **A Vida Fragmentada**. Ensaios sobre a Moral Pós-Moderna. Relógio D’água Editores. Lisboa, 2007.

BILANDZIC, M.; FOTH, M. A review of locative media, mobile and embodied spatial interaction. **International Journal of Human- Computer Studies**, 2012, 70(1), pp. 66-71.

BOUDON, R. **La logique du social**. A lógica do Social. Paris, Hachette, 1979.

BOURDIEU, P. (coord.) **A Miséria do Mundo**. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAMPOS, R. Movimentos da imagem no Graffiti. Das ruas da cidade para os circuitos digitais. In: **VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/98.pdf>>. Acesso em: 20 out 2012.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **Communication Power**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2010.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 4.ed. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CRABTREE, A. **Designing Collaborative Systems: A practical guide to Ethnography**. Softcover, 2003.

CUFF, D. Immanent Domain: Pervasive Computing and the Public Realm. **Journal of Architectural Education**, University of California, Los Angeles, p.43-49, 2003.

DEWEY, J. **Art as Experience**. New York, 1934.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ELEB, M.; CHATELET, A. M.; MANDOUL, T. **Penser L'Habiter. Le logement en question**. Pierre Mardaga Editeur. Paris, França, 1988,

GIGLIA, ANGELA. La democracia en la vida cotidiana. Dos casos de gestión de condominios en la ciudad de México. **Alteridades** [en línea] 1996, vol. 6. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=74711339007>>. Acesso em: 03 jan 2012.

GUERRA, I. Modos de vida, novos percursos e novos conceitos. **Sociologia: Problemas e Práticas**, n. 13, p. 59-74, 1993.

FACINA, A. O Rio de Janeiro de Nelson Rodrigues: notas sobre experiência urbana e criação artística. In: **Anais Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, Cinco Séculos de Cidade no Brasil. V. 6, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/index>>. Acesso em: 2 ago 2011.

FONSECA, C. **Família, Fofoca e Honra**. UFRGS Editora, 2004.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&a, 2006, 1ª ed, 1992.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2003.

HAMPTON, K. N. **Living the wired life in the wired suburb**: Netville, glocalization and civil society. Thesis for the degree of Doctor of Philosophy in the Graduate Department of Sociology of the University of Toronto, 2001.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

INSTITUTO POMBAS URBANAS. Disponível em: <<http://pombasurbanas.org.br/>>.

KOCH, A. 2004. 'Nowhere and Now Here': The hybrid nature of communities and spaces. **Networks and Communication Studies**. NETCOM, v. 18, n. 3-4, p. 171-179., 2004.

LEMONS, A. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as Características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). In: **Comunicação Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 4, n. 10, p.23-40, 2007.

LE ROUX, H. Coffee manifesto: sampling instant and slow spaces in the African city. In: African Perspectives 2009. **The African Inner City: [Re]sourced**.

LEFEBVRE, H. **A Produção do Espaço**. Trad. Grupo "As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea", do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La Production de l'espace. 4ª Ed. Paris: Éditions Anthropes, 2000). Primeira versão: fevereiro de 2006.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social; Rev. Sociol.** USP, 4(1-2): 7-15, 1992. http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0412/CAMINHO_S.pdf

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RCBS)**, v. 17, n.49, junho, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. Transformaciones comunicativas y tecnológicas de lo público. **Metapolítica**, vol. 5, n.17, México, p. 46-55, 2001. Disponível em: <<http://www.mediaciones.net>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTINO, L. C. História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional. **Revista Eletrônica E-compós**, dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/e-compos>>.

MIYASAKA, E.; ANITELLI, F.; PRADO, M. F. **Avaliação Pós-Ocupação do Conjunto Habitacional Waldomiro Lobbe Sobrinho – CDHU: São Carlos_SP**. Trabalho apresentado como requisito da disciplina SAP 5879 – Tópicos Especiais: Avaliação Pós-Ocupação no Contexto do Processo de Projeto. Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

NOMADS.USP. **Resumo do projeto “Territórios Híbridos: meios digitais, comunidades e ações culturais”**, 2010.

OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução à Sociologia da Educação**. São Paulo, Atica, 2001

ORNSTEIN, S. **Avaliação pós-ocupação (APO) do ambiente construído**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

RHEINGOLD, H. **Comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

ROSA, M. V. . **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo**. Ed. Paulus, 2011.

SANTOS, D. M. dos. **Espaços híbridos na cidade: interfaces computacionais para comunidades locais**. 2008. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

SCHIECK, A. F.; PALMER, F.; PENN, A. e O’NEIL, E. **Sensing, Projecting, and Interpreting Digital Identity through Bluetooth: From Anonymous Encounters to Social Engagement**. 2011.

SERVA, M.; JAIME JR, P. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.1, p. 64-79, mai/jun, 1995.

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**: Paris, São Paulo, Tokyo. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.

TRAMONTANO, M. e QUEIROZ, F. Modos de vida, espaços de vida. In: DUARTE, C.R. e VILLANOVA, R. De, (org.) **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia**. Ed. Contracapa, 2013.

TRAMONTANO, M. **Vozes distantes**: organização e sociabilidade em comunidades informatizadas. 2002. Disponível em: <http://www.arquitetura.eesc.usp.br/sap5879/Vozes_distantes_nov02_final.pdf>. Acesso em: 14 dez 2012.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez, 2005.

VELHO, G.. Estilo de Vida Urbano e Modernidade, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p.227-8.

WEBER, F. A Entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: Por que censurar seu diário de campo?. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WIRTH, Louis: O urbanismo como modo de vida. In Velho, Otávio (org.), **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

WHYTE, W. F. **Sociedade de Esquina**. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.